

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Letícia Lucinda Meirelles

**A FATORAÇÃO DE ARGUMENTOS VERBAIS NO PB**

Belo Horizonte

2018

Letícia Lucinda Meirelles

## **A FATORAÇÃO DE ARGUMENTOS VERBAIS NO PB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva  
Linha de Pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical  
Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cançado

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M514f Meirelles, Letícia Lucinda.  
A fatoração de argumentos verbais no PB [manuscrito] / Letícia Lucinda Meirelles. – 2018.  
203 f., enc., il., (p&b).  
Orientadora : Márcia Cançado.  
Área de concentração : Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa : Estudos Na Interface Sintaxe e Semântica Lexical.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia : f. 157-169.  
Apêndice : f. 170-195.  
Anexos: f. 196-203.

1. Língua portuguesa – Semântica – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 4. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 5. Linguística – Teses. I. Cançado, Márcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### A fatoração de argumentos verbais no PB

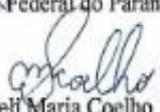
### LETÍCIA LUCINDA MEIRELLES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical.

Aprovada em 28 de setembro de 2018, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Gustavo Ximenes Cunha - presidente representante da orientadora Marcia Maria Cançado Lima  
UFMG

  
Prof(a). Maria José Gnatta Daleuche Foltran  
Universidade Federal do Paraná

  
Prof(a). Sueli Maria Coelho  
UFMG

  
Prof(a). Luana Lopes Amaral  
UFMG

  
Prof(a). Luisa Andrade Gomes Godov  
UFVJM

Belo Horizonte, 28 de setembro de 2018.

Ao meu querido pai, que me possibilitou chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, na vida acadêmica, agradeço à minha querida orientadora, a professora Márcia Cançado, por ter acompanhado, com carinho e dedicação, toda a minha trajetória acadêmica, desde a iniciação científica até a presente tese. Foi com ela que aprendi o que é Linguística e descobri a minha paixão por Semântica. Márcia, muito obrigada por tudo! Sem o seu incentivo, conhecimento e companheirismo eu não teria conseguido trilhar minha carreira. Você é a principal peça desse quebra-cabeça acadêmico.

Ainda na academia, agradeço às professoras Luísa Godoy e Luana Amaral pela excelente leitura que fizeram do meu texto de qualificação. Meninas, muito obrigada mesmo! As sugestões de vocês foram essenciais para o fechamento deste trabalho.

Agradeço, novamente, à Luisa Godoy e à Luana Amaral, e também aos professores Maria José Foltran, Sueli Coelho, Cândido de Oliveira e Seung-Hwa Lee, por terem aceitado participar de minha defesa como membros da banca avaliadora.

Também agradeço o apoio financeiro da FAPEMIG (bolsa de doutorado) e ao Poslin, por ter fornecido todo o suporte necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

Na vida pessoal, agradeço primeiramente ao meu pai, pois sem o apoio (emocional e financeiro) dele, eu não teria chegado até aqui. Meu pai querido, muito obrigada por confiar em mim e por estar sempre ao meu lado.

Agradeço à vó Soninha por ser a pessoa mais doce que já conheci e por me nutrir com toda a sua ternura. Ao padrinho Maurício e à tia Lulu pela amizade, pelo carinho, pelo incentivo, por me ajudarem nos momentos de dificuldade e pelos deliciosos encontros que sempre tivemos. À Ry querida, por alegrar a vida do meu pai e

por, conseqüentemente, alegrar a minha também. Além disso, é ela quem, na maioria das vezes, escuta os meus “chiliques”.

Por fim, agradeço ao José, meu amor, que embora tenha aparecido em minha vida apenas no início deste ano, veio como um presente para colorir meus dias e meus sorrisos e também para me ajudar a enfrentar os momentos de estresse com a escrita deste trabalho (além de ter feito as estruturas arbóreas no LaTeX para mim).

“Ideias verdes incolores dormem furiosamente”

Noam Chomsky

## RESUMO

Nesta tese, tomamos como objeto de estudo o fenômeno que denominamos de fatoração de argumentos verbais no português brasileiro. Esse fenômeno ocorre em pares de sentenças que constituem formas alternadas de se expressar um mesmo argumento verbal: em um único constituinte sintático (forma não fatorada) ou em dois constituintes distintos (forma fatorada), como nas sentenças *as palhaçadas do palhaço divertiram as crianças/o palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas*. As formas não fatorada e fatorada das sentenças estabelecem uma relação de paráfrase entre si, de modo que a fatoração de argumentos verbais se caracteriza pela descontinuidade do papel temático atribuído ao argumento complexo do tipo *as palhaçadas do palhaço*. Partimos do pressuposto que norteia os trabalhos na linha da Interface Sintaxe-Semântica Lexical de que são as propriedades semânticas dos verbos que determinam a sua participação nas alternâncias verbais. Utilizamos como referencial teórico a proposta de Papéis Temáticos como um grupo de propriedades semânticas acarretadas composicionalmente por um predador, proposta esta baseada em Dowty (1991) e em Franchi (2003 [1997]), sendo primeiramente apresentada em Cançado (2005) e revisada em Cançado e Amaral (2016). Concluímos que a fatoração de argumentos verbais é um fenômeno sintático-semântico bastante amplo no PB que dá origem a diferentes tipos de alternâncias verbais. Todas as alternâncias apresentam em comum o fato de serem motivadas pragmaticamente e de o argumento verbal fatorado ser um NP complexo formado a partir de uma relação de predicação nominal. No entanto, cada tipo de alternância tem restrições semânticas específicas. Em cada fatoração, essas restrições nos permitem agrupar os verbos em classes *coarse-grained*.

## ABSTRACT

In this thesis, we take as study object the phenomenon denominated ‘factoring of verb arguments’ in Brazilian Portuguese. This phenomenon occurs in pairs of sentences that constitute alternate forms of expressing the same verb argument: in a single syntactic constituent (unfactored form), or in two distinct constituents (factored form), as in the sentences *as palhaçadas do palhaço divertiram as crianças* ‘the clown's antics amused the children’/ *o palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas* ‘the clown amused the children with his antics’. The unfactored and factored forms of the sentences establish a relation of paraphrase between them. Therefore, factoring of verb arguments is characterized by the discontinuity of the thematic role attributed to the complex argument, such as *as palhaçadas do palhaço* ‘the clown’s antics’. Together with other works on the Syntax- Lexical Semantics Interface, we assume that the semantic properties of the verbs determine their participation in verb alternations. We assume as theoretical reference the proposal that Theta Roles are a group of semantic properties entailed by a predicate in a compositional way. This proposal is based on Dowty (1991) and on Franchi (2003 [1997]), being first presented in Cançado (2005) and reviewed in Cançado and Amaral (2016). We conclude that the factoring of verb arguments is a very broad syntactic-semantic phenomenon in BP that gives rise to different types of verb alternations. All alternations have in common the fact that they are pragmatically motivated and the fact that the factored verb argument is composed by a complex NP, which is formed by a type of nominal predication. However, each type of alternation has specific semantic constraints. In each factoring of verb arguments, these constraints allow us to group verbs into coarse-grained classes.

## LISTA DE SÍMBOLOS E SIGLAS

┆	relação de acarretamento
~┆	ausência de relação de acarretamento
┆┆	relação de paráfrase
~┆┆	ausência de relação de paráfrase
┆	contradição
*	agramaticalidade
?	dúvida em relação à gramaticalidade da sentença
!	sentença malformada semanticamente
#	inadequação da frase no contexto
NP	nominal phrase (sintagma nominal)
DP	determinant phrase (sintagma determinante)
PP	prepositional phrase (sintagma preposicionado)
CP	complementizer phrase (sintagma complementizador)
TopP	topic phrase (sintagma de tópico)
FocP	focus phrase (sintagma de foco)
IP	inflection phrase (sintagma flexional)
VP	verbal phrase (sintagma verbal)

AdvP            adverbial phrase (sintagma adverbial)

Os símbolos semânticos de acarretamento, paráfrase e contradição foram retirados de Cann (1993).

Os símbolos de ausência de relação de acarretamento e de ausência de relação de paráfrase foram retirados da tese de Amaral (2015).

O símbolo ‘#’ foi retirado de Rodrigues e Menuzzi (2009).

O símbolo ‘!’, indicando sentença malformada semanticamente, foi adotado nesta tese sem tomar outros trabalhos como base.

As siglas que representam a classificação dos constituintes sintáticos foram deixadas em inglês, seguindo a tradição dos trabalhos em Sintaxe Gerativa.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO .....	15
1 Introdução .....	15
1.1 Objeto de estudo e hipótese .....	17
1.1.2 Objetivos e justificativa .....	26
1.2 Metodologia .....	28
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO .....	32
1.1 A noção de argumento .....	32
1.2 Estrutura argumental e suas formas de representações .....	37
1.2.1 Papéis temáticos como um conjunto de propriedades semânticas discretas .....	42
1.3 Fatores pragmáticos motivadores de alternâncias verbais .....	54
CAPÍTULO 2: ANÁLISE SEMÂNTICA DO FENÔMENO .....	61
2.1 Alternâncias que veiculam a noção de concomitância .....	61
2.1.1 Fatoração do argumento estativo .....	64
2.1.2 Fatoração do argumento desencadeador do evento .....	79
2.1.3 A alternância com os verbos recíprocos: um caso de fusão de argumentos .....	90
2.2 Alternâncias parte-todo.....	95
2.2.1 Fatoração do argumento afetado com verbos de contato físico .....	97
2.2.2 Fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos .....	108
2.3 Generalizações semântico-pragmáticas .....	116
CAPÍTULO 3: O MAPEAMENTO SEMÂNTICO-SINTÁTICO DA FORMA FATORADA DAS SENTENÇAS .....	126
3.1 Argumentos fatorados são dois constituintes sintáticos distintos .....	126
3.2 O Critério-Theta na forma fatorada das sentenças.....	138

3.3 A fatoração do argumento complexo.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	150
REFERÊNCIAS .....	157
APÊNDICE .....	170
ANEXO .....	196

## APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

### 1 Introdução

Esta tese insere-se na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, que assume que determinadas propriedades semânticas dos verbos podem determinar alguns de seus comportamentos sintáticos. Nosso objetivo principal é mostrar que o amplo fenômeno linguístico do português brasileiro (PB) que denominamos de “fatoração de argumentos verbais” é um desses comportamentos sintáticos restritos por algumas propriedades semânticas, além de outros fatores sintáticos e pragmáticos também. Esse fenômeno caracteriza-se pela distribuição de um único argumento verbal em duas posições sintáticas distintas, o que gera a descontinuidade do papel temático (BRUNSON, 1992, 1993) atribuído pelo verbo ao seu argumento complexo.

Ainda é importante ressaltar que o estudo que aqui apresentamos enquadra-se na gama de trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical da UFMG (NuPeS), que tem como programa de pesquisa central o estudo da estrutura semântica dos verbos do PB e sua relação com propriedades sintáticas, programa este desenvolvido pela professora Márcia Cançado desde 1995. Esse trabalho de pesquisa, atualmente, encontra-se refletido na classificação sintático-semântica dos verbos do PB em um banco de dados de acesso livre, em que muitos dos verbos e respectivas classificações analisados pelos participantes do NuPeS estão disponibilizados. Esta tese tem, então, como um de seus objetivos integrar os dados desse banco, denominado “VerboWeb”<sup>1</sup>. O VerboWeb (banco de dados e análises do léxico verbal do PB) está

---

<sup>1</sup> <http://www.lettras.ufmg.br/verboweb/>

sendo desenvolvido por Márcia Cançado (UFMG), por Luana Amaral (UFMG) e por mim, autora da presente tese, desde o início de 2017. Voltamos o foco de nossa pesquisa para a análise daqueles verbos que se encontram no banco atualmente, com o intuito de verificar quais deles permitem a fatoração de um de seus argumentos em duas posições sintáticas. Analisamos, portanto, o fenômeno da fatoração de argumentos em verbos de diferentes tipos, dentre os quais citamos: verbos de mudança de estado opcionalmente agentivos (*quebrar, machucar, etc*), verbos de mudança de estado agentivos (*lavar, apontar, etc*), verbos psicológicos (*preocupar, temer, amar etc*), verbos instrumentais (*chicotear, esfaquear, etc*), verbos de atividade com contato (*beijar e morder, etc*), entre outros. Nosso foco, será, assim, a análise de verbos que denotam ações ou estados, duas grandes categorias semânticas que expressam as eventualidades no mundo. A categoria das ações engloba verbos que denotam o princípio de uma situação<sup>2</sup> que pode ou não ter um fim (como *beijar, abraçar, quebrar, machucar, preocupar, chicotear, esfaquear, lavar e apontar*), enquanto a categoria dos estados engloba verbos que remetem a estados de indivíduos (como *amar e temer*). Não focamos, nesta tese, na análise da categoria dos verbos puramente processuais, que agrupa verbos que denotam o meio e o fim de uma situação, como *receber, chegar, capotar*, entre outros, pois esses verbos ainda não estão presentes no banco de dados VerboWeb e ainda precisam de análises mais acuradas sobre sua classificação sintático-semântica.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Seguindo Bach (1986) e Cançado e Amaral (2016), chamaremos de “situações” ou “eventualidades” verbos de ação, de estado e de processo. Já o termo “evento” será utilizado para se referir apenas aos verbos de ação e de processo.

<sup>3</sup> Analisamos apenas a forma processual (forma incoativa) da classe dos verbos de mudança de estado, pois esses verbos já estão no VerboWeb.

O trabalho está organizado da seguinte forma: neste primeiro capítulo, apresentamos o trabalho de forma geral; no capítulo 2, explicitamos a abordagem teórica adotada; no capítulo 3, fornecemos as restrições semânticas e pragmáticas para os diferentes tipos de alternâncias que oriundam da fatoração de argumentos verbais; no capítulo 4, mostramos como funciona o mapeamento semântico-sintático das sentenças fatoradas; o capítulo 5 conclui o trabalho. Os dados formulados para a realização desta pesquisa encontram-se no Apêndice e a parte deles que já se encontra no banco de dados VerboWeb está no Anexo.

### **1.1 Objeto de estudo e hipótese**

O fenômeno linguístico que analisamos nesta tese é conhecido por diferentes rótulos na literatura: “*possessor-attribute factoring alternations*” (VAN OOSTEN, 1980; LEVIN, 1993; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017), “inversão” (CANÇADO, 1995) ou “papel temático descontínuo” (BRUNSON, 1992, 1993), para os trabalhos em Semântica, e “posse externa”, para os trabalhos em Sintaxe Gerativa (PERLMUTTER; POSTAL, 1972; VERGNAUD; ZUBIZARRETA, 1992; LANDAU, 1999; DEAL, 2017, entre outros). Propomos a terminologia “fatoração de argumentos verbais”, pois acreditamos que ela é a que melhor representa o fenômeno em questão, que se caracteriza pelo o fato de um único argumento do verbo aparecer fatorado em duas posições sintáticas distintas.

Segundo Brunson (1992), a descontinuidade temática ou fatoração de argumentos, como denominamos, ocorre quando um único argumento, seja um

argumento verbal ou da preposição (adjunto verbal), ocupa duas posições sintáticas distintas, configurando, assim, um papel temático descontínuo.<sup>4</sup>

Vejamos o seguinte exemplo do inglês apresentado pela autora.

(1) John met Mary [on Wednesday] [at 3 o'clock].

‘John encontrou Mary [na quarta] [às 3 horas].’

(BRUNSON, 1992, p. 35)

O verbo *meet* ‘encontrar’ é biargumental, de modo que as expressões entre colchetes, [*on Wednesday*] e [*at 3 o'clock*], são adjuntos verbais. De acordo com Brunson (1992), embora denotem tempo, essas expressões são dois constituintes distintos, pois a ordem em que aparecem é irrelevante (exemplo (2)) e elas aceitam um constituinte intermediário entre si (exemplo (3)):

(2) John met Mary at 3 o'clock on Wednesday.

‘John encontrou Mary às 3 horas na quarta-feira.’

(3) John met Mary at 3 o'clock in the park on Wednesday.

‘John encontrou Mary às 3 horas, no parque, na quarta-feira.’

(BRUNSON, 1992, p. 36)

---

<sup>4</sup> Brunson (1992, 1993) argumenta que a descontinuidade temática pode abranger não só argumentos verbais, mas também adjuntos, como o papel temático de Locativo na sentença *o rapaz viu a jovem em Belo Horizonte no zoológico*. Segundo a autora, os dois sintagmas preposicionados em negrito são adjuntos verbais que desempenham o papel semântico de Locativo. A fim de delimitar melhor nosso objeto de estudo, trabalharemos apenas com a descontinuidade temática de argumentos verbais.

Assim, as sentenças de (1) a (3) apresentam o papel temático Tempo distribuído em dois constituintes distintos, sendo, portanto, exemplos de descontinuidade temática.

Contudo, embora sejam dois constituintes sintáticos distintos, essas expressões temporais não são independentes, de modo que não podemos combinar expressões não relacionadas temporalmente:

(4) !John met Mary on Wednesday on Thursday.

‘!John encontrou Mary na quarta na terça.’

(5) !John met Mary at 3 o’clock at 2 o’clock.

‘!John encontrou Mary às 3 às 2 horas.’

(BRUNSON, 1992, p. 37)

De acordo com Brunson (1992), os exemplos em (4) e (5) não podem ser interpretados como se houvesse uma conjunção entre os sintagmas temporais, ou seja, como se fossem encontros separados em espaços de tempo distintos: *John met Mary (both) on Wednesday and on Thursday* ‘John encontrou Mary tanto na quarta quanto na terça’/ *John met Mary (both) at 3 and at 2 o’clock* ‘John encontrou Mary tanto às 3 quanto às 2 horas’. Na leitura de constituinte descontínuo, deve-se ter a interpretação de um único encontro em um mesmo espaço de tempo. Nessa interpretação, as frases em (4) e (5) são malformadas semanticamente devido à falta de compatibilidade entre os constituintes que denotam tempo.<sup>5</sup> Portanto, Brunson (1992) conclui que deve haver uma relação do tipo genérico-específico entre os constituintes descontínuos, pois é

---

<sup>5</sup> Chamamos de “sentenças malformadas semanticamente” as sentenças, cuja sintaxe está correta, mas que apresentam um problema de interpretação. Esse problema difere-se das noções semânticas de anomalia e contradição.

necessário que um constituinte denote uma parte mais específica do outro para que haja a descontinuidade temática: em (1) o sintagma *às 3 horas* é mais específico do que o sintagma *na quarta-feira* e, por isso, o papel de Tempo pode distribuir-se por esses dois constituintes.

Vejamos um outro exemplo de descontinuidade temática (ou fatoração do argumento verbal como nomeamos) apontado pela autora: as construções de tópico do inglês com *'as for'*. Essas são sentenças que introduzem uma expressão mais geral retomada posteriormente por uma expressão mais específica.

(6) *As for fruit, I like bananas.*

'Em relação a frutas, eu gosto de bananas.'

(BRUNSON, 1992, p. 81)

Brunson (1992) argumenta que *fruit* e *bananas* dividem o mesmo papel temático, embora não entre em detalhes sobre a natureza desse papel. O que evidencia que esses dois sintagmas nominais são constituintes descontínuos é o fato de apresentarem uma relação genérico-específico entre si, de modo que, quando essa relação não é seguida, a sentença fica malformada semanticamente.

(7) *!As for apples, I like bananas.*

'!Sobre maçãs, eu gosto de bananas.'

(BRUNSON, 1992, p. 81)

Portanto, a autora conclui que a descontinuidade temática, tanto em argumentos verbais quanto em argumentos de preposições, ocorre quando há uma relação de

continência entre os constituintes fatorados, de modo que cada constituinte deve ter um grau diferente de especificidade de um único papel temático. Brunson (1992) nomeia essa relação entre os constituintes de relação “genérico-específico”, na qual o item mais genérico (*quarta-feira e frutas*) contém o mais específico (*3 horas e bananas*).

Tendo visto como a fatoração de argumentos é tratada no trabalho de Brunson (1992), passemos agora para o trabalho de Levin (1993), que aponta a existência desse fenômeno como um tipo de alternância no inglês.

A autora trata de um tipo de alternância no inglês chamada de “*possessor-attribute factoring alternation*”. Essa alternância advém da dupla possibilidade de ocorrência da relação entre um possuidor e seu atributo ou atividade, que são interpretados genericamente como a “coisa possuída”: possuidor e coisa possuída podem ser expressos em um único sintagma nominal, que pode ser o sujeito ou o objeto do verbo; ou em dois sintagmas distintos, de modo que um vem na posição de sujeito ou na de objeto e o outro aparece em forma de um sintagma preposicionado.

Para Levin (1993), há 3 tipos de *possessor-attribute factoring alternation* com verbos transitivos: (i) o sintagma que denota o possuidor ocupa a posição de objeto, enquanto seu atributo é expresso em adjunção; (ii) o atributo ocupa a posição de objeto, enquanto o possuidor é expresso em adjunção e; (iii) o possuidor ocupa a posição de sujeito e o seu atributo/atividade é expresso em adjunção. Exemplos desses fenômenos são mostrados a seguir na ordem em que foram listados neste parágrafo.

(8) a. They praised the volunteer’s dedication.

‘Eles elogiaram a dedicação dos voluntários.’

b. They praised the volunteer’s for their dedication.

‘Eles elogiaram os voluntários pela sua dedicação.’

- (9) a. I admired his honesty.  
 ‘Eu admiro a sua honestidade.’  
 b. I admired the honesty in him.  
 ‘Eu admiro a honestidade nele.’
- (10) a. The clown’s antics amused the children.  
 ‘As palhaçadas do palhaço divertiram as crianças.’  
 b. The clown amused the children with his antics.  
 ‘O palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas.’

(LEVIN, 1993, pgs. 73, 74, 77)

Nas sentenças em (8a) e (9a) os sintagmas nominais *the volunteer’s dedication* ‘a dedicação dos voluntários’ e *his honesty* ‘sua honestidade’ formam um único constituinte que ocupa a posição de objeto direto dos verbos *praise* ‘elogiar’ e *admire* ‘admirar’. Em (8b) e (9b), esses sintagmas encontram-se fatorados na posição de objeto, *the volunteers* ‘os voluntários’ e *the honesty* ‘a honestidade’, e na posição de adjunto como sintagma preposicionado *for their dedication* ‘por sua dedicação’ e *in him* ‘nele’. Contudo, em (8b), é o possuidor (*the volunteers* ‘os voluntários’) que fica na posição de objeto, enquanto o atributo (*dedication* ‘dedicação’) vai para a posição de adjunto. Já em (9b), é o atributo (*the honesty* ‘a honestidade’) que permanece na posição de objeto enquanto o possuidor (*him* ‘nele’) aparece em adjunção.

Já a sentença em (10a) apresenta como sujeito o sintagma nominal *the clown’s antics* ‘as palhaçadas do palhaço’. O verbo *amuse* ‘divertir’ atribui a esse sintagma o papel temático de Causa do estado psicológico referido pelo verbo (VAN OOSTEN 1980; LEVIN, 1993). Em (10b) esse papel temático é fatorado em dois constituintes sintáticos distintos, uma vez que o sintagma nominal *the clown’s antics* ‘as palhaçadas

do palhaço’ encontra-se distribuído na posição de sujeito *the clown* ‘o palhaço’ e na posição de adjunto como sintagma preposicionado *with his antics* ‘com suas palhaçadas’. É importante ressaltar que Levin (1993) lista os verbos que participam de cada alternância, mas não determina quais propriedades semânticas as licenciam.

Baseadas, então, em Levin (1993) e em Brunson (1992), definimos a fatoração de argumentos verbais como um fenômeno sintático-semântico bastante amplo que ocorre quando um argumento verbal encontra-se fatorado em duas posições sintáticas distintas: em sua posição de origem (sujeito ou objeto) e em outra posição sintática (como a de adjunto), que se caracteriza por não ser uma posição argumental marcada na entrada lexical do verbo. Retomemos o exemplo em (10), já traduzido para o PB.

- (11) a. As palhaçadas do palhaço divertiram as crianças.  
 b. O palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas.

Chamaremos os exemplos como em (11a) de “forma não fatorada” da sentença e os exemplos como em (11b), de “forma fatorada” da sentença.

Na forma fatorada da sentença há a descontinuidade do papel temático recebido pelo argumento verbal em sua forma não fatorada. Evidenciamos isso, mostrando que as duas formas da sentença são paráfrases, ou seja, estabelecem uma relação de acarretamento mútuo entre si.

- (12) a. ⊢ As palhaçadas do palhaço divertiram as crianças, mas o palhaço não divertiu as crianças com suas palhaçadas.  
 b. ⊢ O palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas, mas as palhaçadas do palhaço não divertiram as crianças.

Ao coordenarmos a afirmação da sentença não fatorada com a negação da sentença fatorada, ou vice-versa, temos frases contraditórias, o que mostra que as formas fatorada e não fatorada da sentença, de fato, são sinônimas. Se a preposição *com* estivesse atribuindo algum papel adicional ao NP *suas palhaçadas*, as sentenças não estabeleceriam uma relação de paráfrase entre si, pois apresentariam papéis temáticos distintos. Assim, na sentença em (11b), o mesmo papel de Causa encontra-se distribuído nas posições de sujeito e de adjunto.<sup>6</sup>

Ainda é importante ressaltar que, em todos os casos de fatoração que analisamos, há uma relação anafórica necessária entre os constituintes fatorados. Cançado, Godoy e Amaral (2017) já apontam a existência dessa relação para casos como o apresentado em (11). No exemplo em questão, a relação anafórica é estabelecida através da anáfora com o pronome possessivo *suas* no PB.

Mostramos, até então, alguns exemplos de fatoração de argumentos que ocorrem no inglês e no PB e, neste ponto, listamos as alternâncias do PB que compõem o nosso objeto de estudo, juntamente com o exemplo (11).

- (13) a. Os fiéis temem a força de Deus.  
 b. Os fiéis temem Deus por sua força.
- (14) a. O cachorro mordeu a perna da menina.  
 b. O cachorro mordeu a menina na perna.
- (15) a. O ponteiro do relógio estragou.  
 b. O relógio estragou o ponteiro.

---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que a preposição *com* não é uma preposição predicadora nesse exemplo, pois o papel temático de Causa é atribuído pelo próprio verbo ao NP *suas palhaçadas*.

Como mostrado em (8), Levin (1993) considera o exemplo em (13) um subtipo de *possessor-attribute factoring alternation*. Essa alternância é mostrada por Cançado (1995) para os verbos psicológicos do PB. Nesse exemplo, o sintagma nominal *a força de Deus*, que se encontra na posição de objeto direto em (13a), é fatorado em dois sintagmas, na posição de objeto e na posição de adjunção como sintagma preposicionado encabeçado pela preposição *por*, na sentença em (13b).

De acordo com Levin (1993), as sentenças em (14) são chamadas no inglês de “*body-part possessor ascension alternation*” e ocorrem com verbos que apresentam um objeto direto que denota a relação entre um indivíduo e parte de seu corpo.

Por fim, as sentenças em (15) são conhecidas como “alternância parte-todo” no PB (CANÇADO, 2010; CANÇADO; GODOY; AMARAL; 2017; CANÇADO; GONÇALVES, 2016) ou como “*unintentional interpretation with body-part object*” (LEVIN, 1993) no inglês. Nesse tipo de sentenças, o sintagma que denota a relação entre uma entidade e uma parte da mesma é fatorado em duas posições sintáticas.

Consideramos, juntamente com Levin (1993), a fatoração de argumentos um tipo de alternância, uma vez que entendemos por alternância verbal qualquer forma de reorganização da expressão dos argumentos de um verbo (LEVIN, 1993; CANÇADO, 2010) e não apenas a alternância entre uma forma transitiva e uma intransitiva.

Trabalhamos com a hipótese da determinação semântica sobre a sintaxe, segundo a qual são as propriedades semânticas dos verbos que determinam a participação dos mesmos em tipos específicos de alternância. Nosso trabalho segue, portanto, o pressuposto das chamadas “teorias de projeção” (LEVIN E RAPPAPORT HOVAV, 2005), que afirmam que a estruturação sintática dos argumentos verbais é motivada pela semântica do verbo. Assim, o objetivo das teorias da Interface Sintaxe-Semântica Lexical que assumem esse pressuposto é propor representações semânticas

para os verbos que possam servir de base para a explicação de sua sintaxe. É isso o que faremos nesta tese para o fenômeno da fatoração de argumentos verbais.

### **1.1.2 Objetivos e justificativa**

Esta tese apresenta os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- contribuir para a descrição do sistema linguístico do PB através da análise de um amplo fenômeno sintático-semântico que vem sendo tratado de forma fragmentada e secundária nos estudos dessa língua.

Objetivos específicos:

- mostrar os diferentes tipos de alternâncias que se originam da fatoração de um dos argumentos verbais em duas posições sintáticas;
- definir quais propriedades semânticas permitem a ocorrência das alternâncias específicas;
- verificar se essas propriedades semânticas são apenas de caráter verbal;
- verificar se há alguma propriedade semântica em comum entre todas as alternâncias analisadas.

A realização desta pesquisa justifica-se, pois, embora a fatoração de argumentos verbais seja um fenômeno bem amplo no PB (em nosso levantamento, encontramos pelo menos 713 verbos que permitem a fatoração de um de seus argumentos em dois constituintes sintáticos distintos), não há nenhum trabalho que agrupe as alternâncias que apresentamos na seção anterior como instanciações de um único fenômeno. Alguns trabalhos como de Cançado (2010) e Cançado e Gonçalves (2016) apresentam as restrições para a alternância apresentada em (15) - *o ponteiro do relógio estragou/ o relógio estragou o ponteiro* -, mas não a tratam como um caso de fatoração de argumentos. O trabalho de Cançado (1995) menciona a existência do fenômeno da “inversão” para os verbos psicológicos do tipo *temer* (exemplo (13)), mas não analisa o fenômeno em si. Também nesse último trabalho e no de Cançado, Godoy e Amaral (2017), é mencionada a existência da fatoração apresentada no exemplo em (11) – *as palhaçadas do palhaço divertiram as crianças/ o palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas* -, mas não é feita uma análise do fenômeno, pois o foco das autoras é outro: descrever o comportamento sintático-semântico dos verbos psicológicos do PB, no caso de Cançado (1995), e apresentar as classes de verbos de mudança de estado do PB, no caso de Cançado, Godoy e Amaral (2017).

Além disso, na linha da Interface Sintaxe-Semântica Lexical é considerado importante definir quais propriedades semânticas permitem o comportamento sintático dos verbos e o nosso trabalho faz isso para os diferentes tipos de alternâncias que se oriundam da fatoração de um argumento verbal.

## 1.2 Metodologia

Como mencionamos anteriormente, esta tese faz parte da ampla gama de trabalhos orientados pela Professora Márcia Caçado, criadora do NuPeS. Assim, adotamos uma metodologia de pesquisa recorrente nos trabalhos do Núcleo, que consiste basicamente em duas grandes etapas: coleta de verbos e análise dos dados à luz do referencial teórico adotado, que será explicitado no capítulo seguinte.

Para a coleta de dados, utilizamos os procedimentos listados a seguir.

(i) Através do trabalho de Caçado (1995), coletamos 30 verbos do tipo *temer* que permitem a fatoração de um de seus argumentos, como mostramos no exemplo (13). Durante essa coleta, percebemos, por meio de nossa intuição, que outros verbos, diferentes dos apontados pela autora, realizam o mesmo tipo de fatoração de argumento que os verbos do tipo *temer*. Esses são verbos como *aplaudir* (*o público aplaudiu a excelente atuação do artista/o público aplaudiu o artista por sua excelente atuação*) e *elogiar* (*o pai elogiou a honestidade do filho/ o pai elogiou o filho por sua honestidade*). Fizemos uma coleta dos outros verbos que realizam esse tipo de fatoração de argumento através do dicionário de Borba (1990) e encontramos mais 37 verbos além dos apontados por Caçado (1995). Para cada um deles formulamos uma sentença na forma não fatorada e uma na forma fatorada.

(ii) Através do banco de dados VerboWeb, coletamos 271 dados da chamada “alternância parte-todo”, exemplificada em (15). Esses dados já se encontram presentes no banco, pois, embora ainda não tivessem sido considerados como casos de fatoração de argumento, essa alternância já havia sido analisada nos trabalhos de Caçado (2010)

e Caçado e Gonçalves (2016). Além desses dados, listamos, baseadas no trabalho de Caçado e Gonçalves (2016), mais um tipo de verbo (*bater*), que ainda não se encontra no VerboWeb.

(iii) Também por meio do VerboWeb, coletamos 208 exemplos da fatoração mostrada em (11). Esses dados já se encontram no banco, pois sua existência já havia sido notada no trabalho de Caçado, Godoy e Amaral (2017). Durante a observação dos dados, percebemos, intuitivamente, que outros verbos, os da classe de *iluminar* (*os raios reluzentes do sol iluminaram a sala/ o sol iluminou a sala com seus raios reluzentes*), também fazem o mesmo tipo de fatoração. Assim, verificamos quais outros verbos presentes no VerboWeb realizam a fatoração mostrada em (11). Encontramos mais 21 verbos e formulamos para cada um deles uma sentença na forma fatorada e uma na forma não fatorada.

(iv) Por fim, observamos os demais verbos do VerboWeb com o intuito de verificar se havia algum outro tipo de fatoração de argumentos que eles poderiam realizar e, dessa observação, surgiu o caso mostrado em (14). Encontramos 145 verbos que realizam essa alternância e, para cada um deles, formulamos uma sentença na forma não fatorada e uma na forma fatorada.

Os dados que formulamos foram criados intuitivamente e muitas vezes foram checados em ferramentas de buscas na internet, como o site Google. A utilização dos dados de intuição justifica-se, pois, nas pesquisas de cunho formalista, é importante a distinção entre sentenças gramaticais e agramaticais, o que faz com que seja necessário lidarmos com formas inexistentes na língua. De acordo com Laporte (2208), é a partir

da evidência negativa (CHOMSKY, 1957) que conseguimos distinguir o que é e o que não é permitido na língua, podendo, assim, fazer generalizações sobre o funcionamento do sistema linguístico. Além disso, acreditamos que a busca por meio de uma listagem pré-existente de verbos é mais adequada para a nossa pesquisa, pois já que buscamos fazer uma ampla classificação dos verbos que permitem a fatoração de um de seus argumentos, a busca em textos reais poderia nos levar a um número pouco representativo de dados, de modo que ficaríamos limitados aos exemplos encontrados nos textos analisados.

Após termos coletado e formulado nossas sentenças, separamos nossos verbos em grupos de acordo com o tipo de fatoração que realizam. Assim, os verbos foram separados em 4 grupos: os que realizam a fatoração exemplificada em (11 – *as palhaçadas do palhaço divertiram as crianças/ o palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas*), que chamamos de “fatoração do argumento desencadeador do evento”; os que fazem a fatoração mostrada em (13 – *os fiéis temem a força de Deus/ os fiéis temem Deus por sua força*), que denominamos de “fatoração do argumento estativo”; os que participam da alternância em (14 – *o cachorro mordeu a perna da menina/ o cachorro mordeu a menina na perna*), que chamamos de “fatoração do argumento afetado com contato físico”; e os que realizam a fatoração apresentada em (15 – *o ponteiro do relógio estragou/ o relógio estragou o ponteiro*), que nomeamos de “fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos”. Cada um desses subtipos de alternâncias oriundas da fatoração de um dos argumentos verbais será analisado nos capítulos 3 e 4.

Em cada classe definimos, através da proposta de papéis temáticos enquanto propriedades semânticas discretas revisada por Cançado e Amaral (2016), qual o papel temático o verbo atribui para o argumento passível de ser fatorado. Também analisamos quais as propriedades semânticas (dos verbos e de seus argumentos fatorados)

delimitam a realização das alternâncias. A proposta revisada de Cançado e Amaral (2016) assim como os testes sintático-semânticos e pragmáticos utilizados (testes de acarretamento, de contradição, de constituência e de estrutura informacional, entre outros) serão mais bem apresentados e explicados no capítulo seguinte e no decorrer de nossa análise.

## CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 A noção de argumento

Como estamos lidando com o fenômeno que denominamos de “fatoração de argumentos verbais”, faz-se necessário definirmos o que entendemos por argumento verbal. Para essa definição, adotamos a proposta de Cançado (2009).

A noção de argumento vem da lógica, na qual um item, que não possui sentido completo (saturado), chamado de predicador, pede um determinado número de outros itens, chamados de argumentos, para ter o seu sentido completo. Essa é a noção adotada pela Gramática Gerativa e, nessa teoria, os argumentos de um verbo estão diretamente associados às posições sintáticas de sujeito e de objeto. As expressões que não ocupam essas posições são consideradas adjuntos. Vejamos um exemplo dado por Miotto, Silva e Lopes (2000), *apud* Cançado (2009).

(16) O João encontrou a Maria na semana passada.

(CANÇADO, 2009, p. 38)

De acordo com Miotto, Silva e Lopes (2000), o verbo *encontrar* toma apenas dois argumentos para saturar o seu sentido, sendo eles: *o João*, que ocupa a posição de sujeito, e *a Maria*, que ocupa a posição de objeto. O momento em que ocorreu o encontro não completa o sentido do verbo *encontrar* e, portanto, a expressão *na semana passada* ocupa a posição de adjunto.

Embora essa classificação adotada pela Gramática Gerativa pareça simples, ela não o é. Como aponta Cançado (2009), nem sempre há um consenso entre os autores a

respeito do número de argumentos que um verbo toma para ter o seu sentido saturado. A autora mostra o caso do verbo *comprar*, que recebe diferentes classificações quanto à sua transitividade. Alguns autores, como Raposo (1992), *apud* Cançado (2009), o classificam como um predicador de três lugares, que precisa de três argumentos para saturar o seu sentido: um que ocupa a posição de sujeito e dois complementos (*o Pablo comprou o computador da Joana*). Outros autores, por sua vez, como Miotto, Silva e Lopes (2000), também *apud* Cançado (2009), o classificam como um predicado de apenas dois lugares, de modo que seus argumentos correspondem às posições de sujeito e de objeto direto (*o Pablo comprou um computador*).

Na tentativa de se chegar a um consenso sobre o número de argumentos que um verbo toma para ter seu sentido saturado, Cançado (2009) propõe que “os argumentos de um predicador, no caso mais específico, de um verbo, são todas as informações de sentido, ou propriedades semânticas, acarretadas lexicalmente por esse verbo para que seu sentido se sature” (CANÇADO, 2009, p. 44). A autora utiliza, em sua definição, um instrumento formal de análise, chamado de acarretamento lexical (DOWTY, 1991). Embora a noção de acarretamento seja entendida basicamente como uma relação entre duas sentenças (a sentença *hoje eu comi uma maçã* acarreta a sentença *hoje eu comi uma fruta*), Dowty (1991) propõe que os itens lexicais podem acarretar propriedades semânticas que não podem ser negadas. Assim, o verbo *comprar*, como mostra Cançado (2009), acarreta que “*alguém compra algo de alguém por um determinado valor*”. Portanto, esse verbo toma quatro argumentos para ter o seu sentido completo.

É importante ressaltar que, na proposta de Cançado (2009), os argumentos não estão somente associados às posições de sujeito e de objeto, mas também podem aparecer na posição de adjunção. A autora afirma que há uma ordenação entre os argumentos dos verbos na estruturação sintática das sentenças. Um dos argumentos,

aquele que recebe o papel temático mais proeminente dessa ordenação, ocupa a posição de sujeito, enquanto o argumento que recebe o segundo papel mais proeminente ocupa a posição de complemento. Se houver um terceiro ou um quarto argumento, eles ocuparão a posição de adjunto. A noção de papel temático mais proeminente na estruturação sintática da sentença está relacionada ao Princípio da Hierarquia Temática, que, grosso modo, é um princípio que rege a interação entre os papéis temáticos recebidos pelos argumentos verbais e as posições sintáticas ocupadas pelos mesmos. Contudo, para este trabalho, nos basta saber que argumentos verbais também podem ocupar a posição sintática de adjunto.

Retomemos, portanto, o exemplo do verbo *comprar*. Vimos que, de acordo com a proposta de Cançado (2009), esse verbo toma quatro argumentos:

(17) *O Pablo comprou o computador da Joana por mil reais.*

Os argumentos *o Pablo* e *o computador* estão associados respectivamente às posições de sujeito e de complemento, enquanto os argumentos *Joana* e *mil reais* aparecem em adjunção.

Portanto, a diferença de complemento e adjunto deixa de ser semântica e passa a ser meramente estrutural.<sup>7</sup> Se o NP precedido por uma preposição for um argumento do verbo, essa preposição tem caráter funcional, ou seja, atribui apenas caso sintático ao NP e não lhe atribui papel temático.<sup>8</sup> Além disso, essa preposição deve ser compatível

---

<sup>7</sup> Cançado (2009) menciona que essa proposta também é levada em conta em trabalhos como o de Baker (2001) e de Santorini e Kroch (2007), ambos *apud* Cançado (2009), e de Franchi (2003 [1997]).

<sup>8</sup> De acordo com Miotto, Silva e Lopes (2007), o caso sintático ou caso abstrato é uma categoria gramatical que torna os NPs de uma língua visíveis à interpretação temática. Algumas línguas, como o

semanticamente com o papel temático atribuído pelo verbo. Em (17), o verbo *comprar* atribui o papel temático Fonte para o argumento *Joana* e o papel que pode ser chamado de Valor para o argumento *mil reais*. As preposições *de* e *por* são semanticamente compatíveis com esses dois papéis temáticos atribuídos pelo verbo aos seus argumentos.

Cançado (2009), baseada em Berg (2005), evidencia o caráter funcional dessas preposições, mostrando que elas só podem ser substituídas, quando possível, por preposições com o mesmo valor semântico:

(18) \*O Pablo comprou o computador em/sobre a Joana em/sem/sobre mil reais.

O exemplo (18) nos mostra que não é possível substituímos as preposições *de* e *por*, o que evidencia que elas aparecem apenas para atribuir caso sintático. Vejamos agora o caso do verbo *vender*. Assim como *comprar*, esse verbo toma 4 argumentos para ter o seu sentido saturado: *alguém* vende *algo* para *alguém* por *um determinado valor*.

(19) João vendeu aquela casa para Maria por cem mil reais.

As preposições *para* e *por* são funcionais, uma vez que *Maria* e *cem mil reais* são argumentos do verbo. A preposição *para* pode ser substituída por *a*, que possui o

---

latim, possuem o caso marcado morfologicamente, enquanto outras, como o PB, marcam o caso de acordo com a ordem em que os sintagmas aparecem na sentença: em uma sentença do tipo *ela ama o João*, o caso nominativo é atribuído pelo verbo ao pronome *ela* devido à sua posição sintática de sujeito; já em uma sentença como *o menino correu para casa*, o NP *casa* recebe caso oblíquo da preposição *para*, pois esse caso é associado ao complemento de preposições.

mesmo sentido da primeira, mas não pode ser trocada por preposições que apresentam sentidos diferentes.

- (20) a. João vendeu aquela casa a Maria por cem mil reais.  
b. \*João vendeu aquela casa em Maria em/sem/ cem mil reais.

(CANÇADO, 2009, p. 49)

Por outro lado, quando o NP encabeçado por uma preposição não é argumento do verbo, essa preposição tem caráter lexical e atribui não só caso sintático, mas também papel temático ao NP que encabeça. O que evidencia o caráter lexical da preposição é o fato de ela poder ser substituída por outras preposições de diferentes sentidos, mudando também o sentido da frase:

- (21) João leu o livro com/sem/sobre os óculos.

(CANÇADO, 2009, p. 50)

O verbo *ler* toma apenas 2 argumentos para ter seu sentido completo: *alguém* lê *algo*. Desse modo, *os óculos* é adjunto do verbo e a preposição que o encabeça pode indicar que ele foi o instrumento que o João utilizou para conseguir ler o livro (preposição *com*), pode indicar que o João conseguiu ler o livro sem fazer o uso de óculos (preposição *sem*) ou o local onde o João leu o livro (preposição *sobre*).

Em suma, é importante frisar que argumentos verbais podem ocupar tanto as posições de sujeito e objeto como a de adjunto. O que vai determinar se um NP, em posição de adjunto, é argumento do verbo ou não é o fato de esse NP ser ou não acarretado pelo verbo. Sendo acarretado pelo verbo, o NP é um argumento e a

preposição que o encabeça tem caráter funcional (apenas atribui caso sintático ao argumento verbal). Não sendo acarretado pelo verbo, o NP em questão não é um argumento verbal e a preposição que o encabeça tem caráter lexical (atribui caso e papel temático ao NP, que é seu argumento).

No capítulo seguinte, propomos, então, que as sentenças fatoradas apresentam a parte fatorada de seus argumentos verbais em posição de adjunto, baseadas nessa ideia da relação de argumento e posição sintática proposta em Cançado (2009). Explicaremos isso mais detalhadamente na nossa análise.

## 1.2 Estrutura argumental e suas formas de representação

A noção de argumento verbal está intimamente ligada à noção de estrutura argumental. Entende-se por essa última noção as informações semânticas (número e propriedades semânticas dos argumentos) de um item predicador (LEVIN, 2013; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016)<sup>9</sup>.

Vejamos o exemplo do verbo *quebrar*. De acordo com a definição de argumento por acarretamento lexical de Cançado (2009), esse verbo toma dois argumentos para ter o seu sentido saturado: *alguém* quebra *algo*, como em *o menino quebrou o vaso*. Assim,

---

<sup>9</sup> Durante muito tempo, o termo “estrutura argumental” foi usado para denominar as informações sintáticas existentes na entrada lexical de um verbo, enquanto a sua representação semântica era denominada de *Lexical Conceptual Structure* (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988; PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV; LAUGHREN; LEVIN, 1993). No entanto, Levin e Rappaport Hovav (2011) apontam que o termo *Lexical Conceptual Structure* encontra-se atualmente em desuso, de modo que o termo “estrutura argumental” passou a nomear as informações semânticas que um verbo carrega em sua entrada lexical.

a estrutura argumental do verbo *quebrar* apresenta a informação de que ele é um predicador de dois lugares e também traz as propriedades semânticas dos argumentos desse verbo. Uma possível maneira de se representar essas informações é através de uma lista de papéis temáticos.

Os papéis temáticos são as funções semânticas que os itens predicadores, como os verbos, atribuem aos seus argumentos. Muitos autores, como Gruber (1965), Fillmore (1968), Jackendoff (1972), entre outros, trabalham com listas dessas funções semânticas e suas respectivas definições. Nesse tipo de abordagem, os papéis temáticos são vistos como definições primitivas que já vêm estocadas em nosso léxico. Os rótulos mais conhecidos na literatura são: Agente, Paciente, Tema, Locativo, Instrumento, Beneficário, entre outros.

Hoje em dia, trabalhar com uma lista de papéis temáticos tornou-se inviável, de modo que esse tipo de abordagem praticamente não é mais utilizado. Os rótulos são utilizados apenas de maneira descritiva, mas não como forma de se fazer generalizações ou de se propor uma teoria. Um dos principais motivos para isso, como é apontado por Caçado (2013) e também por Caçado e Amaral (2016), é a natureza intuitiva das definições dos papéis e a falta de consenso dos autores sobre essas próprias definições.

Com a lista de papéis temáticos sendo deixada de lado, os estudiosos começaram a procurar novas maneiras de se trabalhar com a estruturação semântica dos itens predicadores. Autores como Dowty (1979), Jackendoff (1983, 1990), Pinker (1989), Levin e Rappaport Hovav (1995 e trabalhos subsequentes), Rappaport Hovav e Levin (1998), Beavers (2010), Wunderlich (2012), Caçado, Godoy e Amaral (2017), entre outros, passaram a adotar a metalinguagem de decomposição de predicados primitivos como representação do sentido dos verbos. Ilustramos brevemente esse tipo de representação semântica.

A linguagem de decomposição de predicados primitivos surgiu a partir da Semântica Gerativa (MCCAWLEY, 1968; MORGAN, 1969; LAKOFF, 1970; ROSS, 1972) e atualmente é utilizada para a representação do sentido lexical dos verbos, partindo do pressuposto de que os verbos podem ser decompostos em unidades menores de sentido chamadas de primitivos semânticos. Vejamos a representação que Cançado, Godoy e Amaral (2017) propõem para a classe dos verbos de mudança de estado do PB (verbos como *quebrar*, *machucar* e *cansar*).

(22) a. *v*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

b. *quebrar*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <QUEBRADO>]]]

A representação em (22a) corresponde à estrutura argumental de toda a classe de verbos de mudança de estado (*template* da classe – RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988), enquanto a em (22b) é a representação específica do verbo *quebrar*, que é um membro dessa classe. O predicado ACT toma apenas um argumento para ter o seu sentido saturado e esse deve ser um indivíduo ou uma eventualidade representada pela variável X. O primitivo CAUSE, que representa uma relação entre dois subeventos, toma dois argumentos desse tipo (subeventos) para ser saturado. O metapredicado BECOME pede um argumento composto, sendo este uma variável, geralmente Y, ligada a um estado <STATE>, que é a raiz que carrega a categoria ontológica do sentido verbal. As raízes são sempre representadas entre colchetes angulados e em itálico, enquanto os colchetes delimitam os constituintes semânticos (CANÇADO; AMARAL, 2016).

A linguagem de decomposição de predicados nos permite propor uma representação bastante completa da estrutura argumental dos verbos, pois através dela,

podemos diferenciar o conteúdo recorrente de toda uma classe de verbos: a representação em (22a) do conteúdo particular/idiossincrático de cada verbo, que se encontra na raiz específica <QUEBRADO>, como mostrado em (22b). É importante ressaltar que a categoria ontológica da raiz <STATE> faz parte do conteúdo recorrente da classe de verbos.

Contudo, embora a decomposição de predicados seja uma maneira bastante eficaz de se representar a estrutura argumental dos verbos e a linguagem atualmente usada nos trabalhos do NuPeS, em nossa pesquisa, essa metalinguagem não se mostra a mais adequada para os fins de generalização do fenômeno da fatoração de argumentos verbais no PB. Como esse é um fenômeno bastante abrangente em nossa língua, as estruturas de decomposição de predicados dos verbos, que realizam os diversos subtipos de alternâncias que analisamos, serão bastante diferentes entre si, o que dificulta a generalização das propriedades semânticas que licenciam cada subtipo de alternância. Retomemos o exemplo de fatoração dado em (14).

- (23) a. O cachorro mordeu a perna da menina.  
 b. O cachorro mordeu a menina na perna.

Cançado, Amaral e Meirelles (2017), baseadas na análise de Nascimento (2015), propõem a seguinte representação, em termos da metalinguagem de decomposição de predicados primitivos, para a classe de *morder*:

- (24) a. *v*: [X AFFECT <EVENT> Y]  
 b. *morder*: [X AFFECT <MORDIDA> Y]

O metapredicado AFFECT é biargumental e toma as variáveis X e Y como argumento. A raiz <EVENT>, que é da categoria ontológica dos eventos, funciona como um modificador do predicado AFFECT.

Vejamos agora o seguinte exemplo:

- (25) a. A queda/ o menino quebrou a beirada da tela do celular.  
 b. A queda/ o menino quebrou a tela do celular na beirada.

A estrutura do verbo *quebrar* já foi apresentada em (22). Retemos as duas estruturas, a da classe de *morder* e a da classe *quebrar*:

(26) v: [X AFFECT <EVENT> Y]

(27) v: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

Através do pareamento das estruturas em (26) e (27) fica fácil perceber que não é possível fazermos uma generalização com predicados comuns às duas representações, pois o que elas compartilham são somente as variáveis X e Y, o que nos permite concluir apenas que ambos os verbos (*morder* e *quebrar*) são transitivos. Contudo, essa conclusão não é uma restrição suficiente para a realização da fatoração apresentada em (23) e (25), pois há verbos transitivos que não a realizam: *José adora o cabelo da namorada/ \*José adora a namorada no cabelo.*

Com isso, tivemos de buscar um tipo de representação de estrutura argumental com propriedades semânticas mais genéricas do que os predicados primitivos, mas que não fosse tão descritiva e vaga como a lista de papéis temáticos. Assim, utilizamos um o tipo de representação proposto em Caçado (2005), com base nos trabalhos de Franchi

(2003 [1997]) e de Franchi e Cançado (2003 [1997]), e revisado em Cançado e Amaral (2016). Adotaremos essa última versão revisada da proposta, que explicitamos a seguir.

### **1.2.1 Papéis temáticos como um conjunto de propriedades semânticas discretas**

Dowty (1991) propõe que os papéis temáticos não são primitivos semânticos, mas sim conjuntos de propriedades semânticas que um item predicador atribui aos seus argumentos através da noção de acarretamento lexical, já explicada na seção 2.1. Grosso modo, o autor propõe que existem protopapéis, como o protoagente e o protopaciente, que são compostos por conjuntos de propriedades. Cada protopapel é uma noção fuzzy e prototípica, de modo que um determinado argumento é classificado como protoagente ou como protopaciente de acordo com o número de propriedades que ele apresenta: se o argumento apresenta mais propriedades que compõem o protopapel de protoagente, então ele será classificado com esse protopapel; se o argumento apresenta mais propriedades que compõem o protopaciente, ele será classificado com esse papel temático prototípico. Contudo, o autor não confere, além da seleção de posições argumentais, nenhum tipo de relevância gramatical para a atribuição desses papéis temáticos.

Cançado (2005) faz uma adaptação da proposta de Dowty (1991), assumindo os acarretamentos lexicais como uma maneira mais formal e mais fina de definir os papéis temáticos. A autora propõe que os papéis temáticos não são uma lista de primitivos semânticos, sendo definidos como o conjunto de propriedades acarretadas aos argumentos de um item predicador. Mas, diferentemente de Dowty (1991), a autora considera essas propriedades noções discretas que compõem os papéis temáticos. Não há, portanto, a existência de protopapéis. Cada papel temático é único e é composto por

um conjunto de propriedades semânticas discretas. Ainda, esses papéis são atribuídos composicionalmente por toda a proposição em que o verbo se encontra, de modo que até mesmo sintagmas que não são argumentos verbais influenciam na atribuição de papel temático pelo verbo. Dessa forma, em uma sentença como *João quebrou o vaso de barro intencionalmente*, é a combinação do verbo *quebrar* com o seu argumento *vaso de barro* e com o advérbio *intencionalmente* que atribui o papel temático ao argumento verbal que ocupa a posição de sujeito da sentença.

Em uma revisão dessa proposta, Cançado e Amaral (2016) diferem um pouco de Cançado (2005) no ponto em que a autora assume que toda a proposição influencia na atribuição do papel temático ao sujeito. Cançado e Amaral (2016) assumem, juntamente com Marantz (1984), que é somente o sintagma verbal (verbo mais argumento na posição de objeto) que atribui as propriedades semânticas ao argumento que ocupa a posição de sujeito. Vejamos um exemplo:

(28) O menino quebrou o vidro da janela.

(CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 107)

O papel temático atribuído ao sintagma *o vidro da janela* é o conjunto de propriedades que o predicador *quebrar* acarreta a esse argumento: *o vidro da janela* é uma entidade que “passa por uma mudança de estado, que é causalmente afetada por outro participante, etc.” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 107). Já o papel atribuído ao sintagma *o menino* é o conjunto de propriedades que o sintagma verbal *quebrar o vidro da janela* acarreta a esse argumento, que ocupa a posição de sujeito: *o menino* é a entidade que “desencadeia um evento ou uma mudança de estado em outro participante,

que existe independentemente do evento nomeado pelo verbo, etc” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 107).

Cançado e Amaral (2016) argumentam que, mesmo sendo possível atribuir um feixe maior de propriedades, apenas três propriedades principais são necessárias, no que as autoras chamam de eixo eventivo, para fazer a correspondência entre a semântica e a estruturação sintática das sentenças (Princípio da Hierarquia Temática ou Seleção Argumental, nos termos de Dowty (1991)). Essas propriedades são: *ser o desencadeador de um processo*, *ser afetado por um processo* e *estar em um determinado estado*. Resumidamente, as autoras adotam os termos *desencadeador*, *afetado* e *estativo*. As propriedades *desencadeador* e *afetado* estão relacionadas aos verbos que denotam ações e processos enquanto a propriedade *estativo* está relacionada a verbos desses tipos (como em *o advogado analisou o processo*, em que argumento *o processo* recebe a propriedade *estativo* do verbo de ação *analisar*) e também a verbos de estado, como na sentença *o João tem uma casa*, em que o argumento *o João* recebe a propriedade *estativo* do verbo de estado *ter*. Ainda, Cançado e Amaral (2016) apresentam outras três propriedades relevantes para a seleção argumental, no nomeado eixo estativo, que são propriedades que podem se compor com a propriedade *estativo*: *condição mental*, *possuidor* e *objeto de referência*. As propriedades pertencentes ao eixo estativo estão relacionadas a verbos que denotam algum tipo de estado. Vejamos como cada uma dessas propriedades é definida e evidenciada. Primeiramente, apresentamos as propriedades do eixo eventivo.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Não explicaremos de forma detalhada o que são os eixos eventivo e estativo, pois a existência desses eixos é mais importante para a Seleção Argumental, que não utilizaremos em nosso trabalho.

- *desencadeador*: “é a propriedade relacionada ao indivíduo, no sentido amplo do termo, que dá início a situação” descrita pelo verbo (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 111):

- (29) a. *João* quebrou o vaso.  
 b. *O vento forte* abriu a janela.  
 c. *O atleta* correu uma maratona.

(CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 111)

A atribuição dessa propriedade aos sintagmas em itálico das sentenças em (29) é evidenciada através do teste da contradição. É sabido que uma das maneiras de se formar uma sentença contraditória consiste em negar uma propriedade de sentido do verbo como em:  $\nVdash$  *o menino se deslocou até a escola, mas não saiu do lugar*. O verbo *deslocar* acarreta que a entidade que se desloca muda de lugar e, por isso, a sentença anterior é contraditória. Apliquemos agora esse teste aos verbos em (29).

- (30) a.  $\nVdash$  *João*<sub>i</sub> quebrou o vaso, mas não foi ele<sub>i</sub> que desencadeou esse evento.  
 b.  $\nVdash$  [*O vento forte*]<sub>i</sub> abriu a janela, mas não foi ele<sub>i</sub> quem desencadeou esse evento.  
 c.  $\nVdash$  *O atleta*<sub>i</sub> correu uma maratona, mas não foi ele<sub>i</sub> que desencadeou esse evento.

As sentenças em (30) são todas contraditórias o que evidencia que os sintagmas *João*, *o vento forte* e *o atleta* recebem a propriedade *desencadeador* pelo sintagma verbal.

Passemos para a definição da propriedade *afetado*:

- *afetado*: “é uma propriedade que é associada ao indivíduo, no sentido amplo do termo, que sofre as mudanças ocorridas durante a situação” descrita pelo verbo (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 111). Nesta tese, nós ampliamos essa definição para: *afetado* é uma propriedade atribuída ao indivíduo que sofre as mudanças ocorridas durante a situação e/ou que estabelece uma relação de contato físico com algum outro indivíduo envolvido na situação. A ampliação dessa definição visa abarcar os argumentos verbais que não sofrem efetivamente um tipo de mudança, mas que são afetados de alguma forma, como ocorre com os argumentos, que ocupam a posição de objeto, dos verbos *morder* e *chicotear*. São exemplos de verbos que atribuem a propriedade afetado a um de seus argumentos:

- (31) a. João quebrou *o vaso*.  
 b. O cachorro mordeu *a perna da menina*.  
 c. O capitão do mato chicoteou *o escravo*.

Os argumentos verbais em itálico nas sentenças em (31) recebem a propriedade *afetado*, que tem sua atribuição evidenciada a seguir:

- (32) a.  $\vDash$  João quebrou *o vaso*, mas o vaso não foi afetado.  
 b.  $\vDash$  O cachorro mordeu *a perna da menina*, mas a perna da menina não foi afetada.  
 c.  $\vDash$  O capitão do mato chicoteou *o escravo*, mas o escravo não foi afetado.

Todas as sentenças em (32) são contraditórias, o que evidencia que os argumentos *o vaso*, *a perna da menina* e *o escravo*, de fato, recebem a propriedade semântica *afetado*.

Passemos para a definição da propriedade *estativo*.

- *estativo*: “é a propriedade relacionada ao indivíduo que está em um determinado estado permanente” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 111)

(33) a. *O vaso* está quebrado.

b. *A janela* está aberta.

(CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 111)

A existência dessa propriedade pode ser evidenciada pela ausência das propriedades *desencadeador* e *afetado*, de modo que “aquilo que não desencadeia algo ou não é afetado por algo é um estado” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 115).

(34) a. O detetive investigou *a vida de Maria*.

b.  $\sim \vdash$  *A vida de Maria* desencadeou esse evento.

c.  $\sim \vdash$  *A vida de Maria* foi afetada por esse evento.

(CANÇADO; AMARAL, 2016, pgs. 115 e 116)

Em (34a) o argumento *a vida de Maria* recebe a propriedade *estativo*, que é evidenciada pela ausência da relação de acarretamento dessa sentença com as sentenças (34b) e (34c).

Apresentamos, agora, as propriedades pertencentes ao eixo estativo, que são propriedades relacionadas a verbos que denotam algum tipo de estado e se compõem com a propriedade *estativo*, do eixo eventivo:

- *condição mental*: “denota o estado mental, seja psicológico, seja cognitivo, seja perceptual de um indivíduo” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 111):

(35) a. *O Beto* ama a Carla.

b. *O aluno* sabe matemática.

(CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 112)

A atribuição dessa propriedade é evidenciada através do teste de contradição mostrado a seguir:

(36) a.  $\not\models$  *O Beto*<sub>i</sub> ama a Carla, mas ele<sub>i</sub> não está em determinado estado mental.

b.  $\not\models$  *O aluno*<sub>i</sub> sabe matemática, mas ele<sub>i</sub> não está em determinado estado mental.

Vejamos a definição da propriedade *possuidor*:

- *possuidor*: “denota o estado de posse de um indivíduo” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 112):

(37) a. *O rapaz* tem um carro novo. (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 112)

b.  $\not\models$  *O rapaz*<sub>i</sub> tem um carro novo, mas ele<sub>i</sub> não é possuidor desse carro.

A contradição presente em (37b) evidencia a atribuição da propriedade *possuidor* ao argumento *o rapaz*.

Por fim, definimos a propriedade *objeto de referência*.

- *objeto de referência*: “ o objeto para o qual se atribui uma propriedade” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 112):

- (38) a. O menino detesta *jiló*. (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 112)
- b. ⊢ O menino detesta *jiló*, mas *jiló* não é o objeto de referência detestado pelo menino.

O fato de a sentença em (38b) ser contraditória evidencia a atribuição da propriedade *objeto de referência* ao argumento *jiló*.

Como já mencionamos, a propriedade *estativo* pode se compor com uma dessas três propriedades, *condição mental*, *possuidor* e *objeto de referência*, entre outras, na atribuição de um papel temático. Vejamos, por exemplo, como fica a estrutura argumental do verbo *amar*:

- (39) a. João ama Maria.
- b. *amar*: {estativo/condição mental, estativo/objeto de referência} (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 117)

Convencionalmente, na representação da estrutura argumental por papéis temáticos, seja como primitivos semânticos ou como propriedades, o papel atribuído ao argumento verbal que ocupa a posição de sujeito vem primeiro na grade temática e

depois vem o papel atribuído ao argumento que ocupa a posição de objeto. O verbo *amar* atribui aos seus dois argumentos a propriedade *estativo*, porém no argumento que ocupa a posição de sujeito, essa propriedade combina-se à propriedade *condição mental*, enquanto no argumento que ocupa a posição de objeto, a propriedade *estativo* combina-se à *objeto de referência*. Os papéis temáticos que o verbo *amar* atribui a cada um de seus argumentos são os conjuntos de propriedades: *estativo/ condição mental* para o argumento *João* e *estativo/ objeto de referência* para o argumento *Maria*.

As propriedades *desencadeador* e *afetado* também podem se combinar a outras propriedades semânticas, como é o caso da propriedade *controle*, que pode ser atribuída juntamente à propriedade de *desencadeador*, por exemplo. O *controle*, como definido por Cançado e Amaral (2016), é atribuído ao indivíduo que controla o desencadeamento de um processo, como em *a mulher lavou a roupa*, em que o argumento *a mulher* recebe as propriedades *desencadeador* e *controle*, pois representa um indivíduo que necessariamente controla sua ação.

Nesta tese, propomos a existência de outras propriedades semânticas que serão relevantes para a análise da fatoração de argumentos e que podem se combinar com as propriedades já mencionadas até o presente momento. Uma delas é a que denominamos, baseadas no trabalho de Cançado e Franchi (2003 [1997]), de *objeto motivador da situação* ou simplesmente *objeto motivador*, que, como o próprio nome já diz, refere-se à entidade que motiva a situação descrita pelo verbo. Diferentemente da propriedade *desencadeador*, que é atribuída ao argumento que inicia a situação descrita pelo verbo, a propriedade *objeto motivador* é atribuída ao argumento que apenas motiva a situação, mas não a inicia. Assim, em uma sentença do tipo *o cachorro mordeu a perna da menina*, podemos dizer que *o cachorro* recebe a propriedade *desencadeador*, pois ele inicia a ação de *morder a perna da menina*. Vejamos agora o seguinte exemplo.

(40) O fiel teme *a força de Deus*.

Em (40), o argumento *a força de Deus* recebe do verbo *temer* as seguintes propriedades: *estativo e objeto motivador*. Diferentemente do que fizemos para o argumento que ocupa a posição de sujeito do verbo *morder*, não podemos dizer algo do tipo: *?a força de Deus iniciou o estado de temor do fiel*. Por outro lado, dizemos que *a força de Deus motivou o estado de temor do fiel*, o que evidencia que o verbo *temer* atribui a propriedade *objeto motivador*, e não *desencadeador*, para o seu argumento que ocupa a posição de objeto.

Evidenciamos a atribuição das propriedades *estativo e objeto motivador* através dos testes abaixo.

- (41) a. O fiel teme *a força de Deus*.  
 b.  $\sim \vdash$  A força de Deus desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  A força de Deus foi afetada por essa situação.  
 d.  $\vdash$  O fiel teme a força de Deus, mas a força de Deus não é o objeto motivador do temor do fiel.

Já o argumento que ocupa a posição de sujeito do verbo *temer* recebe as propriedades *estativo e condição mental*, como evidenciamos a seguir:

- (42) a. *O fiel* teme a força de Deus.  
 b.  $\sim \vdash$  O fiel desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  O fiel foi afetado por essa situação.

d.  $\models$  O fiel teme a força de Deus, mas o fiel não está em um determinado estado mental.

Portanto, o verbo *temer* apresenta a seguinte estrutura argumental em termos de propriedades temáticas:

(43) *temer*: {estativo/condição mental, estativo/objeto motivador}

Neste ponto, retomamos nossa definição da fatoração de argumentos verbais para explicar como ocorre a descontinuidade temática na teoria que adotamos. Vejamos o par de sentenças a seguir:

- (44) a. O fiel teme a força de Deus.  
 b. O fiel teme Deus por sua força.

Em (44a), o argumento *a força de Deus* recebe o papel temático composto pelas propriedades *estativo e objeto motivador*. O que acontece em (44b) é que essas propriedades estão distribuídas igualmente pelos dois sintagmas *Deus* e *por sua força*, como representamos abaixo:

(45) O fiel teme Deus por sua força

↓                    ↓

estativo/objeto motivador    estativo/objeto motivador

Evidenciamos a atribuição da propriedade *estativo* para ambos os sintagmas através dos testes em (46).

- (46) a. O fiel teme Deus por sua força.  
 b.  $\sim \vdash$  Deus desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  A força desencadeou/iniciou essa situação.  
 d.  $\sim \vdash$  Deus foi afetado por essa situação.  
 e.  $\sim \vdash$  A força foi afetada por essa situação.

Já a atribuição da propriedade *objeto motivador* a ambos os NPs é evidenciada pela contradição das sentenças a seguir.

- (47) a.  $\vdash$  O fiel teme *Deus* por sua força, mas Deus não é o objeto motivador do temor do fiel.  
 b.  $\vdash$  O fiel teme Deus por *sua força*, mas sua força não é o objeto motivador do temor do fiel.

Assim, na fatoração de argumentos verbais a descontinuidade temática é dada através da igual distribuição das propriedades semânticas que compõem o papel temático atribuído ao argumento verbal em sua forma não fatorada.

No próximo capítulo, analisamos cada subtipo de alternância oriunda da fatoração de argumentos verbais de acordo com a noção de argumento e com a proposta de papéis temáticos enquanto propriedades semânticas discretas que apresentamos neste capítulo. Porém, antes disso, explicaremos, na próxima subseção, qual a motivação para

a existências dessas alternâncias, já que, como mencionamos no capítulo anterior, as formas não fatorada e fatorada das sentenças são paráfrases.

### 1.3 Fatores pragmáticos motivadores de alternâncias verbais

Como já mencionamos no primeiro capítulo, entendemos por alternância verbal qualquer forma de reorganização da estrutura argumental de um verbo. Como aponta Levin (2015), os diferentes tipos de alternâncias podem ser explicados não só por fatores sintáticos, mas também por fatores semânticos e pragmáticos.

Existem alternâncias, como a causativo-incoativa (*o menino quebrou o vaso/ o vaso quebrou*), que são puramente lexicais, pois ocorrem apenas com verbos que denotam mudança de estado (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017), e alternâncias, como a “agente-beneficiário” que apresentam, além das restrições semânticas, componentes pragmáticos que delimitam a sua ocorrência (CANÇADO, 2010; CANÇADO; GONÇALVES, 2016).

Vejamos alguns exemplos da alternância agente-beneficiário:

- (48) a. O melhor cirurgião do país operou o fígado do presidente.  
b. O presidente operou o fígado.<sup>11</sup>
- (49) a. O cabeleireiro mais experiente do salão cortou o cabelo da modelo.  
b. A modelo cortou o cabelo.

---

<sup>11</sup> Embora as sentenças em (48b) e (49b) apresentem uma leitura agentivo-reflexiva de que o próprio presidente fez a ação de operar seu fígado e de que a própria modelo fez a ação de cortar o seu cabelo, essa leitura é menos prototípica e não é considerada um caso de alternância agente-beneficiário.

Cançado (2010) e Cançado e Gonçalves (2016) argumentam que, nas sentenças em (48b) e (49b), embora *o presidente* e *a modelo* sejam afetados pelas ações de *operar* e de *cortar*, eles exibem traços de agentividade, de modo que interpretamos as sentenças da seguinte maneira: o presidente permitiu que seu fígado fosse operado por alguém/ a modelo permitiu que o seu cabelo fosse cortado por alguém. Assim, *o presidente* e *a modelo* são os agentes indiretos das ações, enquanto os indivíduos que realizam respectivamente as ações de *operar* e de *cortar* podem ser expressos em adjunção através de um PP encabeçado pela preposição *com*.<sup>12</sup>

(50) O presidente operou o fígado com o melhor cirurgião do país.

(51) A modelo cortou o cabelo com o cabeleireiro mais experiente do salão.

As autoras propõem que os verbos que realizam essa alternância apresentam a restrição sintática de serem transitivos, a restrição sintático-semântica de apresentarem, na posição de objeto, um NP complexo denotando posse e a restrição semântica de serem verbos agentivos externamente causados, segundo a definição de Levin e Rappaport Hovav (1995)<sup>13</sup>. Contudo, para que a alternância ocorra, também há um fator

---

<sup>12</sup> É importante ressaltar que a alternância agente-beneficiário não pode ser classificada como um tipo de fatoração de argumento, uma vez que, quando os NPs *o presidente/a modelo* alçam para a posição de sujeito, eles adquirem traços de agentividade, não caracterizando, portanto, uma simples descontinuidade da propriedade afetado, já que, na forma fatorada, os NPs complexos (*o fígado do presidente* e *o cabelo da modelo*) não apresentam traços de agentividade.

<sup>13</sup> De acordo com Levin e Rappaport Hovav (1995), verbos externamente causados são aqueles que acarretam a existência de uma entidade que imediatamente controla a eventualidade denotada pelo verbo. São verbos como *cortar*, *lavar*, *operar*, entre outros. Por outro lado, há verbos que são internamente

pragmático em questão: as sentenças devem expressar ações que podem ser realizadas por um especialista. Vejamos o seguinte exemplo:

(52) A criança cortou a folha de papel com a professora.

A sentença em (52) apresenta apenas a interpretação de que a criança e a professora cortaram a folha de papel juntas. Isso ocorre, pois não existe nenhum profissional que seja especialista em cortar folhas de papel, o que é uma informação pragmática que bloqueia a ocorrência da alternância agente-beneficário.

Voltemos agora para o fenômeno da fatoração de argumentos verbais. Como mostramos no capítulo 1, exemplo (12), as formas não fatorada e fatorada das sentenças são paráfrases. Retomemos nosso exemplo.

(53) a. As palhaçadas do palhaço divertiram as crianças.  $\vdash$  b. O palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas.

Diferentemente do que ocorre na fatoração de argumentos, os pares de sentenças alternantes na alternância causativo-incoativa, por exemplo, não são sinônimos.

(54) a. O menino quebrou o vaso de barro.

b.  $\vdash$  O vaso de barro quebrou.

(55) a. O vaso de barro quebrou.

b.  $\sim \vdash$  O menino quebrou o vaso de barro.

---

causados, nos quais a realização do evento depende de propriedades inerentes aos argumentos verbais, como *dançar*, *pular* e *cantar*.

Como podemos ver em (54) e (55), a forma transitiva da sentença acarreta a intransitiva, mas o contrário não é verdadeiro.

A partir daí, surge a seguinte questão em relação à fatoração de argumentos verbais: por que existem duas sentenças semanticamente idênticas (sinônimas) para expressar uma mesma situação no mundo? A resposta para essa pergunta encontra-se no campo da Pragmática, mais especificamente na estrutura informacional do enunciado.

De acordo com Roisenberg e Menuzzi (2009), um enunciado é composto por conteúdo proposicional e por conteúdo pragmático. O primeiro diz respeito ao significado estritamente semântico de uma sentença, desconsiderando o contexto extralinguístico em que a mesma foi enunciada. A proposição refere-se, portanto, ao valor de verdade das sentenças. Por conteúdo pragmático do enunciado, entendem-se os atos de fala, que são as ações verbalizadas por meio da linguagem, e a articulação informacional da sentença, ou seja, como o falante organiza o enunciado em termos de informações velhas, geralmente chamadas de tópico, e novas, geralmente chamadas de foco ou comentário (GUNDEL & FRETHEIM, 2004 *apud* ROISENBERG E MENUZZI, 2009).

Um mesmo conteúdo proposicional, veiculado por um conjunto específico de itens lexicais, pode ser expresso de diversas formas sem que as condições de verdade da sentença sejam alteradas.

- (56)
- a. O Ricardo deu um anel para a Gisela.
  - b. O Ricardo, ele deu um anel para a Gisela.
  - c. Foi para a Gisela que o Ricardo deu um anel.
  - d. Foi um anel que o Ricardo deu para a Gisela.

As sentenças de (56a) a (56d), embora apresentadas de diferentes formas, possuem o mesmo conteúdo proposicional, ou seja, todas elas descrevem uma situação em que Ricardo dá um anel para Gisela. Porém, embora elas possuam o mesmo significado semântico, o seu significado pragmático não é o mesmo: as sentenças em (56a) e (56b) informam algo sobre o Ricardo (Ricardo é o foco), a frase em (56c) informa algo sobre a Gisela (Gisela é o foco) e a em (56d), sobre o anel (o anel é o foco). Essa distinção de significado pragmático pode ser evidenciada pelo fato de as sentenças em (56) não figurarem como respostas para as mesmas perguntas.

(57) O que aconteceu?

- a. O Ricardo deu um anel para a Gisela.
- b. # O Ricardo, ele deu um anel para a Gisela.
- c. # Foi para a Gisela que o Ricardo deu um anel.
- d. # Foi um anel que o Ricardo deu para a Gisela.

(58) O que o Ricardo deu para a Gisela?

- a. O Ricardo, ele deu um anel para a Gisela.
- b. O Ricardo deu um anel para a Gisela.
- c. # Foi para a Gisela que o Ricardo deu um anel.
- d. # Foi um anel que o Ricardo deu para a Gisela.

(59) Para quem o Ricardo deu um anel? Foi pra Fernanda?

- a. Foi para a Gisela que o Ricardo deu um anel.
- b. # O Ricardo, ele deu um anel para a Gisela.
- c. # O Ricardo deu um anel para a Gisela.
- d. # Foi um anel que o Ricardo deu para a Gisela.

(60) O que o Ricardo deu para a Gisela? Foi um colar?

- a. Foi um anel que o Ricardo deu para a Gisela.
- b. # O Ricardo, ele deu um anel para a Gisela.
- c. #O Ricardo deu um anel para a Gisela.
- d. # Foi para a Gisela que o Ricardo deu um anel.

Nos exemplos de (56) a (60) apenas uma das sentenças de (a) a (d) respondem adequadamente cada pergunta em questão, o que evidencia que, embora os enunciados tenham o mesmo conteúdo semântico, eles apresentam articulações informacionais distintas, ou seja, possuem diferentes significados pragmáticos.

Voltando ao fenômeno da fatoração de argumentos, propomos que essa alternância existe como uma forma de se focalizar o constituinte extraído do argumento complexo na forma fatorada das sentenças. Evidenciamos isso mostrando que o que diferencia as formas não fatorada e fatorada das sentenças é a articulação informacional de cada uma delas, ou seja, as sentenças são sinônimas do ponto de vista semântico, mas seu significado pragmático varia de acordo com a organização do tópico e do foco. Retomemos o exemplo de fatoração do argumento do verbo *divertir*.

(61) A: O que divertiu as crianças?

B: (a) As palhaçadas do palhaço divertiram as crianças.

# (b) O palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas.

(62) A: Com o quê o palhaço divertiu as crianças?

B: (b) O palhaço divertiu as crianças com suas palhaçadas.

#(a) As palhaçadas do palhaço divertiram as crianças.

A pergunta em (61) é adequadamente respondida pela forma não fatorada da sentença em (a), pois o foco está em todo o NP complexo *as palhaçadas do palhaço*. A informação nova pedida é veiculada pelo CP *o que* na pergunta do falante A. Já em (62), o CP *com o quê* pede como informação nova apenas o PP *com suas palhaçadas* e, por isso, é a forma fatorada da sentença que melhor responde essa pergunta.

No capítulo seguinte, mostraremos para cada tipo de fatoração o contraste de estrutura informacional existente entre as formas não fatorada e fatorada das sentenças.

## CAPÍTULO 2: ANÁLISE SEMÂNTICA DO FENÔMENO

### 2.1 Alternâncias que veiculam a noção de concomitância

De acordo com Lehmann e Shin (2005) e Schlesinger (2006), a noção de concomitância remete à existência de um indivíduo, no sentido amplo do termo, que participa de uma determinada situação juntamente aos participantes centrais da mesma. Vejamos os seguintes exemplos:

- (63)
- a. Ele veio para casa com *a Júlia*.
  - b. John encontrou com *Sílvia*.
  - c. Ele quebrou a janela com *um martelo*.
  - d. Petter veio de *trem*.
  - e. Linda abriu a porta com *força*.

(Traduzido de LEHMANN; SHIN (2005), pgs. 10, 11 e 14)

Em (63a), os participantes centrais do evento de *vir* são *ele* e *casa*, enquanto *Júlia* é o participante concomitante. Em (63b), *John* é o participante central e *Sílvia* o concomitante. Em (63c), os participantes centrais do evento de *quebrar* são *ele* e *a janela*, enquanto *um martelo* é o participante concomitante. Já em (63d), *Petter* é o participante central e *trem* é o concomitante. Por fim, em (63e), *Linda* e *a porta* são os participantes centrais do evento de *abrir* e *força* é o participante concomitante.

As expressões em itálico de (63a) a (63e), embora sejam todas entidades concomitantes aos participantes centrais das situações descritas pelos verbos,

desempenham funções semânticas mais específicas em relação a esses participantes: em (63e), *força* corresponde à maneira como *Linda* abre a porta; em (63d), *trem* corresponde ao veículo que *Petter* usou como transporte no evento de *vir*; em (63c), *martelo* é a ferramenta utilizada para quebrar a janela; em (63b), *Sílvia* é a “companheira/parceira” (*partner*, nos termos de LEHMANN; SHIN (2005)) de *John* no evento de *encontrar*; e, em (63a), *Júlia* é a acompanhante (*companion*, nos termos de LEHMANN; SHIN (2005)) do participante central (*ele*) no evento de *vir para casa*.

Lehmann e Shin (2005) propõem chamar genericamente os participantes concomitantes de (63c) a (63e) de instrumento e os de (63a) e (63b) de comitativos. A diferença existente entre as expressões comitativas *Júlia*, em (63a), e *Sílvia*, em (63b), é que, embora ambas desempenhem a noção genérica de companhia, *Sílvia* é uma participante necessária para que a situação expressa pelo verbo *encontrar* aconteça. Essa diferença se explica pelo fato de, como apontam os autores, *encontrar* ser uma situação recíproca, enquanto *vir* não é.

De acordo com autores como Fonseca (1984), Dixon (1992), Siloni (2007), Godoy (2008a, 2009, 2010) e Bechir (2016), verbos recíprocos são aqueles que exigem um argumento plural (como na sentença *John e Sílvia encontraram ontem*) e que denotam uma relação de reciprocidade entre os referentes desse argumento. Para Croft (2012), a reciprocidade é muito semelhante à noção de reflexividade. Em uma sentença reflexiva, um participante age sobre ele mesmo (*o menino se lavou*), enquanto em uma sentença recíproca, dois participantes agem um sobre o outro.

O autor também propõe a existência de sintagmas comitativos recíprocos e não recíprocos, e utiliza praticamente os mesmos exemplos de Lehmann e Shin (2005) para ilustrar a diferença entre ambos: *Susan encontrou com Brian x Jill foi ao cinema com*

*Carol*.<sup>14</sup> As duas frases expressam a noção de concomitância, pois apresentam os indivíduos *Brian* e *Carol*, que participam respectivamente das situações de *encontrar* e *ir* juntamente a *Susan* e a *Jill*. *Brian* e *Carol*, são, portanto, sintagmas comitativos. Contudo, *encontrar* denota uma situação concomitante recíproca, enquanto *ir* denota uma situação apenas concomitante.

Em nosso trabalho, utilizamos a noção de concomitância. Chamamos de “alternâncias que veiculam a noção de concomitância” três tipos de alternâncias do PB que apresentam, em uma de suas formas alternantes, um indivíduo que participa da situação descrita pelo verbo concomitantemente a outro indivíduo, considerado o participante central. Vejamos os exemplos:

- (64) a. José teme a força de Deus.  
 b. José teme Deus por *sua força*.
- (65) a. A arrogância da filha preocupa a mãe.  
 b. A filha preocupa a mãe com *sua arrogância*.
- (66) a. Rosa e azul combinam.  
 b. Rosa combina com *azul*.

Em (64b) e (65b), os sintagmas *sua força* e *sua arrogância* são os participantes concomitantes que participam das situações descritas pelos verbos juntamente aos participantes centrais *Deus* e *a filha*. Já em (66b), *azul* faz-se necessário juntamente à cor *rosa* na situação descrita pelo verbo, o que mostra que *combinar* é um verbo recíproco. Todas as sentenças em (b) de (64) a (65) veiculam a ideia de concomitância, pois apresentam um participante que desempenha a situação descrita pelos verbos

---

<sup>14</sup> Traduzido de Croft (2012), pg 245.

juntamente/ concomitantemente aos participantes centrais. A concomitância é, portanto, uma noção veiculada por alguns tipos de sentença.

Passemos então, para a análise de cada subtipo de alternância que veicula essa ideia. Começaremos com a descrição da fatoração de argumentos dos verbos do tipo *temer*.

### 2.1.1 Fatoração do argumento estativo

Como vimos no capítulo 1, Levin (1993) aponta a existência de um tipo de *possessor-attribute factoring alternation* no inglês, no qual o objeto verbal, composto por um NP complexo, que denota a relação genérica possuidor-coisa possuída, pode ser expresso de duas formas distintas: como um só sintagma (forma não fatorada) ou como dois sintagmas distintos (forma fatorada). O sintagma que denota o possuidor ocupa a posição de objeto, enquanto a coisa possuída é expressa em adjunção. Retomamos a seguir o exemplo dado pela autora:

(67) a. They praised the volunteer's dedication.

‘Eles elogiaram a dedicação dos voluntários.’

b. They praised the volunteer's for their dedication.

‘Eles elogiaram os voluntários pela sua dedicação.’

(LEVIN, 1993, p. 73)

Cançado (1995) também mostra a existência dessa alternância no PB:

(68) a. A mulher abomina a conduta infiel do marido.

b. A mulher abomina o marido por sua conduta infiel.

É importante ressaltar que para que (68b) seja interpretada como a forma fatorada de (68a), deve ser levada em conta a leitura de (68b) em que o marido é abominado pela mulher *em/ durante/ com* sua conduta infiel, ou seja, a interpretação de que o *marido* e *sua conduta infiel* são dois participantes que funcionam concomitantemente na situação descrita pelo verbo *abominar*.

De acordo com Cançado (1995), a alternância mostrada em (68) ocorre com uma classe específica de verbos psicológicos do PB. De modo geral, a autora define verbos psicológicos como aqueles que “denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento Experienciador” (CANÇADO, 1995, p. 6). Por Experienciador entende-se o “ser animado que está ou passa a estar em determinado estado mental, perceptual ou psicológico” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 43). Esse papel primitivo equivale às propriedades semânticas *estativo* e *condição mental*, que mostramos no capítulo 2.

Segundo Cançado (1995), existem duas subclasses distintas desses verbos: a primeira é formada por verbos como *preocupar*, que atribuem essas duas propriedades para o argumento que ocupa a posição de objeto direto, e a segunda por verbos como *temer*, que atribuem essas propriedades para o argumento que ocupa a posição de sujeito. Vamos tratar aqui do segundo tipo, que pode ser chamado de verbos do tipo *temer*. A autora mostra que os verbos do tipo *temer* aceitam uma mudança na ordem de seus argumentos, propriedade sintática denominada de “inversão” em seu trabalho.

(69) a. Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.

b. Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.

(70) a. A princesa estima a lealdade dos súditos.

b. A princesa estima os súditos por sua lealdade.

- (71) a. José teme o tamanho do cachorro.  
 b. José teme o cachorro pelo seu tamanho.

(CANÇADO, 1995, pgs. 188, 206, 222)

Começamos evidenciando a atribuição das propriedades *estativo* e *condição mental* para os argumentos que ocupam a posição de sujeito dos verbos das sentenças acima.

- (72) a. Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.  
 b.  $\sim \vdash$  Os alunos desencadearam/iniciaram essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  Os alunos foram afetados por essa situação.  
 d.  $\vdash$  Os alunos não estavam em um determinado estado mental.
- (73) a. A princesa estima a lealdade dos súditos.  
 b.  $\sim \vdash$  A princesa desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  A princesa foi afetada por essa situação.  
 d.  $\vdash$  A princesa não está em um determinada estado mental.
- (74) a. José teme o tamanho do cachorro.  
 b.  $\sim \vdash$  José desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  José foi afetado por essa situação.  
 d.  $\vdash$  José não está em um determinado estado mental.

O fato de (a) não acarretar (b) e (c) de (72) a (74) evidencia a atribuição da propriedade *estativo* para o argumento dos verbos que ocupa a posição de sujeito, enquanto o fato de as sentenças em (d) serem contraditórias às sentenças em (a) evidencia a atribuição da propriedade *condição mental* para esse mesmo argumento.

Passemos agora para a análise do papel temático atribuído para o argumento passível de ser fatorado. Cançado (1995) propõe que os verbos da classe de *temer* atribuem o papel de Objeto Estativo para esse argumento. Entende-se por Objeto Estativo a “entidade ou situação à qual se faz referência, sem que esta desencadeie uma ação ou seja afetada por uma ação” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 44). Esse papel temático primitivo corresponde à propriedade semântica *estativo*. Evidenciamos a atribuição dessa propriedade a partir dos testes de acarretamento lexical, como fizemos nos exemplos de (72) a (74).

- (75) a. Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.  
 b. ~ | O brilhantismo do professor desencadeou/iniciou essa situação.  
 c. ~ | O brilhantismo do professor foi afetado por essa situação.
- (76) a. A princesa estima a lealdade dos súditos.  
 b. ~ | A lealdade dos súditos desencadeou/iniciou essa situação.  
 c. ~ | A lealdade dos súditos foi afetada por essa situação.
- (77) a. José teme o tamanho do cachorro.  
 b. ~ | O tamanho do cachorro desencadeou/iniciou essa situação.  
 c. ~ | O tamanho do cachorro foi afetado por essa situação.

O fato de (a) não acarretar as sentenças em (b) e (c) de (75) a (77) evidencia que o argumento dos verbos que ocupa a posição de objeto recebe a propriedade *estativo*.

Nós ainda propomos a existência de mais uma propriedade semântica que os verbos da classe de *temer* atribuem para seus argumentos que ocupam a posição de objeto. Essa propriedade é a de *objeto motivador*, que explicamos no capítulo 2. Evidenciamos que os verbos atribuem essa propriedade através do seguinte teste:

- (78) ⊢ Os alunos admiravam o brilhantismo do professor, mas o brilhantismo do professor não é motivação da admiração dos alunos.
- (79) ⊢ A princesa estima a lealdade dos súditos, mas a lealdade dos súditos não é a motivação da estima da princesa.
- (80) ⊢ José teme o tamanho do cachorro, mas o tamanho do cachorro não é a motivação do temor de José.

A contrariedade das sentenças de (78) a (80) comprovam a atribuição da propriedade *objeto motivador* ao argumento que ocupa a posição de objeto dos verbos da classe de *temer*.

Portanto, os verbos da classe de *temer* apresentam a seguinte grade temática:

- (81) v: {estativo/condição mental, estativo/objeto motivador}

O argumento que ocupa a posição de objeto e que recebe as propriedades semânticas *estativo* e *objeto motivador* pode fatorar-se em duas posições sintáticas distintas (a de objeto, que é sua posição de origem, e a de adjunto), formando, assim, um papel temático descontínuo.

- (82) Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.

↓

↓

estativo/objeto motivador    estativo/objeto motivador

Como mostramos em (82), na forma fatorada da sentença, tanto o argumento *o professor* quanto *seu brilhantismo* continuam recebendo as mesmas propriedades

atribuídas ao argumento complexo em sua forma não fatorada. Evidenciamos isso através seguintes testes de acarretamento lexical:

- (83) a. Os alunos admiravam *o professor* pelo seu brilhantismo.  
 b.  $\sim \vdash$  O professor desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  O professor foi afetado por essa situação.  
 d.  $\not\vdash$  O professor não é o objeto motivador da admiração dos alunos.
- (84) a. Os alunos admiravam o professor pelo *seu brilhantismo*.  
 b.  $\sim \vdash$  O seu brilhantismo desencadeou/iniciou essa situação.  
 c.  $\sim \vdash$  O seu brilhantismo foi afetado por essa situação.  
 d.  $\not\vdash$  O seu brilhantismo não é o objeto motivador da admiração dos alunos.

O fato de as sentenças em (a) não acarretarem as sentenças em (b) e (c) evidencia a atribuição da propriedade *estativo*, enquanto a contrariedade das sentenças em (d) em relação às sentenças em (a) comprova a atribuição da propriedade *objeto motivador*.

É importante ressaltar que a preposição *por*, que aparece na forma fatorada das sentenças, tem caráter funcional nesse contexto, pois é o verbo que atribui papel temático ao NP *seu brilhantismo*. Evidenciamos essa afirmação através do teste de Berg (2005) e de Cançado (2009). Como mostramos no capítulo 2, as autoras propõem que preposições funcionais só podem ser substituídas, quando possível, por preposições que tenham o mesmo sentido. A preposição *por*, nos exemplos de fatoração de argumento, só pode ser substituída pelas preposições *com* e *em* (*enquanto*), que também podem veicular o sentido de concomitância: *os alunos admiravam o professor pelo/em/com seu brilhantismo/ \*os alunos admiravam o professor sobre/para o seu brilhantismo*.

O fato de *por* ser uma preposição funcional evidencia a natureza de argumento verbal do NP que ela encabeça. Assim, *seu brilhantismo* é um argumento verbal que ocupa a posição sintática de adjunto do verbo, uma vez que a posição de objeto já está preenchida. Isso está de acordo com a proposta de Cançado (2009), mostrada no capítulo 2, de que argumentos verbais também podem ocupar a posição de adjunto.

Passemos agora para a análise da diferença de sentido entre as formas não fatorada e fatorada das sentenças. Como postulamos em nossa definição de fatoração de argumentos, as formas alternantes das sentenças são paráfrases:

- (85) a. ⊢ Os alunos admiravam o brilhantismo do professor, mas não admiravam o professor pelo seu brilhantismo.
- b. ⊢ Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo, mas não admiram o brilhantismo do professor.

As sentenças em (85) são contraditórias, o que evidencia que as formas não fatorada e fatorada das sentenças se acarretam mutuamente. Sendo paráfrases, a alternância de formas sintáticas entre as sentenças é motivada pragmaticamente, uma vez que a semântica das formas não se altera. Como mostramos no capítulo 2, essa motivação pode ser descrita em termos de estrutura informacional.

Tomemos como exemplo o par de sentenças em (69): nossa proposta é de que a forma fatorada em (69b) focaliza a razão pela qual os alunos admiravam o professor, enquanto a sentença em (69a) focaliza todo o argumento complexo na sua forma não fatorada. Essa distinção de sentido pragmático pode ser evidenciada pelo fato de as sentenças em (69) não figurarem como respostas para as mesmas perguntas.

(86) A: Por quê os alunos admiravam o professor?

B: (69b) Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.

# (69a) Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.

(87) A: O que os alunos admiravam?

B: (69a) Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.

#(69b) Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.

Em (86), a sentença (69b) responde adequadamente à pergunta, pois foca na informação nova que é pedida: o motivo pelo qual os alunos admiravam o professor. Já em (87), há uma mudança na informação nova pedida e isso faz com que a sentença (69a), que focaliza todo o argumento complexo, possa responder à pergunta de maneira adequada.

Contudo, embora a alternância que analisamos nesta subseção exista para atender nuances pragmáticas de sentido, não é qualquer argumento complexo dos verbos da classe de *temer* que pode ser fatorado em duas posições sintáticas distintas.

(88) a. A Dona Maria admirava o filho da vizinha.

b. A Dona Maria admirava a vizinha<sub>i</sub> pelo seu<sub>i</sub> filho.

A sentença em (88b) não corresponde à forma fatorada da sentença em (88a), pois elas apresentam sentidos diferentes: em (88a) quem é admirado é o filho da vizinha e em (88b), a pessoa admirada é a vizinha. Portanto, deve haver alguma restrição semântica por parte dos NPs complexos que podem figurar nessa fatoração.

De acordo com Levin (1993) e com os exemplos de Caçado (1995), o argumento interno dos verbos que participam da alternância apresentada nesta subseção

denota a relação entre um possuidor e um atributo. De fato, os exemplos que fornecemos até agora se encaixam na proposta das autoras, pois são compostos por um possuidor, que em sua forma não fatorada é expresso pelo sintagma preposicionado encabeçado pela preposição *de*, e seu atributo, expresso em forma de um NP que vem logo após o verbo: em (69a) temos o NP *o brilhantismo do professor*, em (70a), *a lealdade dos súditos*, e em (71a), o NP *o tamanho do cachorro*.

Os atributos *brilhantismo*, *lealdade* e *tamanho* estão necessariamente ligados às suas entidades possuidoras, respectivamente *professor*, *súditos* e *cachorro*. Portanto, podemos dizer que esses atributos são nomes basicamente relacionais, ou seja, que funcionam como itens predicadores, o que faz com que a relação com seu possuidor seja uma relação de posse inalienável.

De acordo com autores como Fillmore (1968), Vergnaud e Zubizarreta (1992), Alexiadou (2003) e Bruyn (2014), a relação de posse inalienável ocorre com nomes que são intrinsecamente relacionais, como *lateral* e *mão*. Não há como falar de *lateral*, sem que estejamos nos referindo à lateral de algo, assim como não podemos falar de *mão* se ela não pertence a uma pessoa. Já a relação de posse alienável ocorre com nomes não relacionais, como a expressão *o livro da menina*. O nome *livro* não precisa pertencer necessariamente a alguém e, por isso, está em uma relação de posse alienável com o sintagma nominal *a menina*.

Contudo, há argumentos internos dos verbos do tipo *temer* que não expressam a relação entre um possuidor e seu atributo, mas que também podem ser fatorados.

Vejamos:

- (89) a. A menina admirou *a atuação impecável do artista*.  
 b. A menina admirou *o artista* por *sua atuação impecável*.

- (90) a. O professor depreciou *o trabalho mal feito da Maria*.  
 b. O professor depreciou *a Maria pelo seu trabalho malfeito*.

Os sintagmas nominais *a atuação* e *o trabalho* denotam um tipo de atividade exercida pelas entidades *o artista* e *a Maria*.<sup>15</sup> Por denotarem eventos, podemos dizer, então, que esses sintagmas são itens predicadores que tomam *o artista* e *a Maria* como argumentos.

Portanto, os NPs complexos passíveis de serem fatorados devem estabelecer uma relação de predicação entre seus constituintes, essa relação pode ser entre um evento e seu argumento ou uma relação de posse inalienável. Contudo, não é toda relação de posse inalienável que pode ser fatorada em dois constituintes distintos: essa relação deve ser entre uma entidade e um atributo. Por isso, o NP *o filho da vizinha*, em (88), não pode ser fatorado, já que, embora *filho* seja um nome intrinsecamente relacional, ele não denota um atributo de uma entidade.

Ainda é importante ressaltar que o argumento do NP que denota um evento deve ser necessariamente um agente, de modo que quando temos um argumento afetado pelo evento, a fatoração não ocorre: *a mãe teme a morte da filha/ \*a mãe teme a filha pela morte; o treinador estranhou a queda repentina do atleta/ \*o treinador estranhou o atleta por sua queda repentina*. Nessas sentenças, os NPs *a filha* e *o atleta* são afetados pelos nomes eventivos *morte* e *queda* e, por isso, a fatoração não se realiza.

Portanto, concluímos que a classe de *temer*, que apresenta a grade temática v: {estativo/condição mental, estativo/objeto motivador}, permite a fatoração do argumento que recebe as propriedades *estativo*, *objeto motivador* desde que ele seja um NP complexo que denote as relações semânticas de predicação entre um atributo e seu

---

<sup>15</sup> Há um verbo leve na interpretação do NP *o trabalho*: *o trabalho malfeito que a Maria fez*.

possuidor ou entre um nome eventivo e seu argumento. Esse argumento tem que ser o agente da situação expressa pelo nome eventivo. Em nossos dados há 30 verbos pertencentes a essa classe e que realizam a alternância que estamos descrevendo nesta subseção.

Contudo, ainda há verbos que não pertencem à classe de *temer*, mas que participam da alternância por apresentarem as restrições do NP complexo. Isso mostra que deve haver outras restrições de caráter verbal que delimitam a fatoração do argumento interno que recebe as propriedades semânticas citadas anteriormente.

- (91) a. O público aplaudiu a excelente atuação do artista.  
 b. O público aplaudiu o artista pela sua excelente atuação.
- (92) a. O árbitro penalizou as faltas do jogador.  
 b. O árbitro penalizou o jogador pelas faltas.

Os verbos *aplaudir* e *penalizar*, diferem-se dos da classe de *temer*, pois, embora atribuam as propriedades *estativo* e *objeto motivador* para o seu argumento que ocupa a posição de objeto, esses verbos atribuem as propriedades *desencadeador* e *controle* para o seu argumento que ocupa a posição de sujeito, apresentando a grade temática v: {desencadeador/controle, estativo/objeto motivador}. Fazem parte dessa classe 37 verbos. A atribuição das propriedades para o argumento que ocupa a posição de objeto é evidenciada a seguir:

- (93) a. O público aplaudiu a excelente atuação do artista.  
 b.  $\sim \vdash$  A excelente atuação do artista desencadeou/iniciou essa ação.  
 c.  $\sim \vdash$  A excelente atuação do artista foi afetada por essa ação.

- d.  $\vDash$  A excelente atuação do artista não é o objeto motivador dos aplausos do público.
- (94) a. O árbitro penalizou as faltas do jogador.
- b.  $\sim \vdash$  As faltas do jogador desencadearam/ iniciaram essa ação.
- c.  $\sim \vdash$  As faltas do jogador foram afetadas por essa ação.
- d.  $\vDash$  As faltas do jogador não são o objeto motivador da penalização do juiz.

O fato de as sentenças em (93b,c) e em (94b,c) não serem acarretadas por (93a) e (94a) mostra que os NPs *a excelente atuação do artista* e *as faltas do jogador* não desencadeiam nem são afetados pelos eventos de *aplaudir* e *penalizar*, recebendo, portanto, a propriedade semântica *estativo*. O fato de as sentenças em (93d) e (94d) serem contraditórias às respectivas sentenças em (a) evidencia a atribuição da propriedade *objeto motivador*.

As propriedades *desencadeador* e *controle*, atribuídas ao argumento que ocupa a posição de sujeito nas sentenças em (91) e (92), podem ser evidenciada através do fato de as sentenças a seguir serem contraditórias:

- (95) a.  $\vDash$  O público aplaudiu a excelente atuação do artista, mas não foi o público que desencadeou/iniciou essa ação.
- b.  $\vDash$  O público aplaudiu a excelente atuação do artista, mas o público não teve controle sobre essa ação.
- (96) a.  $\vDash$  O árbitro penalizou as faltas do jogador, mas não foi o árbitro que desencadeou/iniciou essa ação.
- b.  $\vDash$  O árbitro penalizou as faltas do jogador, mas o árbitro não teve controle sobre essa ação.

Mesmo apresentando grades temáticas distintas, podemos agrupar os verbos do tipo *temer* e os do tipo *aplaudir* e *penalizar* em uma única classe composta por verbos que atribuem as mesmas propriedades semânticas para o seu argumento que ocupa a posição de objeto. Essa classe pode ser representada da seguinte maneira, na qual a variável X representa o argumento que ocupa a posição de sujeito e sua não influência na realização da alternância:

(97) v: {X, estativo/objeto motivador}

Cançado e Gonçalves (2016) e Cançado e Amaral (2016) propõem, baseadas em Levin (2010), que as classes verbais podem ser analisadas em diferentes níveis, de acordo com seu grau de especificidade. Em nosso trabalho é interessante fazermos a distinção entre dois desses níveis: o *medium-grained*, que é um nível mediano, e o *coarse-grained*, que é um nível mais genérico. Classes no nível *medium-grained* são aquelas formadas por verbos que possuem a mesma estrutura argumental, como é o caso da classe de *temer*, que tem a representação mostrada em (81). Já classes no nível *coarse-grained* são aquelas compostas por verbos que compartilham apenas uma parte de sua estrutura argumental, como é o caso dos verbos do tipo *temer* e do tipo *aplaudir*, que têm sua representação mostrada em (97). Portanto, a fatoração do argumento verbal que recebe as propriedades semânticas *estativo* e *objeto motivador* motiva uma classificação verbal no nível *coarse-grained*.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, dentre os verbos que realizam a fatoração que mostramos nesta subseção há alguns que apresentam um argumento preposicionado em sua forma básica, como mostramos a seguir:

- (98) a. A banca examinadora discordou dos argumentos estapafúrdios do aluno.  
 b. A banca examinadora discordou do aluno pelos seus argumentos estapafúrdios.
- (99) a. A população protestou contra as medidas econômicas do novo governante.  
 b. A população protestou contra o novo governante pelas suas medidas econômicas.
- (100) a. O rapaz gostava da beleza da namorada.  
 b. O rapaz gostava da namorada por sua beleza.
- (101) a. O menino antipatizou com as manias do colega.  
 b. O menino rapaz antipatizou com o colega por suas manias.

As sentenças de (98) a (101) obedecem a todas as restrições da alternância: as suas formas não fatoradas (exemplos em (a)) apresentam um objeto composto por um NP complexo que denota a relação entre um atributo e um possuidor (a *beleza da namorada/ as manias do colega*) ou entre um nome eventivo e seu argumento (*os argumentos estapafúrdios do aluno/ medidas econômicas do novo governante*), e os verbos atribuem as propriedades *estativo* e *objeto motivador* para o seu argumento que ocupa a posição de objeto.

- (102) a. A população protestou contra as medidas econômicas do novo governante.  
 b. ~ | As medidas econômicas do novo governante desencadearam/iniciaram essa ação.  
 c. ~ | As medidas econômicas do novo governante foram afetadas por essa ação

d. ⊢ As medidas econômicas do novo governante não são o objeto motivador dos protestos da população.

O fato de a sentença (102a) não acarretar as sentenças (102b) e (102c) mostra que o argumento que ocupa a posição de objeto do verbo *protestar* recebe a propriedade *estativo*. Já o fato de a sentença em (102d) ser contraditória à sentença (a) evidencia a atribuição da propriedade *objeto motivador* para esse mesmo argumento.

Contudo, ainda nos resta explicar a presença das preposições que encabeçam os argumentos verbais nas formas não fatoradas das sentenças de (98) a (101). De acordo com Cançado (2009), todo argumento verbal preposicionado ocupa a posição sintática de adjunto, já que é a preposição que lhe atribui caso sintático. A existência dessa preposição, que encabeça um NP que deveria ocupar a posição de complemento do verbo, é explicada de duas maneiras pela autora. Uma delas é por questões de especificação semântica, que é o que ocorre no caso do verbo *protestar*. A preposição precisa ser inserida entre o verbo e o seu argumento para especificar o sentido do verbo, pois pode-se *protestar contra* ou *a favor* de algo. Já nos demais casos, a autora, baseada em Godoy (2008b), levanta a hipótese de que as preposições se fazem presentes por questões históricas, não tendo nenhuma contribuição na significação verbal. De qualquer forma, o importante para nosso trabalho é o fato de que a distinção entre argumentos preposicionados e não preposicionados não é relevante para a ocorrência da fatoração do argumento que recebe o papel temático composto pelas propriedades semânticas *estativo* e *objeto motivador*.

Nesta subseção, apresentamos as restrições semânticas que determinam a participação dos verbos na alternância que denominamos de “fatoração do argumento estativo” e descrevemos a relação de posse estabelecida internamente no NP complexo

passível de ser fatorado, que também funciona como restrição para a ocorrência da alternância. Na próxima seção, faremos o mesmo procedimento para outro tipo de alternância comitativa do PB: a fatoração do argumento externo que recebe a propriedade *desencadeador*.

### 2.1.2 Fatoração do argumento desencadeador do evento

Nesta subseção, apresentamos as restrições semânticas que subjazem a fatoração do argumento verbal que recebe a propriedade *desencadeador* e que ocupa a posição sintática de sujeito. Começamos analisando os seguintes exemplos:

- (103) a. A arrogância do professor abalou o aluno.  
       b. O professor abalou o aluno com sua arrogância.
- (104) a. O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico.  
       b. O presidente banalizou o trabalho doméstico com seu discurso.

Segundo Cançado, Godoy e Amaral (2017), os verbos *abalar* e *banalizar* atribuem o papel temático de Causa para o seu argumento que ocupa a posição de sujeito. Esse papel temático é atribuído ao “desencadeador de alguma ação, sem controle” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 43) e equivale à propriedade *desencadeador*. Evidenciamos a atribuição dessa propriedade através do teste de acarretamento lexical.

- (105) ⊢ A arrogância do professor abalou o aluno, mas não foi a arrogância do professor que desencadeou esse evento.

- (106)  $\nVdash$  O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico, mas não foi o discurso do presidente que desencadeou esse evento.

A contradição expressa nas sentenças em (105) e (106) evidencia que os NPs *a arrogância do professor* e *o discurso do presidente* recebem a propriedade de *desencadeador*.

Assim, nas sentenças em (103b) e (104b) essa propriedade encontra-se distribuída em duas posições sintáticas: na de sujeito do verbo e na de adjunto encabeçado pela preposição *com*.

- (107) O professor abalou os alunos com sua arrogância.

↓

desencadeador

↓

desencadeador

Mostramos que tanto *o professor* quanto *sua arrogância* recebem a propriedade *desencadeador* através da contradição das sentenças em (108).

- (108) a.  $\nVdash$  *O professor* abalou os alunos com sua arrogância, mas não foi o professor que desencadeou esse evento.  
 b.  $\nVdash$  O professor abalou os alunos com *sua arrogância*, mas não foi sua arrogância que desencadeou esse evento.

Sobre a forma fatorada das sentenças, ainda é importante ressaltar que a preposição *com* é uma preposição funcional, pois só pode ser substituída por uma de mesmo valor semântico, como *por*, que também pode expressar a ideia de

desencadeamento, sentido esse compatível semanticamente com o papel temático atribuído pelo verbo.

- (109) a. O professor abalou os alunos com/por/ por causa de sua arrogância.  
 b. \*O professor abalou os alunos sobre/sem/dentro de sua arrogância.

Dessa forma, de acordo com a proposta de Cançado (2009), o NP *sua arrogância* é um argumento verbal que ocupa a posição sintática de adjunto.

Passemos agora para a análise do fator que motiva a existência da forma fatorada das sentenças que estamos analisando nesta subseção. Evidenciamos primeiramente que as formas não fatorada e fatorada são sinônimas.

- (110) a. ⊢ A arrogância do professor abalou o aluno, mas o professor não abalou o aluno com sua arrogância.  
 b. ⊢ O professor abalou o aluno com sua arrogância, mas a arrogância do professor não abalou o aluno.
- (111) a. ⊢ O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico, mas o presidente não banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.  
 b. ⊢ O presidente banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso, mas o discurso do presidente não banalizou o trabalho doméstico.

O fato de as sentenças em (110) e em (111) serem contraditórias mostra que os pares de sentenças em (103) e em (104) são paráfrases entre si. Desse modo, o que motiva a existência dessa alternância é algo de ordem pragmática, pois as sentenças

alternantes não apresentam a mesma estrutura informacional, assim como ocorre com a fatoração do argumento estativo que mostramos na subseção anterior.

(112) A: O que abalou o aluno?

B: (103a) A arrogância do professor abalou o aluno.

# (103b) O professor abalou o aluno com sua arrogância.

(113) A: Com o quê o professor abalou o aluno?

B: (103b) O professor abalou o aluno com sua arrogância.

#(103a) A arrogância do professor abalou o aluno.

A pergunta em (112) pede como informação nova todo o NP *a arrogância do professor*, pois não é mencionado anteriormente que foi o professor quem abalou o aluno. Já a pergunta em (113) pede como informação nova apenas o PP *com sua arrogância*, já que NP *o professor* já foi mencionado na própria pergunta.

Vejamos agora quais as restrições semânticas para a ocorrência dessa alternância no PB. Cançado, Godoy e Amaral (2017) apontam que ela ocorre com os verbos de mudança de estado que atribuem apenas o papel temático de Causa (propriedade *desencadeador*) para o seu argumento interno, como é o caso de *abalar* e *banalizar*. Grosso modo, os verbos de mudança de estado denotam o sentido de ‘ficar estado’ (PARSONS, 1990) e acarretam que o argumento interno verbal passa a ficar em um determinado estado expresso por um adjetivo ou pelo particípio do verbo (*o aluno ficou abalado/ o trabalho doméstico ficou banalizado*).

Contudo, é importante ressaltar que os verbos que as autoras classificam como verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos (verbos que atribuem os papéis temáticos de Causa e a opcionalidade de se ter um agente na sentença de forma

composicional), como *quebrar* e *abrir*, também realizam a fatoração do sintagma que recebe a propriedade *desencadeador*. Esses verbos aceitam tanto um agente, que corresponde à combinação das propriedades *desencadeador* e *controle* (*o menino quebrou o vidro da janela intencionalmente/ o menino abriu a porta de entrada intencionalmente*), como apenas um *desencadeador* (*o soco do menino quebrou o vidro da janela/ o chute do menino abriu a porta de entrada*) na posição de sujeito. Vejamos como eles também permitem a fatoração do NP que recebe apenas a propriedade *desencadeador*.

(114) a. O soco do menino quebrou o vidro da janela

b. O menino quebrou a janela com um soco.

(115) a. O chute do menino abriu a porta de entrada.

b. O menino abriu a porta de entrada com um chute.

Embora as sentenças em (114b) e (115b) tenham preferencialmente uma leitura agentiva de que o menino intencionalmente quebra o vidro da janela com um soco e abre a porta de entrada com um chute, a leitura de causa fatorada não é descartada. Imaginemos as seguintes situações descritas a seguir.

(116) Havia um menino treinando socos de boxe próximo a janela de vidro de sua casa. Ele se distraiu e quebrou o vidro da janela com um soco. Nesse contexto, podemos dizer que *o menino quebrou o vidro da janela com um soco, embora ele não tivesse a intenção de quebrá-la*. Ou então, uma sentença do tipo *o menino quebrou o vidro da janela com socos ao acaso*.

(117) Havia um menino dando chutes ao acaso na varanda de sua casa. De repente, ele se desequilibrou e acabou abrindo a porta de entrada com um dos chutes. Nesse contexto, podemos dizer que *o menino abriu a porta de entrada com um chute, embora ele não tivesse a intenção de abri-la*. Ou então, uma sentença do tipo *o menino abriu a porta de entrada com chutes ao acaso*.

As situações descritas em (116) e em (117) evidenciam que a leitura em que os NPs *o soco do menino* e *o chute do menino* são interpretados como uma causa fatorada nos exemplos em (114b) e (115b) não é impossível. Além disso, vejamos o exemplo seguinte.

(118) a. Os raios reluzentes do sol iluminaram a sala.

b. O sol iluminou a sala com seus raios reluzentes.

c. \*O sol iluminou a sala com seus raios reluzentes intencionalmente.

Segundo Cançado, Godoy e Amaral (2017), o verbo *iluminar* pode atribuir tanto o papel temático de Agente (propriedades *desencadeador* e *controle* - *o homem iluminou a sala intencionalmente*) quanto o de Causa (propriedade *desencadeador*) para o seu argumento que ocupa a posição de sujeito, sendo, portanto, um verbo de mudança de estado opcionalmente volitivo. Porém, a sentença em (118b) não apresenta uma leitura agentiva, o que é evidenciado pela agramaticalidade de (118c).

Assim, os exemplos de (114) a (118) mostram que não só os verbos de mudança de estado não volitivos (verbos como *abalar* e *banalizar*), mas também os verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos (*quebrar*, *abrir*, *iluminar*) permitem a

fatoração do seu argumento que recebe a propriedade *desencadeador* em dois constituintes sintáticos.

Contudo, não podemos negligenciar o fato de os verbos *quebrar* e *abrir* apresentarem uma leitura agentiva em sentenças do tipo *o menino quebrou o vidro da janela com um soco* e *o menino abriu a porta de entrada com um chute*. Isso ocorre por esses verbos poderem atribuir apenas a propriedade *desencadeador* ou essa propriedade atrelada à propriedade *controle* para o seu argumento, exibindo uma leitura preferencialmente agentiva quando possuem uma entidade animada na posição de sujeito e um sintagma preposicionado encabeçado pela preposição *com* em adjunção.

Na leitura agentiva, as sentenças *o menino quebrou o vidro da janela com um soco* e *o menino abriu a porta de entrada com um chute* não podem ser consideradas formas fatoradas das sentenças *o soco do menino quebrou o vidro da janela* e *o chute do menino abriu a porta de entrada*, pois para que haja a fatoração de um argumento, é necessário que ambas as sentenças (a não fatorada e a fatorada) sejam paráfrases entre si.

Portanto, propomos que na leitura agentiva o PP não é um argumento verbal, recebendo papel temático da preposição *com* que o encabeça. Esse papel pode ser a propriedade *maneira pela qual o sujeito realiza o evento* ou, seguindo a ideia de Lehmann e Shin (2005), a propriedade genérica de ser *o instrumento*, no sentido amplo do termo, que o sujeito usa para desencadear o evento.

Façamos agora um parêntese para falar a respeito da noção de instrumento. Essa noção é geralmente associada ao papel temático Instrumento, enquanto primitivo semântico, atribuído ao sintagma que denota a entidade utilizada por um agente no desencadear de uma ação, como em *o menino quebrou o vidro da janela com um martelo*. Brunson (1992, 1993) argumenta que o papel temático de Instrumento pode ser

interpretado como um tipo de fatoração do argumento externo Causa. Contudo, essa opção não parece plausível, uma vez que a sentença não fatorada com leitura de causa não descreve o mesmo evento no mundo que a sentença com a leitura agentiva.

- (119) a. O menino quebrou o vidro da janela com um martelo.  
b. O martelo do menino quebrou o vidro da janela.

Não podemos dizer que as sentenças acima são paráfrases entre si. Em (119a), temos um sujeito Agente (*o menino*) e um NP adjunto (*um martelo*) que recebe o papel de Instrumento pela preposição *com*. Em (119b), o NP *o martelo do menino* expressa a ideia de que o menino é o dono do martelo e não aquele que utilizou esse instrumento para realizar a ação de *quebrar o vidro da janela*. Evidenciamos isso através da sentença a seguir:

- (120) O martelo do menino quebrou o vidro da janela quando o Paulo o jogou na mesma.

Cançado e Amaral (2016), baseadas em Alexiadou e Schäfer (2006), mostram que, quando entidades que denotam instrumentos no mundo ocupam a posição de sujeito verbal, elas podem ser interpretadas como a causa do evento denotado pelo verbo. Seguindo esse tipo de análise, temos que o verbo *quebrar* atribui o papel de Causa (propriedade *desencadeador*) para o NP *o martelo do menino* na sentença (119b). A partir daí, a pergunta que surge é a seguinte: se esse sintagma recebe a propriedade *desencadeador*, por que ele não pode ser fatorado em duas posições sintáticas? A

resposta está no tipo de relação estabelecida internamente ao NP complexo. Retomemos alguns exemplos já apresentados nesta subseção.

- (121) a. A arrogância do professor abalou o aluno.  
       b. O professor abalou o aluno com sua arrogância.
- (122) a. O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico.  
       b. O presidente banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.
- (123) a. Os socos ao acaso do menino quebraram o vidro da janela.  
       b. O menino quebrou o vidro da janela com socos ao acaso.

Os NPs complexos apresentados nos exemplos em (a) de (121) a (123) denotam uma relação de predicação entre um atributo (*arrogância*) e seu possuidor (*professor*), que é uma relação de posse inalienável, ou entre um evento (*discurso* e *socos*) e seu argumento (*presidente* e *menino*). Embora o NP *o martelo do menino* em (120b) também denote uma relação de posse em que o menino é o dono do martelo, essa é uma relação de posse alienável, pois a entidade *martelo* não precisa pertencer necessariamente a alguém. Portanto, propomos que o NP complexo, que recebe a propriedade *desencadeador*, deve denotar uma relação de predicação para que ele possa ser fatorado em duas posições sintáticas distintas. Essa relação pode ser entre um atributo e seu possuidor ou entre um nome eventivo e seu argumento.

Ainda é interessante observar que, assim como ocorre na fatoração do argumento estativo, quando o NP complexo apresenta um nome eventivo, o argumento desse nome deve ser necessariamente um agente, pois quando temos nomes eventivos que tomam um argumento que denota uma entidade afetada pelo evento expresso pelo nome, a fatoração não se realiza.

- (124) a. O discurso do professor abalou o aluno.  
 b. O professor abalou o aluno com seu discurso.

- (125) a. A morte do professor abalou o aluno.  
 b. \*O professor abalou o aluno com sua morte.

O contraste entre os exemplos em (124) e (125) mostra claramente que o argumento do nome eventivo deve ser o agente do evento expresso pelo nome, como em (124), no qual *o professor* é quem faz o discurso. Caso o argumento do nome eventivo seja afetado pelo evento expresso pelo nome, como em (125), a fatoração não se realiza.

Tendo visto qual a relação existe internamente ao argumento verbal complexo passível de ser fatorado e também quais as propriedades temáticas atribuídas a ele, nos resta verificar o papel temático que os verbos atribuem ao argumento que ocupa a posição de objeto. Propomos que esse argumento recebe a propriedade *afetado*, no caso de verbos como *banalizar* e *quebrar*, e essa mesma propriedade atrelada à propriedade *condição mental* no caso de verbos do tipo *abalar*, que denotam um tipo de estado psicológico (CANÇADO, 1995; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017).

- (126) a. ⊢ O discurso do presidente banalizou *o trabalho doméstico*, mas o trabalho doméstico não foi afetado.

- (127) a. ⊢ Os socos ao acaso do menino quebraram o vidro da janela, mas o vidro da janela não afetado.

- (128) a. ⊢ A arrogância do professor abalou os alunos, mas os alunos não foram afetados.

- b. ⊢ A arrogância do professor abalou os alunos, mas os alunos não passaram a ficar em um determinado estado mental.

A contradição apresentada nas sentenças (a) de (126) a (128) evidencia a atribuição da propriedade *afetado*, enquanto a contradição de (128b) evidencia que o verbo *abalar* atribui a propriedade *condição mental* ao seu argumento que ocupa a posição de objeto.

Assim, os verbos que participam da alternância que descrevemos nesta subseção pertencem a três classes diferentes: classe de *banalizar*, que apresenta a grade temática  $v: \{\text{desencadeador, afetado}\}$ , classe de *quebrar* e *abrir*, que apresenta a grade temática  $v: \{\text{desencadeador}/(\text{controle}), \text{afetado}\}$ <sup>16</sup> e classe de *abalar*, que possui a grade temática  $v: \{\text{desencadeador, afetado}/\text{condição mental}\}$ . Essas três classes podem ser agrupadas em uma só classe mais ampla, no nível *coarse-grained*, que é a classe dos verbos que atribuem a propriedade semântica *desencadeador* para o seu argumento que ocupa a posição de sujeito, não importando qual o papel do argumento que ocupa a posição de complemento. Essa classe *coarse-grained* é representada da seguinte maneira, onde a variável X representa os dois diferentes papéis que podem ser atribuídos ao argumento que ocupa a posição de objeto dos verbos:

(129) {desencadeador, X}

Por fim, vale ressaltar que ainda há a restrição interna ao argumento complexo que recebe o papel de desencadeador. Para que a fatoração ocorra, ele deve denotar uma relação de predicação entre um possuidor e um atributo (*a arrogância do professor*) ou entre um nome eventivo e o agente desse evento denotado pelo nome (*o discurso do presidente*).

---

<sup>16</sup> O fato de a propriedade *controle* estar entre parênteses indica que sua atribuição é opcional, ou seja, os verbos aceitam tanto um “agente” quanto uma “causa” na posição de sujeito.

Tendo delimitado as restrições semânticas para a alternância que analisamos nesta subseção, passemos para a descrição de um outro tipo de alternância que veicula a ideia de concomitância: a alternância com os verbos lexicalmente recíprocos.

### **2.1.3 A alternância com os verbos recíprocos: um caso de fusão de argumentos**

Como já mencionamos na seção 3.1, existe um grupo de verbos que exige um argumento com denotação plural e que denota uma relação de reciprocidade entre os referentes desse argumento, como *combinar* (*as meias da menina combinam/ \*a meia da menina combina*) e *juntar* (*a faxineira juntou as cadeiras da sala / \*a faxineira juntou a cadeira da sala*). Esses verbos são chamados de “verbos lexicalmente recíprocos” (GODOY, 2008a, 2009, 2010), em oposição a verbos que aceitam, mas não exigem um argumento com denotação plural, como *jantar* (*o marido e a esposa jantaram/ a esposa jantou*). Nesta tese, analisamos apenas os verbos que são lexicalmente recíprocos, uma vez que buscamos descrever as propriedades lexicais dos itens verbais que interferem em sua sintaxe. Juntamente com Godoy (2008a), acreditamos que verbos como *jantar*, que não são lexicalmente recíprocos, podem instanciar construções recíprocas, mas esse não é um fenômeno marcado lexicalmente.

De acordo com Godoy (2008a, 2009, 2010), os verbos lexicalmente recíprocos participam de uma alternância denominada de “alternância simples-descontínua”. Essa alternância caracteriza-se pelo fato de o argumento com denotação plural dos verbos lexicalmente recíprocos poder ser expresso de duas maneiras distintas: em um só constituinte sintático (forma simples) ou em dois constituintes sintáticos distintos (forma descontínua). Podemos pensar que essa alternância é um tipo de fatoração de argumentos, no qual a forma simples corresponde à forma não fatorada, enquanto a

forma descontínua corresponde à forma fatorada da sentença. Vejamos os exemplos a seguir:

- (130) a. Rosa e azul combinam.  
       b. Rosa combina com azul.
- (131) a. A faxineira juntou a cadeira e a mesa.  
       b. A cozinheira juntou a cadeira com a mesa.

As sentenças em (a), apresentam os argumentos com denotação plural expressos em um só constituinte sintático (*rosa e azul/ a cadeira e a mesa*), constituindo, portanto, a forma simples da sentença. Já as sentenças em (b) apresentam esses mesmos argumentos distribuídos em duas posições sintáticas distintas (*rosa; com azul/ a cadeira; com a mesa*).

Em relação à semântica da forma descontínua, discordamos de Godoy (2008a, 2009, 2010) no que se diz respeito à paráfrase existente entre as sentenças. A autora argumenta, baseada em Dowty (1991), que as formas alternantes não estabelecem uma relação de paráfrase entre si e fornece o seguinte exemplo, retirado de Dowty (1991), para corroborar sua argumentação.

- (132) a. O carro colidiu com o poste.  
       b. \*O carro e o poste colidiram.

(GODOY, 2010, p. 97)

De acordo com Godoy (2008a, 2009, 2010), o fato de a sentença (132b), que corresponde à forma descontínua, ser agramatical é uma evidência de que a forma simples e a descontínua dos verbos lexicalmente recíprocos não são sinônimas.

Contudo, a própria autora mostra que se trocarmos o argumento *poste* por outro argumento, podemos fazer a forma simples da sentença com o verbo *colidir*.

- (133) a. O carro colidiu com o caminhão.  
 b. O carro e o caminhão colidiram.

(GODOY, 2010, p. 97)

Não há como falarmos que as duas sentenças em (133) não são sinônimas, pois a afirmação de uma com a negação da outra forma uma sentença contraditória, como vemos a seguir:

- (134) a.  $\not\vdash$  O carro e o caminhão colidiram, mas o carro não colidiu com o caminhão.  
 b.  $\not\vdash$  O carro colidiu com o caminhão, mas o carro e o caminhão não colidiram.

Acreditamos que a agramaticalidade da sentença em (132b) pode ser explicada em termos de restrição seletional do verbo *colidir*. Esse verbo pede um sujeito formado por entidades que sejam capazes de se locomover, como *o carro* e *o caminhão*, e por isso, não aceita *o poste*, que é uma entidade que não se locomove, como sujeito no exemplo em (132b).

Os pares de sentenças com os verbos *combinar* e *juntar* também estabelecem uma relação de paráfrase entre si, que é evidenciada pela contradição das sentenças a seguir:

- (135) a.  $\not\vdash$  Rosa e azul combinam, mas rosa não combina com azul.  
 b.  $\not\vdash$  Rosa combina com azul, mas azul e rosa não combinam.

- (136) a. ⊢ A faxineira juntou a cadeira e a mesa, mas não juntou a cadeira com a mesa.  
 b. ⊢ A faxineira juntou a cadeira com a mesa, mas não juntou a cadeira e a mesa.

Dessa forma, até o presente momento, mostramos que a alternância com os verbos lexicalmente recíprocos parece ser um caso de fatoração de argumento verbal, pois ela ocorre devido ao fato de um mesmo argumento verbal poder ser expresso de duas maneiras: em uma só posição sintática ou em duas posições sintáticas distintas. Além disso, assim como mostramos para os demais casos de fatoração, as formas alternantes estabelecem uma relação de paráfrase entre si.

Contudo, a alternância com os verbos recíprocos distingue-se dos casos de fatoração de argumentos verbais, que vimos até então, em dois pontos: (i) na fatoração de argumentos verbais, os argumentos passíveis de serem fatorados denotam uma relação interna de predicação (relação de posse inalienável entre atributo e possuidor ou relação entre nome eventivo e seu argumento), enquanto os argumentos dos verbos recíprocos são NPs compostos, ou seja, que estabelecem uma espécie de relação de coordenação, mais especificamente de adição entre si (*rosa e azul/ a cadeira e a mesa*); (ii) na forma fatorada das sentenças, um dos constituintes fatorados (aquele que denota o atributo ou o nome eventivo) pode ser apagado sem gerar prejuízo para a compreensão da sentença, mas o mesmo não ocorre na alternância com os verbos recíprocos. Vejamos os exemplos a seguir:

- (137) a. José teme o tamanho do cachorro.  
 b. José teme o cachorro pelo seu tamanho.  
 c. José teme o cachorro.
- (138) a. O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico.

- b. O presidente banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.
- c. O presidente banalizou o trabalho doméstico.
- (139) a. Rosa e azul combinam.
- b. Rosa combina com azul.
- c. \*Rosa combina.
- (140) a. A faxineira juntou a cadeira e a mesa.
- b. A faxineira juntou a cadeira com a mesa.
- c. \*A faxineira juntou a cadeira.

Como podemos observar nas sentenças em (c) em (137) e (138), os sintagmas *pelo seu tamanho* e *com o seu discurso* foram apagados sem atrapalhar a compreensão das sentenças, enquanto o mesmo não ocorre em (139c) e em (140c). Concluímos, portanto, que na forma descontínua dos verbos recíprocos não pode haver o apagamento de um de seus constituintes, o que evidencia que a alternância com esses verbos é um fenômeno distinto daqueles que analisamos até então.

Propomos que a alternância com os verbos lexicalmente recíprocos se trata de uma fusão de argumentos verbais, de modo que a forma básica dos verbos é a que apresenta o PP (geralmente encabeçado pela preposição *com*)<sup>17</sup>, enquanto a forma alternada é a que apresenta um argumento com denotação plural.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> É interessante ressaltar que alguns verbos lexicalmente recíprocos podem expressar uma espécie de “quebra da comitatividade”, como acontece com o verbo *separar*: a mãe separou os irmãos/ a mãe separou o irmão da irmã. Nessas sentenças a ideia transmitida é a de que os irmãos que estavam juntos foram separados. Nesses casos, a preposição utilizada é *de*.

<sup>18</sup> Também vale notar que estamos utilizando o termo “fusão de argumentos” apenas de forma descritiva e não como utilizado pelos autores Croft e Cruse (2009), em uma vertente cognitiva. Para esses autores, o

- (141) a. Rosa combina com azul. → forma básica  
       b. Rosa e azul combinam. → forma alternada
- (142) a. A faxineira juntou a cadeira com a mesa. → forma básica  
       b. A faxineira juntou a cadeira e a mesa. → forma alternada

Evidenciamos nossa proposta pelo fato de não podermos apagar o PP, como mostramos nos exemplos em (139c) e em (140c). Sendo um fenômeno distinto da fatoração de argumentos verbais, deixamos uma análise mais aprofundada do mesmo para um trabalho futuro.

Na próxima seção, apresentamos dois outros tipos de fatoração de argumentos no PB, ambas envolvendo o argumento verbal que recebe a propriedade semântica afetado.

## 2.2 Alternâncias parte-todo

Nesta seção, analisamos dois tipos de fatoração do argumento verbal que ocupa a posição de objeto. Exemplificamos uma delas a seguir:

- (143) a. O braço do menino (se) quebrou (com o acidente de carro).  
       b. O menino quebrou o braço (com o acidente de carro).

---

termo “fusão” (*fusion*) é usado para descrever processos metonímicos nos quais duas entidades distintas são representadas por uma só palavra, como no exemplo analisados por Amaral (2015): *a Ferrari acelerou*, em que *a Ferrari* denota tanto o veículo quanto o seu condutor.

A sentença em (143a) apresenta o verbo *quebrar* em sua forma intransitivo-incoativa. A incoativização é um processo típico de verbos de mudança de estado (LAKOFF, 1970; FILLMORE, 1970; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1994; AMARAL, 2015; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016, entre outros), no qual o desencadeador do evento é apagado da posição pré-verbal, que passa a ser ocupada pelo argumento interno do verbo.

Baseadas em Haspelmath (1993), Cançado, Godoy e Amaral (2017) e Cançado e Amaral (2016) afirmam que a forma básica da sentença incoativa em (143a) é *o acidente quebrou o braço do menino*, pois essa frase não é marcada morfologicamente, enquanto *o braço do menino se quebrou* apresenta o clítico *se*, que marca o processo de incoativização da sentença.

A sentença em (143b), portanto, é a forma fatorada da sentença incoativa em (143a), pois apresenta o argumento *o braço do menino* fatorado em duas posições sintáticas distintas: uma posição pré-verbal, que é a posição de foco, como mostraremos no próximo capítulo, e uma posição pós-verbal, que é a de objeto. Embora as restrições para a realização dessa alternância no PB já tenham sido dadas por Cançado (2010) e por Cançado e Gonçalves (2016), em nenhum desses trabalhos as sentenças em (143) foram tratadas como um caso de fatoração do argumento verbal. Em nossa pesquisa, mostramos por que a alternância em (143) é um tipo de fatoração de argumento e adotamos as restrições propostas nos trabalhos das autoras, fazendo, no entanto, alguns ajustes.

A outra alternância que analisamos é apresentada em (144) e ainda não foi estudada no PB.

(144) a. O menino beijou a bochecha da menina.

b. O menino beijou a menina na bochecha.

O argumento interno complexo do verbo *beijar* ocupa a posição de objeto em (144a) e fatora-se nessa posição e na de adjunto em (144b). Assim como ocorre na alternância mostrada em (143), o NP complexo da sentença em (144a) denota a relação semântica de parte-todo, de modo que essa é uma restrição comum às duas alternâncias, e daí vem o nome da seção “alternâncias parte-todo”.

Contudo, embora apresentem um argumento interno que denota a relação parte-todo, a fatoração desse argumento é diferente em cada tipo de alternância. Em (143b), o constituinte que denota o possuidor/todo alça para a posição de foco. Já em (144a), o argumento complexo ocupa a posição de objeto e, em sua forma fatorada (144b), distribui-se por essa posição e pela de adjunto.

Além da diferença nas posições sintáticas ocupadas pelos sintagmas fatorados, essas duas alternâncias também apresentam diferenças quanto às restrições semânticas de caráter verbal que delimitam suas respectivas ocorrências. Apresentamos essas restrições nas duas próximas subseções, começando com a alternância mostrada em (144), que ainda não foi analisada no PB.

### **2.2.1 Fatoração do argumento afetado dos verbos de contato físico**

A alternância que apresentamos nesta subseção é chamada de *body-part possessor ascension alternation* nos trabalhos sobre o inglês (FILLMORE, 1970; PINKER, 1989; LEVIN, 1993) e ocorre quando o argumento verbal complexo que ocupa a posição de objeto pode ocorrer de duas maneiras distintas na sintaxe: como um só constituinte complexo ou como dois constituintes distintos, sendo que um ocupa a

posição de objeto direto e outro a de um adjunto expresso por um PP encabeçado pelas preposições *on/in*, no caso do inglês, e pela preposição *em* no PB<sup>19</sup>.

(145) a. O menino beijou a bochecha da menina.

‘The boy kissed the girl’s cheek.’

b. O menino beijou a menina na bochecha.

‘The boy kissed the girl on her cheek.’

(146) a. O cachorro mordeu a perna do menino.

‘The dog bit the boy’s leg.’

b. O cachorro mordeu o menino na perna.

‘The dog bit the boy on his leg.’

Assim como ocorre com todas as alternâncias oriundas da fatoração de um argumento verbal, as sentenças que analisamos nesta subseção formam paráfrases entre si, pois se acarretam mutuamente.

(147) a. ⊢ O cachorro mordeu a perna do menino, mas não mordeu o menino na perna.

b. ⊢ O cachorro mordeu o menino na perna, mas não mordeu a perna do menino.

As sentenças em (147) são contraditórias, o que evidencia que sua forma não fatorada e sua forma fatorada são sinônimas. Portanto, a motivação para a existência dessa alternância é de caráter pragmático e pode ser explicada a partir da estrutura informacional dos enunciados.

---

<sup>19</sup> Essa alternância não deve ser confundida com a chamada “alternância conativa”, na qual o argumento interno de um verbo pode ocupar tanto a posição de objeto direto quanto a de objeto indireto: *João comeu a torta (João ate the cake)/ João comeu da torta (João ate at the cake)* (LEVIN, 1993; WACHOWICZ, 2009).

(148) A: O que o cachorro mordeu?

B: (146a) O cachorro mordeu a perna do menino.

# (146b) O cachorro mordeu o menino na perna.

(149) A: Em que parte do corpo o cachorro mordeu o menino?

B: (146b) O cachorro mordeu o menino na perna.

# (146a) O cachorro mordeu a perna do menino.

A sentença em (146a) responde adequadamente à pergunta em (148), pois focaliza todo o argumento complexo. Já (146b) responde à pergunta em (149), pois focaliza a parte específica que o cachorro mordeu.

No inglês, os autores propõem que a *body-part possessor ascension alternation* ocorre com verbos que denotam contato físico e que aceitam um argumento complexo composto por um ser animado e parte de seu corpo, como é o caso de *bite* ‘morder’ e *kiss* ‘beijar’ (FILLMORE, 1970; PINKER, 1989; LEVIN, 1993). O verbo *break* ‘quebrar’, por exemplo, não realiza a alternância, pois, embora denote contato físico, não aceita uma entidade animada como argumento que ocupa a posição de objeto.

(150) a. I broke his leg.

‘Eu quebrei a perna dele.’

b. \*I broke him on the leg.

‘\*Eu quebrei ele na perna.’

(FILLMORE, 1970, p. 132)

Contudo, no PB, mesmo verbos que não aceitam um argumento que denota uma entidade animada na posição de objeto participam da alternância, pois, em nossa língua,

basta que o objeto direto seja composto por um sintagma que denote a relação de posse inalienável entre qualquer entidade (animada ou inanimada) e parte da mesma para que a alternância se realize.

(151) a. A queda quebrou a beirada da tela do celular.

b. A queda quebrou a tela do celular na beirada.

(152) a. A queda rachou a beirada do espelho.

b. A queda rachou o espelho na beirada.

A relação inalienável de parte-todo estabelecida internamente ao NP complexo passível de ser fatorado é, portanto, uma primeira restrição para que a alternância se realize.

O fato de o PB apresentar uma restrição mais ampla do que o inglês em relação ao tipo de relação parte-todo estabelecida internamente ao NP complexo faz com que um grande número de verbos de diferentes tipos participe da alternância que estamos descrevendo nesta subseção. Vejamos alguns exemplos:

- “Verbos de afetação por evento mediado pelo corpo” (CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017): são verbos transitivos diretos que denotam que o argumento verbal, que ocupa a posição de objeto, é afetado por meio de um evento mediado pelo corpo, como *morder*, *beijar*, *abraçar*, *acariciar*, *beliscar*, entre outros. A alternância com esses verbos já foi exemplificada em (145) e em (146). Em nossos dados, encontramos 25 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

- “Verbos de mudança de estado” (LAKOFF, 1970; FILLMORE, 1970; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1994; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL, 2016; CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017, entre outros): são verbos que denotam que o argumento verbal, que ocupa a posição de objeto, passa a ficar em algum estado. A alternância ocorre com a forma transitiva desses verbos, como os exemplos dados em (151) e (152) para os verbos *quebrar* e *rachar*. Em nossos dados, encontramos 32 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

- “Verbos instrumentais” (KIPARSKY, 1982; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; HARLEY; HAUGEN, 2007; MEIRELLES; CANÇADO, 2015; CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017): são verbos transitivos que denotam que o argumento verbal, que ocupa a posição de objeto, é afetado por meio de um instrumento, como *chicotear*, *esfaquear*, *lixar*, *serrar*, entre outros. Em nossos dados, encontramos 21 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

(153) a. O homem chicoteou as costas do escravo.

b. O homem chicoteou o escravo nas costas.

(154) a. O bandido esfaqueou a barriga da vítima.

b. O bandido esfaqueou a vítima na barriga.

- “Verbos de mudança de estado agentivos” (CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017): são verbos transitivos diretos, necessariamente agentivos, que denotam que o argumento verbal, que ocupa a posição de objeto, muda de estado. Ainda vale dizer que esses verbos acarretam que a ação é realizada por meio de um instrumento. São verbos

como *afiar*, *apontar*, *limpar*, *moer*, *lavar*, entre outros. Em nossos dados, encontramos 38 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

(155) a. O menino apontou o lado errado do lápis.

b. O menino apontou o lápis no lado errado.

(156) a. A lavadeira lavou apenas a gola da camisa.

b. A lavadeira lavou a camisa apenas na gola.

- “Verbos de mudança de posse” (CLARK; CLARK, 1979; LEVIN, 1993; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017): são verbos que denotam que o argumento verbal, que ocupa a posição de objeto, passa a possuir algo, como *acorrentar*, *murar*, *perfumar*, entre outros. Em nossos dados, encontramos 22 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

(157) a. O policial acorrentou as pernas do bandido.

b. O policial acorrentou o bandido nas pernas.

(158) a. O pedreiro murou a parte da frente do terreno.

b. O pedreiro murou o terreno na parte da frente.

- “Verbos de mudança de estado de posse” (CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017): são verbos que denotam que o argumento que ocupa a posição de objeto direto passa a ficar em determinado estado, com ou sem alguma coisa, como *cobrir*, *tingir*, etc. Em nossos dados, encontramos 5 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

- (159) a. A mãe cobriu as perninhas da criança com uma coberta de lã.  
 b. A mãe cobriu a criança nas perninhas com uma coberta de lã.
- (160) a. A cabeleireira tingiu as pontas do cabelo da modelo com uma tinta rosa.  
 b. A cabeleireira tingiu o cabelo da modelo nas pontas com uma tinta rosa.

- “Verbos de mudança de lugar” (CLARK; CLARK, 1979; LEVIN, 1993; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2017; CANÇADO; AMARAL; MEIRELLES, 2017): são verbos que denotam que o argumento verbal, que ocupa a posição de objeto, passa a ficar em ou fora de algum lugar, como *desembalar* e *embalar*. Em nossos dados, encontramos apenas 2 verbos dessa classe que realizam a fatoração de seu argumento.

- (161) a. A criança apressada desembalou apenas as pernas da boneca.  
 b. A criança apressada desembalou a boneca apenas nas pernas.
- (162) a. A vendedora embalou apenas a base do vaso de flor.  
 b. A vendedora embalou o vaso de flor apenas na base.

A partir dos exemplos mostrados até então, podemos perceber que tanto verbos que possuem apenas dois argumentos (*beijar*, *quebrar*, *chicotear*, *lavar*, *acorrentar*, *embalar*, entre outros) quanto verbos com três argumentos (*cobrir* e *tingir*) realizam a alternância descrita nesta subseção. Embora pertençam a classes distintas, todos os verbos que apresentamos podem ser agrupados em uma única grande classe, no nível *coarse-grained*, pois todos atribuem o mesmo papel temático para o argumento que ocupa a posição de objeto. Esse papel é composto pela propriedade *afetado* e por uma propriedade que denominamos de *local de contato*. Essa última propriedade é atribuída ao argumento verbal que é afetado através de algum tipo de contato físico entre o

argumento que ocupa a posição de sujeito e o que ocupa a posição de objeto ou entre um instrumento usado pelo sujeito e o argumento objeto. Evidenciamos a atribuição dessas propriedades a partir dos testes de acarretamento lexical.

- (163) a. ⊢ O cachorro mordeu *a perna do menino*, mas a perna no menino não foi afetada.
- b. ⊢ O cachorro mordeu *a perna do menino*, mas a perna do menino não é o local de contato da afetação, pois não houve contato entre o cachorro e a perna do menino.
- (164) a. ⊢ O homem chicoteou *as costas do escravo*, mas as costas do escravo não foram afetadas.
- b. ⊢ O homem chicoteou *as costas do escravo*, mas as costas do escravo não são o local de contato da afetação, pois não houve contato entre o chicote e as costas do escravo.
- (165) a. ⊢ A queda rachou *a beirada da tela do celular*, mas a beirada da tela do celular não foi afetada.
- b. ⊢ A queda rachou *a beirada da tela do celular*, mas a beirada da tela do celular não é o local de contato da afetação, pois ela não teve contato com nenhuma outra entidade para que ficasse rachada.
- (166) a. ⊢ A cabeleireira tingiu as pontas do cabelo da modelo com uma tinta rosa, mas as pontas do cabelo da modelo não foram afetadas.
- b. ⊢ A cabeleireira tingiu as pontas do cabelo da modelo com uma tinta rosa, mas as pontas do cabelo da modelo não foram o local de contato da afetação, pois não houve contato entre a tinta rosa e as pontas do cabelo da modelo.

As contradições existente nas sentenças em (a) e (b) de (163) a (166) evidenciam, respectivamente, a atribuição das propriedades *afetado* e *local de contato*. Portanto, a grade temática dos verbos que participam da fatoração do argumento que recebe essas propriedades pode ser apresentada da seguinte forma:

(167)  $v: \{X, \text{afetado/local de contato}, (Y)\}$

A representação em (167) é a estrutura argumental da classe dos verbos que realizam a alternância que denominamos de “fatoração do argumento afetado com verbos de contato”. Essa é uma classe no nível *coarse-grained*, pois abrange verbos que compartilham apenas as propriedades semânticas atribuídas ao seu argumento que ocupa a posição de objeto. Na estrutura, a variável X representa o argumento que ocupa a posição de sujeito, enquanto Z, entre parênteses, representa a possibilidade da existência de um terceiro argumento (classe de *tingir*). Os papéis temáticos atribuídos a esses dois argumentos não são relevantes para a realização da alternância.

Vejamos como as propriedades atribuídas ao NP complexo são distribuídas na forma fatorada das sentenças.

(168) O cachorro mordeu a menina na perna.

↓                      ↓

afetado/local de contato    afetado/local de contato

Tanto o NP *a menina* quanto *a perna* recebem as mesmas propriedades, que são evidenciadas pelos testes abaixo:

- (169) a. ⊢ O cachorro mordeu *a menina* na perna, mas a menina não foi afetada.  
 b. ⊢ O cachorro mordeu a menina na *perna*, mas a perna não foi afetada.
- (170) a. ⊢ O cachorro mordeu *a menina* na perna, mas a menina não é o local de contato da afetação, pois não houve contato entre a menina e o cachorro.  
 b. ⊢ O cachorro mordeu a menina na *perna*, mas a perna não é o local de contato da afetação, pois não houve contato entre a perna e o cachorro.

É importante ressaltar que a preposição *em*, que aparece na forma fatorada das sentenças, é uma preposição funcional, pois o NP que ela encabeça recebe as propriedades temáticas do próprio verbo. Evidenciamos o caráter funcional dessa preposição, mostrando que ela não pode ser substituída por nenhuma outra: *\*o cachorro mordeu a menina da/para/até a perna*.

Vejamos agora os seguintes exemplos:

- (171) a. A babá palitou os dentes da criança.  
 b. !A babá palitou a criança nos dentes.  
 c. ? A babá palitou a criança.
- (172) a. O bandido cegou os olhos do rei com uma agulha.  
 b. !O bandido cegou o rei nos olhos com uma agulha.  
 c. O bandido cegou o rei com uma agulha.

Os verbos *palitar* e *cegar* atribuem as propriedades *afetado* e *local de contato* para o seu argumento que ocupa a posição de objeto.

- (173) a. ⊢ A babá palitou *os dentes da criança*, mas os dentes da criança não foram afetados.
- b. ⊢ A babá palitou *os dentes da criança*, mas os dentes da criança não são o local de contato da afetação, pois não houve contato entre o palito e os dentes.
- (174) a. ⊢ O bandido cegou *os olhos do rei* com uma agulha, mas os olhos do rei não foram afetados.
- b. ⊢ O bandido cegou *os olhos do rei* com uma agulha, mas os olhos do rei não são o local de contato da afetação, pois não houve contato entre os olhos do rei e a agulha.

Propomos que esses verbos não realizam a fatoração do seu argumento complexo, pois denotam ações que são realizadas em partes prototípicas desses argumentos: *palitar* ocorre prototipicamente nos dentes e *cegar alguém* só pode ser nos olhos. Assim, não há necessidade de se especificar a parte na qual a ação foi realizada e, por isso, a alternância é barrada. No entanto, essa não é uma restrição de caráter semântico, pois não está relacionada a nenhuma propriedade de sentido que os verbos atribuam aos seus argumentos. Além disso, um mesmo verbo pode ou não fatorar seu argumento complexo, dependendo do fato de o VP (verbo mais argumento que ocupa a posição de objeto) exibir ou não uma interpretação prototípica.

- (175) a. A mãe penteou o cabelo da filha.
- b. !A mãe penteou a filha no cabelo.
- (176) a. A menina penteou as patinhas do cachorro.
- b. A menina pentou o cachorro nas patinhas.

A sentença em (175b) é malformada semanticamente, pois a ação de *pentear alguém* ocorre prototipicamente no cabelo. Por outro lado, um cachorro pode ser penteado em várias partes e, por isso, a sentença em (176b) é aceitável. Propomos que essa é uma restrição de nível pragmático, assim como acontece na alternância agente-beneficiário mostrada no capítulo 2, pois, para que a alternância do argumento afetado ocorra, as sentenças devem denotar ações que não são realizadas em partes prototípicas de seus objetos.

Na próxima subseção, descrevemos um outro tipo de fatoração do argumento complexo que denota a relação parte-todo.

### **2.2.2 Fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos**

A alternância que apresentamos nesta subseção é chamada de “*unintentional interpretation with body-part object*” por Levin (1993) ou de “alternância parte-todo” por Cançado (2010), Cançado e Gonçalves (2016) e Cançado, Godoy e Amaral (2017). Embora não tenha sido explicitamente tratada como um caso de fatoração de argumento, essa alternância origina-se do fato de um argumento verbal poder ser expresso por dois constituintes sintáticos. Retomemos as sentenças dadas em (143), no início da seção 3.2.

- (177) a. O braço do menino (se) quebrou (com o acidente de carro).  
 b. O menino quebrou o braço (com o acidente de carro).

Ambas as sentenças descrevem um evento em que o menino teve o seu braço quebrado durante o acidente de carro. Na sentença em (177b), o constituinte complexo *o*

*braço do menino* de (177a) encontra-se fatorado em duas posições sintáticas: pela posição pré-verbal (*o menino*) e pela posição de objeto (*o braço*).

Do ponto de vista semântico essas sentenças são paráfrases, pois se acarretam mutuamente.

- (178) a. † O braço do menino (se) quebrou com o acidente, mas o menino não quebrou o braço com acidente.
- b. † O menino quebrou o braço com o acidente, mas o braço do menino não (se) quebrou com acidente.

Os exemplos em (178) são contraditórios, o que evidencia que as formas não fatorada e fatorada das sentenças são sinônimas. Portanto, a motivação para a existência dessa alternância é pragmática e pode ser explicada pela organização da estrutura informacional das sentenças.

(179) A: Quem quebrou o braço no acidente?

B: (177b) O menino quebrou o braço no acidente.

# (177a) O braço do menino quebrou no acidente.

(180) A: Qual membro do corpo do menino (se) quebrou no acidente?

B: (177a) O braço (do menino) (se) quebrou no acidente.

# (177b) O menino quebrou o braço no acidente.

Em (179), a sentença em (177b) é uma boa resposta para a pergunta de A, pois focaliza a informação nova pedida: a pessoa que quebrou o braço. Já a pergunta de A

em (180) é mais bem respondida pela sentença (177a), que focaliza a parte do corpo que foi quebrada.

É importante ressaltar que a alternância que estamos descrevendo nesta subseção não deve ser confundida com o tipo de sentenças mostrado a seguir:

(181) A menina lavou o cabelo.

(182) O homem perturbado cortou os pulsos.

Vários trabalhos sobre o PB afirmam que os artigos definidos (NEGRI, 1988; OTHERO, 2003; HAAG; OTHERO, 2003) e até mesmo os indefinidos (LIMA; FRANÇOZO, 2003) apresentam caráter anafórico. Então, a pergunta que surge é: por que propor que a sentença em (177b) é uma fatoração de (177a) e não meramente uma sentença na qual há uma relação anafórica entre o sujeito e o objeto, como ocorre em (181) e (182)?

A resposta para essa pergunta é bem simples. Como vimos no capítulo 1, a fatoração de um argumento verbal ocorre quando um argumento complexo é expresso em duas posições sintáticas distintas, havendo uma relação anafórica necessária entre ambas. Contudo, não é qualquer relação anafórica que se origina de uma fatoração de argumentos. Para que dois sintagmas, que ocupam duas posições sintáticas distintas, sejam considerados argumentos fatorados, eles devem poder ser expressos como um único constituinte complexo, como ocorre em (177a). As sentenças em (181) e (182), por sua vez, não apresentam as formas não fatoradas: *\*o cabelo da menina lavou* e *\*os pulsos do homem perturbado cortaram*.

Portanto, as sentenças em (181) e (182) apresentam um sujeito que recebe a propriedade *desencadeador*, enquanto o argumento que ocupa a posição de objeto

recebe a propriedade *afetado*, não havendo nenhum papel temático descontínuo. O verbo *quebrar* também pode apresentar uma leitura desse tipo em uma sentença como *o menino quebrou o braço intencionalmente*. Nessa leitura, a sentença em questão não constitui um exemplo de fatoração de argumento.

Voltando para a análise da alternância que estamos estudando nesta subseção, Cançado, Godoy e Amaral (2017) mostram que os verbos que denotam uma mudança de estado (PARSONS, 1990) realizam a alternância, não importando se são basicamente causativos ou basicamente inacusativos/incoativos.<sup>20</sup>

(183) a. O ponteiro do relógio (se) estragou (com a queda). → verbo basicamente causativo

b. O relógio estragou o ponteiro (com a queda).

(184) a. A calda do doce azedou. → verbo basicamente incoativo

b. O doce azedou a calda.

No entanto, é importante ressaltar que, embora a alternância ocorra tanto com verbos basicamente incoativos quanto com verbos basicamente transitivos, a sentença fatorada estabelece uma relação de paráfrase com a forma inacusativa dos verbos. Assim, propomos, no caso dos verbos transitivos, que a fatoração que descrevemos

---

<sup>20</sup> Segundo Cançado e Amaral (2010) e Cançado, Godoy e Amaral (2017), verbos de mudança de estado basicamente causativos são transitivos e podem apresentar o clítico *se* em sua forma intransitiva como marca de mudança de transitividade: *o menino quebrou o vaso/ o vaso (se) quebrou*. Já verbos de mudança de estado basicamente incoativos são intransitivos, não apresentando o clítico *se*, pois esse clítico é a marca da mudança de transitividade do verbo: *a calda do doce azedou/ \*a calda do doce se azedou*.

nesta subseção é uma alternância da forma já alternada (forma inacusativa/incoativa) dos verbos.

(185) O relógio estragou o ponteiro.  $\vdash \dashv$  O ponteiro do relógio estragou.

(186) O relógio estragou o ponteiro.  $\sim \vdash \dashv$  A queda/alguém estragou o ponteiro do relógio.

O exemplo (186) nos mostra que a forma fatorada da sentença e a forma transitiva/causativa da mesma não são paráfrases, em oposição ao que acontece com a forma fatorada e a forma inacusativa em (185). Isso corrobora nossa proposta de que a fatoração é uma alternância da forma inacusativa dos verbos.

Os verbos que realizam essa alternância atribuem a propriedade *afetado* para o seu argumento.

(187)  $\vdash$  O ponteiro do relógio estragou, mas o ponteiro do relógio não foi afetado.

(188)  $\vdash$  A calda do doce azedou, mas ela não foi afetada.

As setenças em (187) e (188) são contraditórias, o que evidencia a atribuição da propriedade *afetação*.

Na forma fatorada, essa propriedade encontra-se distribuída da seguinte maneira:

(189) O relógio estragou o ponteiro.

↓

afetado

↓

afetado

Evidenciamos que tanto *o relógio* quanto *o ponteiro* recebem a propriedade *afetado* através do teste de acarretamento lexical a seguir:

- (190) a.  $\models$  *O relógio* estragou o ponteiro, mas o relógio não foi afetado.  
 b.  $\models$  O relógio estragou *o ponteiro*, mas o ponteiro não foi afetado.

Ainda é importante ressaltar que, como Cançado e Gonçalves (2016) já mencionam, não só verbos que denotam mudança de estado, mas outros verbos podem participar da alternância que descrevemos nesta subseção, como o verbo *bater*, apontado pelas autoras.

- (191) a. A mão da menina bateu na parede.  
 b. A menina bateu a mão na parede.

Baseadas na análise de Munhoz e Naves (2012), propomos que *bater* é um verbo inacusativo de dois lugares, apresentando a seguinte estrutura sintática: [VP *bateu* [DP *a mão da menina*] [PP *na parede*]]. Do ponto de vista semântico, temos evidência para falar que esse verbo é inacusativo, pois ele atribui a propriedade *afetado* para o argumento *a mão da menina*.

- (192) a.  $\models$  A mão da menina bateu na parede, mas a mão da menina não foi afetada.

O fato de a sentença em (192) ser contraditória evidencia a atribuição da propriedade *afetado* para o NP *a mão da menina*.

Propomos, portanto, que os verbos de mudança de estado e os verbos do tipo *bater* podem ser agrupados em uma só classe, no nível *coarse-grained*, que é a classe dos verbos inacusativos que atribuem o papel composto pela propriedade *afetado* para o seu argumento.

(193) *v*: {afetado, (Z)}

A variável Z, entre parênteses, mostra que o verbo pode ser inacusativo de dois lugares, mas esse segundo argumento não influencia na fatoração de seu argumento complexo. Um total de 272 verbos constitui essa classe *coarse-grained*.

Sobre a natureza do argumento dos verbos, gostaríamos de ressaltar que, assim como na alternância que descrevemos na subseção anterior, na alternância que descrevemos nesta subseção, os sintagmas passíveis de serem fatorados devem ser NPs complexos que denotam a relação entre uma entidade e parte da mesma. Contudo, Cançado e Gonçalves (2016) atentam para um fato interessante: o NP complexo também pode denotar uma espécie de relação de “uso”, como mostramos a seguir.

(194) a. A meia-calça da menina queimou (com a brasa do fogão a lenha).

b. A menina queimou a meia-calça (com a brasa do fogão a lenha).

(195) a. A meia-calça da menina desfiou (com as unhas do gato).

b. A menina desfiou a meia-calça (com as unhas do gato).

Nos exemplos em (194) e em (195) temos que entender que a menina estava usando a meia-calça no momento do evento para que a alternância ocorra. Cançado e Gonçalves (2016) argumentam que essa “relação de uso” equivale à relação de posse

inalienável, pois não temos a fatoração quando o sintagma não permite a interpretação de “uso” no momento da realização do evento, como mostramos em (196).

(196) a. A brasa do fogão a lenha queimou o armário do menino.

b. O menino queimou o armário (com a brasa do fogão a lenha).<sup>21</sup>

Assim, a sentença em (196b) não corresponde à forma alternada da sentença em (196a), pois essa última não apresenta a leitura de que o menino estava fazendo o uso do armário.

Podemos concluir então, que a fatoração do argumento dos verbos inacusativos ocorre com NPs complexos que denotam a relação parte-todo. Essa relação pode ser de diferentes subtipos: (i) relação entre uma entidade animada e parte de seu corpo (*o menino quebrou o braço*); (ii) relação entre uma entidade inanimada e parte dessa entidade (*o relógio estragou o ponteiro*); e (iii) uma relação de uso, expressa por uma entidade em uso e seu usuário (*a menina desfiou a meia-calça*). A restrição de caráter verbal para essa alternância é que os verbos sejam inacusativos (de um ou de dois lugares) e atribuam o papel temático composto pela propriedade *afetado* para o seu argumento passível de ser fatorado, constituindo, portanto, uma classe no nível *coarse-grained*.

Tendo descrito os dois tipos de fatoração do argumento verbal que recebem a propriedade semântica *afetado* (combinada a outras propriedades), apresentaremos, na próxima seção, uma generalização acerca das restrições semânticas que regem a ocorrência dos diversos subtipos de fatoração de argumentos que analisamos. Essa

---

<sup>21</sup> Sentença não interpretável como fatoração do argumento *o armário do menino*. Só é possível uma interpretação agentiva.

generalização está principalmente relacionada à relação semântica estabelecida internamente ao argumento complexo dos verbos, que já foi mencionada na descrição das alternâncias e será mais bem explorada na próxima seção.

### 2.3 Generalizações semântico-pragmáticas

Após termos analisado semanticamente quatro subtipos de alternâncias oriundas da alternância genérica que denominamos de “fatoração de argumentos”, pudemos perceber que esse é um fenômeno linguístico delimitado por restrições lexicais de dois níveis. A primeira delas encontra-se no nível do NP, o argumento verbal passível de ser fatorado, pois apenas argumentos complexos que apresentam uma relação interna de predicação podem se fatorar em dois constituintes distintos. Retomemos alguns exemplos.

- (197) a. Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.  
 a'. Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.  
 b. O público aplaudiu a excelente atuação do artista.  
 b'. O público aplaudiu o artista pela excelente atuação.
- (198) a. A arrogância do professor abalou o aluno.  
 a'. O professor abalou com aluno com sua arrogância.  
 b. O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico.  
 b'. O presidente banalizou o trabalho doméstico com o discurso.
- (199) a. O cachorro mordeu a perna do menino.  
 a'. O cachorro mordeu o menino na perna.  
 b. A queda rachou a beirada da tela do celular.

b'. A queda rachou a tela do celular na beirada.

(200) a. A manga da camisa sujou.

a'. A camisa sujou a manga.

b. A mão da menina bateu na parede.

b'. A menina bateu a mão na parede.

As sentenças em (197) e em (198) apresentam os argumentos complexos formados por NPs que denotam a relação entre um possuidor e um atributo (*o brilhanstismo do professor, a arrogância do professor*) ou a relação entre um nome eventivo e o agente do evento denotado pelo nome (*a atuação do artista, o discurso do presidente*). Já os argumentos complexos das sentenças em (199) e em (200) apresentam a relação de predicação entre sintagmas que denotam a parte (*a perna, a beirada da tela, a mão, a manga*) e sintagmas que denotam o todo dessas partes (*o menino, o celular, a menina e a camisa, respectivamente*).

Não é qualquer relação nominal de predicação que pode ser fatorada em dois constituintes sintáticos distintos.

(201) a. A mulher admirava o filho da vizinha.

a'. A mulher admirava a vizinha pelo seu filho.

b. O público aplaudiu a morte do vilão.

b'. !O público aplaudiu o vilão por sua morte.

(202) a. O filho da vizinha abalou o menino.

a'. A vizinha abalou o menino com o seu filho.

b. A morte do professor abalou os alunos.

b'. !O professor abalou os alunos com a sua morte.

(203) a. O cachorro mordeu o filho da vizinha.

a'. !O cachorro mordeu a vizinha no filho.

(204) a. O filho da vizinha sujou.

a'. A vizinha sujou o filho.

As sentenças em (a') e em (b') dos exemplos de (201) a (204) não são as formas fatoradas das respectivas sentenças em (a) e em (b). Em (201a), quem é admirado é *o filho da vizinha*, enquanto em (201a'), é *a vizinha* que é admirada. A sentença em (201b') é malformada semanticamente. Em (202a') a interpretação é de que tanto *a vizinha* como *o filho* abalaram, juntos, *o menino*. A sentença (202b') e também a (203a') são malformadas semanticamente. Por fim, a sentença em (204a') apresenta apenas a interpretação agentiva de que *a vizinha* intencionalmente suja *o filho*.

O que essas sentenças apresentam em comum são os argumentos complexos *o filho da vizinha* e *a morte do professor/vilão*. Embora esses NPs estabeleçam uma relação interna de predicação, essa predicação é dada entre um nome que expressa uma relação familiar e seu complemento (o NP *o filho* predica o NP *a vizinha*) ou entre um nome eventivo e seu argumento, que é a entidade afetada pelo evento expresso pelo nome (o NP *a morte* predica o NP *professor/vilão*).

Portanto, para que um argumento complexo, que apresenta uma relação interna de predicação, seja fatorado, essa relação deve ser entre um atributo e seu possuidor (*o brilhantismo do professor, a arrogância do professor*), entre um nome eventivo e seu argumento, que é a entidade que realiza a ação expressa pelo nome (*a excelente atuação do artista, o discurso do presidente*) ou entre a parte de alguém/algo e seu todo (*a perna do menino, a mão da menina, a beirada da tela do celular e a manga da camisa*).

Além disso, ainda é importante ressaltar que, como já mencionamos nesta tese, há uma relação anafórica necessária entre os sintagmas fatorados. Essa relação pode ser expressa através de uma anáfora direta com o pronome possessivo (*o professor<sub>i</sub> pelo seu<sub>i</sub> brilhantismo/ o professor<sub>i</sub> ... com sua<sub>i</sub> arrogância*), na qual os pronomes *seu/sua* retomam o próprio antecedente (*seu* e *sua* são correferentes de *o professor*), ou por um tipo especial de anáfora com nomes definidos, chamada de anáfora associativa.

De acordo com Haag e Othero (2003), as expressões definidas podem ser novas no discurso ou expressar uma relação de correferência (anáfora direta) ou de referência (anáfora associativa) com algum termo já mencionado anteriormente.

(205) Rodrigo estava exausto porque tinha acabado de voltar **da escola**. → expressão nova no discurso

(206) Há **um filme<sub>i</sub>** muito bom em cartaz. **O filme<sub>i</sub>** fala sobre a lenda do Rei Artur. → anáfora direta: *um filme* e *o filme* são correferentes.

(207) Nós visitamos **um museu** fantástico. **As esculturas** eram belíssimas, e **os quadros** eram todos de pintores renomados. → anáfora associativa: a expressão definida está ancorada numa expressão já mencionada no texto.

(HAAG; OTHERO, 2003, pgs. 1 e 2)

A diferença entre a anáfora direta e a associativa é que na primeira, a expressão definida refere-se à mesma entidade já introduzida por seu antecedente (são correferentes), enquanto na segunda, ela é ativada por uma outra entidade mencionada no texto, com a qual não estabelece uma relação de correferência (KLEIBER, 2002; HAAG; OTHERO, 2003). A entidade que ativa a anáfora associativa é chamada de “âncora textual” (representada pela letra ‘a’ em subscrito) e o elemento anafórico é

chamado de “referente” (representado pela letra ‘r’ em subscrito) (MARCUSCHI, 2000; HAAG; OTHERO, 2003).

De acordo com Kleiber (2002) e Haag e Othero (2003), as anáforas associativas são desencadeadas por diferentes tipos de relações entre o referente (expressão definida) e sua âncora textual. Nos NPs que apresentam uma relação parte-todo há uma relação chamada de “relação meronímica” entre os sintagmas, na qual o referente em questão é parte integrante de sua âncora textual (HAAG; OTHERO, 2003).

- Anáfora associativa por relação meronímica em sentenças fatoradas:

- (208) a. O cachorro mordeu [o menino]<sub>a</sub> em [a perna]<sub>r</sub>.  
 b. A queda rachou [a tela do celular]<sub>a</sub> em [a beirada]<sub>r</sub>.  
 c. [A camisa]<sub>a</sub> sujou [a manga]<sub>r</sub>.  
 d. [A menina]<sub>a</sub> bateu [a mão]<sub>r</sub> na parede.

Outro tipo de anáfora associativa encontrada nas sentenças fatoradas do PB é a chamada “anáfora associativa por propriedade” (HAAG; OTHERO, 2003). Vejamos um exemplo:

- (209) [Essa sobremesa]<sub>a</sub> é ótima. [O sabor]<sub>r</sub> é bem doce, mas não é enjoativo.

(HAAG; OTHERO, 2003, p.10).

Em (209), o NP *o sabor*, que é o referente, denota uma propriedade do NP *essa sobremesa*, que é a sua âncora textual. A mesma relação pode ocorrer na forma fatorada dos argumentos complexos que denotam a relação de predicação entre um atributo e seu

possuidor, quando o atributo vem expresso por um NP definido sem o pronome possessivo.

- Anáfora associativa por propriedades em sentenças fatoradas:

(210) a. Os alunos admiravam [o professor]<sub>a</sub> por [o brilhantismo]<sub>r</sub>.

Por fim, outro tipo de anáfora associativa que encontramos é a “anáfora associativa por papel temático”, que ocorre quando o referente desempenha o papel de agente em relação à sua âncora textual (HAAG; OTHERO, 2003).

(211) [Roubaram]<sub>a</sub> um quadro de Monet do museu. [Os ladrões]<sub>r</sub> ainda são desconhecidos.

(HAAG; OTHERO, 2003, p.12)

Contudo, nas sentenças fatoradas há uma inversão dos sintagmas que desempenham o papel de âncora textual e de referente: o referente é o nome eventivo e a âncora é o NP que denota o agente do evento expresso pelo nome.

- Anáfora associativa por papel temático em sentenças fatoradas:

(212) a. O público aplaudiu [o artista]<sub>a</sub> por [a excelente atuação]<sub>r</sub>.

b. [O presidente]<sub>a</sub> banalizou o trabalho doméstico com [o discurso]<sub>r</sub>.

Nos exemplos em (212), os nomes eventivos *a atuação* e *o discurso* são os referentes, enquanto suas âncoras são os agentes *o artista* e *o presidente*.

Em suma, concluímos que, para que o fenômeno da fatoração de argumentos verbais ocorra, uma primeira restrição de nível lexical é a relação de predicação nominal existente no argumento complexo passível de ser fatorado. Essa relação ocorre entre NPs que estabelecem algum dos seguintes tipos de relação semântica entre si: entidade e atributo, nome eventivo e agente do evento, e parte-todo. Na forma fatorada das sentenças, há uma relação anafórica entre os constituintes descontínuos. Essa relação pode ser via anáfora direta, quando há a presença de um pronome possessivo, ou via anáfora associativa, quando o pronome possessivo está ausente.

Tendo estabelecido essa primeira restrição, passemos para a segunda restrição lexical, que está relacionada às propriedades semânticas acarretadas pelos verbos. Essa restrição motiva uma classificação verbal no nível *coarse-grained*, uma vez que, em cada subtipo de fatoração, os verbos em questão compartilham as propriedades semânticas atribuídas ao argumento complexo passível de ser fatorado. As propriedades atribuídas aos demais argumentos verbais não influenciam na ocorrência do fenômeno. Retomemos as quatro classes *coarse-grained* que propusemos.

(213) Fatoração do argumento estativo: classe de *temer* e classe de *aplaudir*

v: {X, estativo/objeto motivador}

(214) Fatoração do argumento desencadeador do evento: classe de *banalizar*, classe de *quebrar* e classe de *abalar*

v: {desencadeador, X}



b. O cachorro mordeu a menina na perna.  
   ↓  ↓  
    afetado/ local de contato  afetado/local de contato

(220) a. A manga da camisa sujou.  
   ↓  
    afetado

b. A camisa sujou a manga.  
                   ↓  ↓  
                  afetado                                  afetado

Uma das evidências de que os sintagmas sublinhados são argumentos fatorados é o fato de compartilharem o mesmo conjunto de propriedades semânticas, ou seja, o mesmo papel temático. Os testes que comprovam essa afirmação foram mostrados na descrição de cada alternância.

Por fim, concluímos dizendo que, embora o fenômeno da fatoração de argumentos verbais do PB seja delimitado por restrições lexicais, a existência dessa alternância é motivada pragmaticamente pela diferença de estrutura informacional das formas não fatorada e fatorada das sentenças. Como os pares de sentenças são paráfrases entre si, o que motiva a existência das formas alternantes é o fato de cada uma delas focalizar um tipo de informação. Propusemos que a forma fatorada focaliza a parte que é extraída do argumento complexo na forma não fatorada das sentenças. Evidenciamos essa proposta mostrando que as formas não fatorada e fatorada não funcionam como resposta para a mesma pergunta. Retomemos um exemplo para recordarmos:

(221) A: Por que os alunos admiram o professor?

B: #(a) Os alunos admiram o brilhantismo do professor.

(b) Os alunos admiram o professor pelo seu brilhantismo.

(222) A: O que os alunos admiram?

B: (a) Os alunos admiram o brilhantismo do professor.

#(b) Os alunos admiram o professor pelo seu brilhantismo.

A pergunta em (221) é adequadamente respondida pela forma fatorada da sentença com o verbo *admirar*, pois ela focaliza a entidade *o brilhantismo*, que é a informação nova pedida pelo falante A. Já a forma não fatorada da sentença é a que melhor responde a pergunta em (222), pois focaliza todo o NP *o brilhantismo do professor*, que é a informação nova requerida pelo falante A.

Neste ponto, encerramos a descrição semântico-pragmática do nosso fenômeno. No próximo capítulo, mostraremos como ocorre o mapeamento semântico-sintático das formas fatoradas de cada subtipo de alternância oriunda da fatoração de argumentos verbais.

## CAPÍTULO 3: O MAPEAMENTO SEMÂNTICO-SINTÁTICO DA FORMA FATORADA DAS SENTENÇAS

Quando pensamos a respeito da ligação da estrutura semântica, delimitada pelas restrições de sentido do fenômeno da fatoração de argumentos verbais, e a configuração sintática das sentenças fatoradas, emergem, pelo menos, três questões centrais a serem investigadas: (i) provar que os argumentos fatorados são, de fato, dois constituintes sintáticos distintos; (ii) mostrar como o conhecido Critério-Theta se mantém em relação ao argumento descontínuo, ou caso isso não ocorra, como explicar, então, a descontinuidade do papel temático do ponto de vista sintático e; (iii) explicar o motivo pelo qual os constituintes que denotam o possuidor (*o brilhantismo do professor*), o agente de um nome eventivo (*a atuação do artista*) ou o todo ao qual uma parte pertence (*a perna da menina*) é que ocupam posições sintaticamente mais altas que o outro constituinte oriundo do argumento fatorado. Exploramos cada uma dessas questões nas seções a seguir.

### 3. 1 Argumentos fatorados são dois constituintes sintáticos distintos

Começemos, pois, mostrando que os argumentos fatorados são, realmente, dois constituintes sintáticos distintos. É importante evidenciarmos isso, pois podemos pensar que, em uma sentença como *os alunos admiram o professor pelo seu brilhantismo*, a expressão *pelo seu brilhantismo* funciona como adjunto do NP *o professor*, constituindo um único sintagma complexo.

Para provarmos que na forma fatorada das sentenças há dois constituintes distintos, e não um só constituinte complexo, como na forma não fatorada, utilizaremos

dois conhecidos testes de constituência: o da passivização e o da pronominalização, que se baseiam respectivamente nos fatos de constituintes poderem ser movidos e de poderem ser pronominalizados. Vejamos, então, como cada tipo de fatoração comporta-se em relação a esses testes.

- Fatoração do argumento estativo e do argumento afetado: teste da passivização

- (223) a. Os alunos admiravam *o brilhantismo do professor*.  
 b. *O brilhantismo do professor* era admirado pelos alunos.  
 c. \**O brilhantismo* era admirado *do professor* pelos alunos.
- (224) a. Os alunos admiravam *o professor pelo seu brilhantismo*.  
 b. *O professor* era admirado pelos alunos (*pelo seu brilhantismo*).  
 c. \* *O professor pelo seu brilhantismo* era admirado pelos alunos.
- (225) a. O cachorro mordeu *a perna do menino*.  
 b. *A perna do menino* foi mordida pelo cachorro.  
 c. \**A perna* foi mordida *do menino* pelo cachorro.
- (226) a. O cachorro mordeu *o menino na perna*.  
 b. *O menino* foi mordido *na perna* (pelo cachorro).  
 c. \**O menino na perna* foi mordido pelo cachorro.
- (227) a. *O braço do menino* quebrou.  
 b. *O braço do menino* foi quebrado.  
 c. \**O braço* foi quebrado *do menino*.
- (228) a. O menino quebrou *o braço*.  
 b. *O braço* foi quebrado (e não a perna).

É sabido que um constituinte possui mobilidade sintática dentro da sentença. Assim, na forma passiva das sentenças não fatoradas em (223b), (225b) e (227b), os NPs complexos *o brilhantismo do professor*, *a perna do menino* e *o braço do menino* deslocam-se por inteiro para a posição de sujeito. Quando separamos esses constituintes, como em (223c), (225c) e em (227c), as sentenças ficam agramaticais. Já na forma passiva das sentenças fatoradas em (224b), (226b) e em (228b), apenas os NPs *o professor*, *o menino* e *o braço* deslocam-se para a posição de sujeito. Quando deslocamos *o professor pelo seu brilhantismo* e *o menino na perna* para a posição de sujeito, exemplos (224c) e (226c), as sentenças ficam agramaticais, o que mostra que o NP *o professor* e o PP *pelo seu brilhantismo*, assim como o NP *o menino* e o PP *na perna* são dois constituintes distintos.

- Fatoração do argumento desencadeador do evento: utilizaremos o teste da pronominalização, pois como o sujeito desses verbos corresponde a uma causa, e não a um agente, as sentenças passivas podem soar estranhas (*?o trabalho doméstico foi banalizado pelo discurso do presidente*).

(229) a. *O discurso do presidente* banalizou o trabalho doméstico.

b. [*O discurso do presidente*]<sub>i</sub>, isso<sub>i</sub> sim, banalizou o trabalho doméstico.

c. \**O discurso de [o presidente]*<sub>i</sub>, ele<sub>i</sub> em pessoa banalizou o trabalho doméstico.

(230) a. *O presidente* banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.

b. [*O presidente*]<sub>i</sub>, ele<sub>i</sub> banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.

Um dos testes de constituência conhecidos na literatura consiste na pronominalização da expressão que está sendo testada. Se ela puder ser

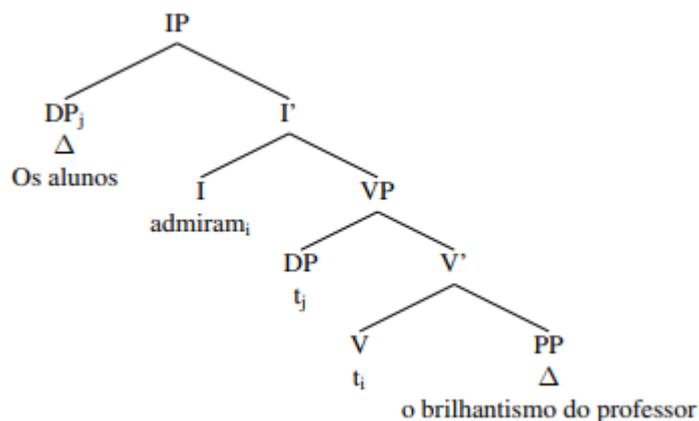
pronominalizada, isso indica que se trata de um constituinte sintático. Em (229b), pronominalizamos todo o NP complexo *o discurso do presidente*, enquanto em (229c) não conseguimos pronominalizar parte desse NP. Já em (230b), substituímos apenas o NP *o presidente* pelo pronome *ele*. Desse modo, podemos concluir que enquanto *o discurso do presidente* forma apenas um constituinte sintático complexo, o NP *o presidente* e *o seu discurso* formam dois constituintes distintos na forma fatorada da sentença.

Tendo estabelecido que o argumento complexo é expresso em dois constituintes sintáticos na forma fatorada das sentenças, retomemos, agora, como ficam as relações de complementação e de adjunção em cada um dos casos. Como já mencionamos no capítulo 2, estamos seguindo a proposta de Cançado (2009) de que os argumentos de um verbo são todas as entidades acarretadas por ele, de modo que as relações de adjunção e complementação se dão apenas na sintaxe, não sendo relações semânticas. Assim, argumentos verbais também podem ocupar a posição de adjunto.

Como propusemos no capítulo 3, na fatoração do argumento estativo, do argumento desencadeador do evento e do argumento afetado com verbos de contato físico, os argumentos complexos fatoram-se em sua posição sintática de origem (sujeito ou objeto) e na posição de adjunção como sintagma preposicionado. Em todos esses casos, a preposição é funcional, pois é o verbo que atribui papel temático ao NP encabeçado pela preposição, que tem de ter o sentido compatível semanticamente com o papel temático atribuído. Evidenciamos o caráter funcional das preposições, mostrando, em consonância com as propostas de Berg (2005) e de Cançado (2009), que elas só podem ser substituídas, quando possível, por preposições que tenham o mesmo sentido, pois é preciso preservar a compatibilidade semântica com o papel temático atribuído pelo verbo. Usaremos um diagrama arbóreo simples, seguindo a proposta da Teoria X-

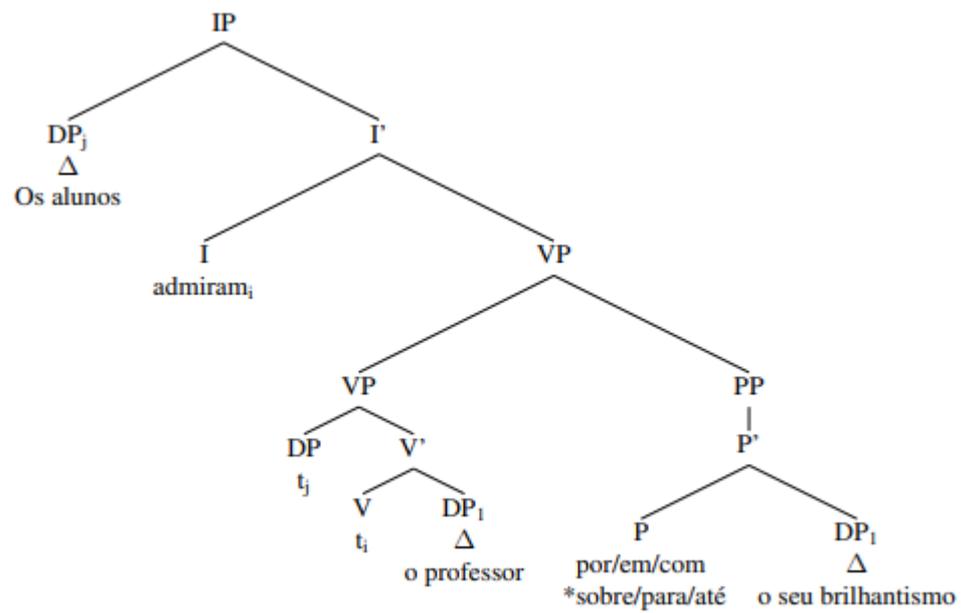
Barra, proposta por Chomsky (1970), para evidenciar estruturalmente as diferenças sintáticas das formas não-fatorada e fatorada.<sup>22</sup>

(231) a.

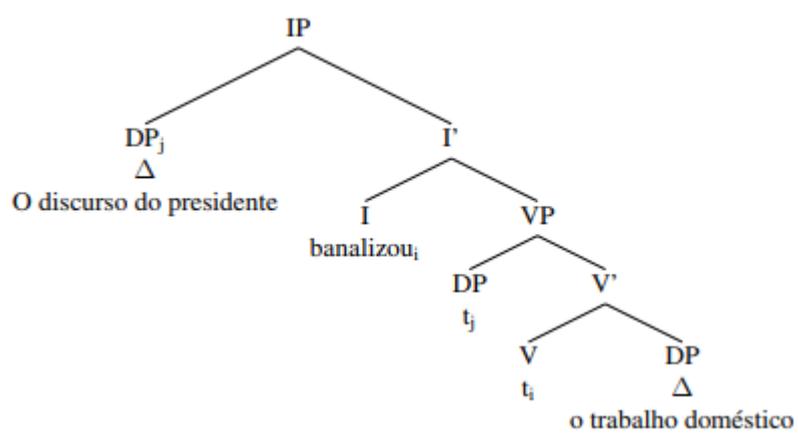


<sup>22</sup> Não temos a pretensão de explorar modelos sintáticos mais atualizados. Usamos essa estrutura com o único intuito de deixar mais evidente estruturalmente as diferentes posições de argumento e adjunto dos sintagmas analisados. Além disso, como aponta Godoy (2012), utilizamos as versões mais antigas das propostas gerativistas, pois nelas ainda há a existência de um léxico com informações semânticas a respeito dos itens lexicais. No Programa Minimalista, o léxico é esvaziado semanticamente, o que torna o Programa incompatível com nossa proposta.

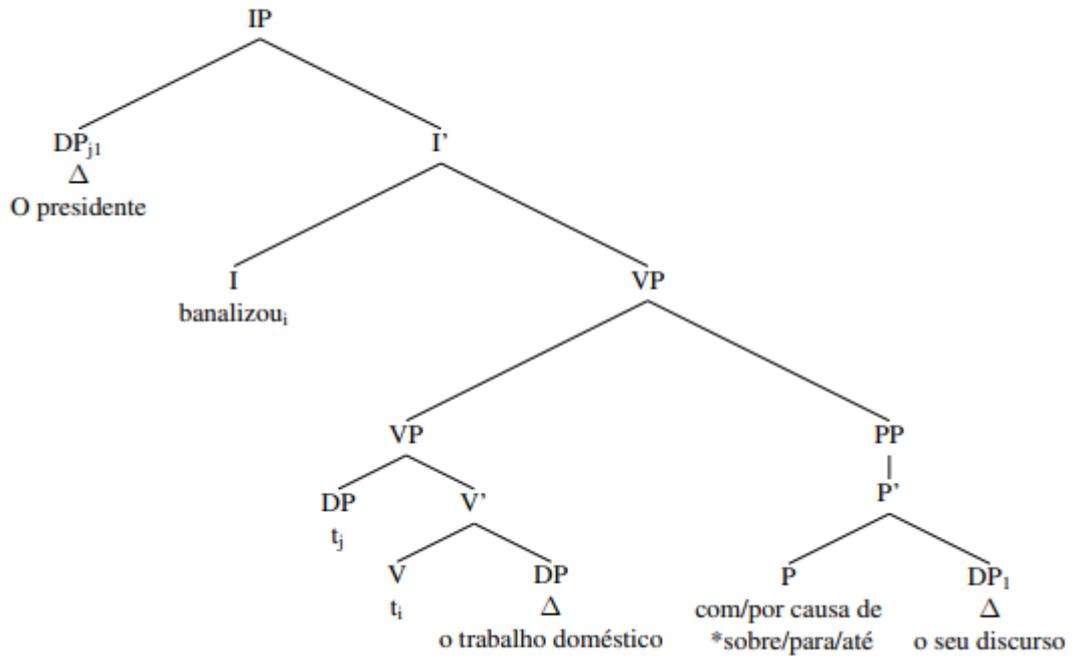
b.



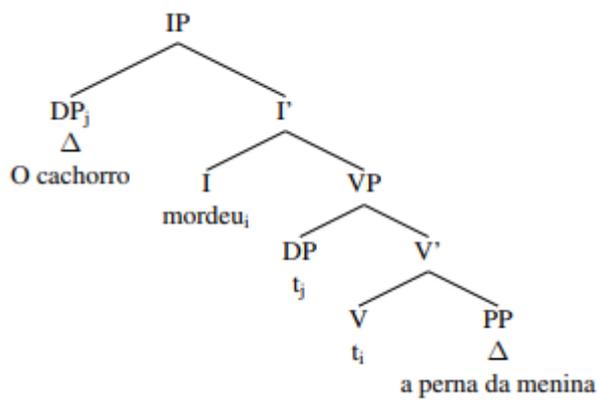
(232) a.



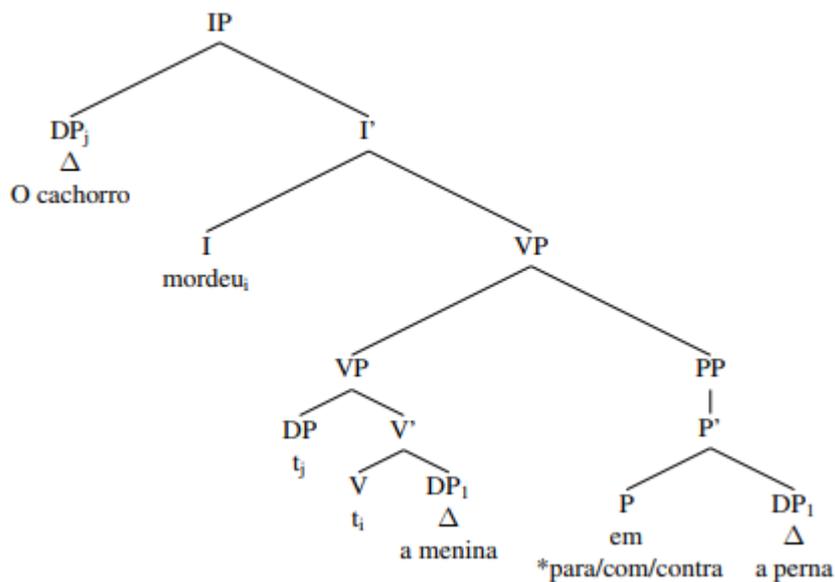
b.



(233) a.



b.



Os exemplos em (a) de (231) a (233) são a representação da forma não fatorada das sentenças. Em todos esses exemplos, os argumentos complexos ocupam uma só posição na estrutura arbórea, seja essa posição a de sujeito (especificador de IP – (232a)) ou de objeto (irmão de V – (231a) e (233a)). Já as estruturas em (b) são a representação da forma fatorada das sentenças. Em todos os casos de (231) a (233), a parte extraída do argumento complexo (o PP, nos exemplos em (b)) ocupa a posição de adjunto verbal, que, segundo a Teoria X-Barra, é representada pela duplicação da projeção máxima VP.

Passemos agora para a análise da fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos. Como propusemos no capítulo anterior, os argumentos complexos dos verbos que fazem essa fatoração ocupam originalmente a posição de objeto, uma vez que os verbos são inacusativos. Portanto, na forma fatorada, uma parte do argumento complexo alça para uma posição pré-verbal. Contudo, essa posição não pode ser a

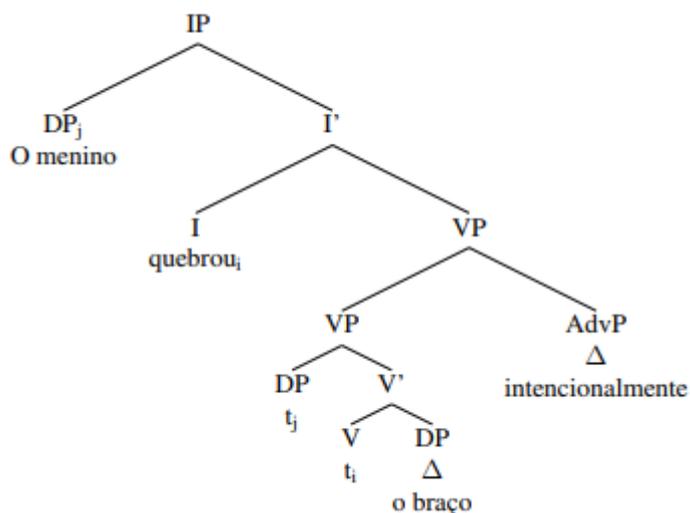
posição de sujeito (especificador de IP), senão não haveria diferença das sentenças fatoradas (*o menino quebrou o braço*) e de sentenças basicamente transitivas como *a menina lavou o cabelo*.

Como já mostramos, essas sentenças são diferentes, pois, no primeiro caso, tanto o NP *o menino* quanto o NP *o braço* recebem a propriedade *afetado*, constituindo, assim, um caso de fatoração de argumento. Já na outra sentença, o NP *a menina* recebe a propriedade semântica *desencadeador*, enquanto *o cabelo* é a entidade afetada pela ação de *lavar*. No entanto, a diferença entre sentenças fatoradas e sentenças meramente transitivas não pode estar apenas na atribuição de papel temático, pois, se fosse só isso, não seríamos capazes de explicar a diferença existente entre a interpretação agentiva e não agentiva das sentenças a seguir.

- (234) a. O menino quebrou o braço intencionalmente. → interpretação agentiva  
 b. O menino quebrou o braço (com o acidente). → sentença fatorada

Enquanto a sentença em (234a) pode ser realizada na forma passiva com o NP *o menino* ocupando a posição de adjunção destinada ao agente da passiva (*o braço foi quebrado pelo menino intencionalmente*), o mesmo não ocorre com a sentença em (234b) - *\*o braço foi quebrado pelo menino com o acidente*. Assim, a sentença em (234a) é uma sentença transitiva comum, em que o sujeito *o menino* age intencionalmente e tem como resultado o seu braço ficar quebrado. Portanto, o verbo *quebrar* apresenta em sua grade temática, dois argumentos, atribuindo a propriedade *desencadeador* para o argumento que ocupa a posição de sujeito e *afetado* para o argumento na posição de complemento, formando assim uma estrutura transitiva simples, que representamos a seguir:

(235)



Já em (234b), *o menino* não é o desencadeador do evento de *quebrar*, mas sim o afetado pelo mesmo, assim como o NP *o braço*. É incoerente, do ponto de vista teórico, propormos que o verbo *quebrar*, nesse caso, atribui a propriedade *afetado* para o NP *o menino* e que ele ocupa a posição de sujeito, pois um mesmo verbo (salvo casos de polissemia) não pode apresentar duas estruturas temáticas distintas e uma mesma estrutura sintática. Assim, o NP *o menino*, na sentença em (234b), deve ocupar uma outra posição, que não seja a posição de sujeito.

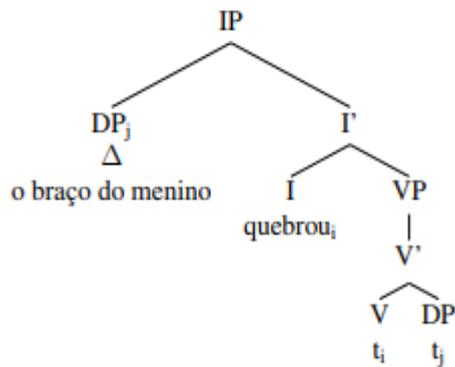
Para explicarmos esse comportamento sintático de verbos do tipo *quebrar*, vamos assumir, assim como Lobato (2006), Lunguinho (2006) e Munhoz e Naves (2012), que o constituinte *o menino* encontra-se na periferia esquerda da sentença, que corresponde ao nível do CP, e não na posição de sujeito (especificador de IP).

Propomos que o NP *o menino* ocupa a posição de foco, denominada FocP, que fica entre o CP e o IP. A existência dessa categoria é proposta desde Chomsky (1977) para atender a fatores discursivos, como no caso da sentença “*who did John see?*”

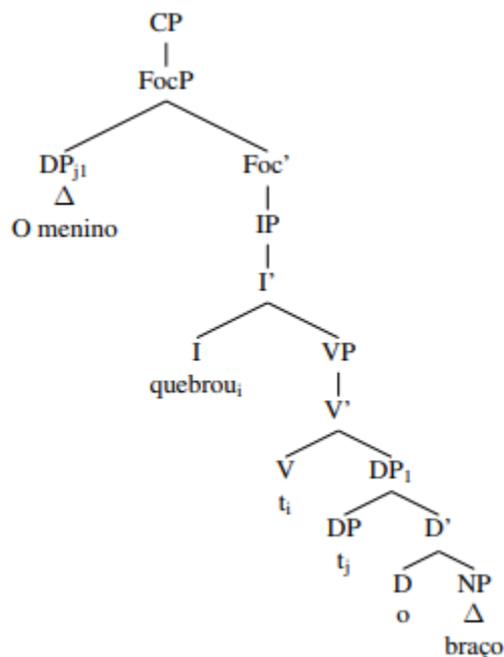
‘quem o John viu?’ (CHOMSKY, 1977, p. 83), em que o pronome *who* ‘quem’ tem a função discursiva de pedir uma informação nova, ocupando, portanto, a posição de especificador da categoria FocP.

Como já argumentamos, a fatoração de argumentos, do ponto de vista pragmático, tem a função de evidenciar, ou seja, colocar em foco, o NP extraído do argumento complexo. Assim, o deslocamento do sintagma *o menino* para o início da sentença tem a função de evidenciar quem sofreu a ação, tendo um papel discursivo e, portanto, localizando-se na camada CP (Rizzi, 1997), na posição de especificador de FocP.

(236) a.



b.



O NP *o menino* ocupa inicialmente, em (236a), a posição de especificador do DP que é o argumento interno de V. Quando a sentença passa pelo processo sintático da fatoração, o sintagma *o menino* é alçado diretamente para a posição de especificador de FocP, pois é a posição compatível com a função discursiva do processo de fatoração de argumentos. Não entraremos em mais detalhes sobre esse tipo análise, pois essa não é a proposta de nosso trabalho. O importante é mostrarmos que, na forma fatorada das sentenças com verbos inacusativos, uma parte do argumento fatorado (o NP *o braço*) permanece na posição de objeto, enquanto outra parte (o NP *o menino*) alça para uma posição pré-verbal, que é diferente da posição de sujeito.

Tendo visto isso, passemos agora para a interação entre os papéis temáticos atribuídos pelos verbos e os constituintes sintáticos oriundos da fatoração do argumento complexo.

### 3.2 O Critério-Theta na forma fatorada das sentenças

O Critério-Theta, como proposto por Chomsky (1981), é um princípio sintático que regula a atribuição de papéis temáticos pelos itens predicadores. Ele é formulado da seguinte maneira:

- Critério-Theta:

- (i) Cada argumento tem que receber um e um só papel temático.
- (ii) Cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento.

(Traduzido de CHOMSKY, 1981, p. 36)

Vejamos as duas frases a seguir:

- (237) a. \*O frentista lavou.
- b. \*O frentista lavou o carro a casa.

A primeira premissa do Critério-Theta explica o motivo de a sentença em (237a) ser agramatical. O verbo *lavar* toma dois argumentos para ter o seu sentido saturado e, em (237a), ele ocorre com apenas um argumento, fazendo com que *o frentista* receba, ao mesmo tempo dois papéis temáticos: o papel de quem realiza a ação de *lavar* e o papel de quem sofre essa ação. Já a segunda premissa do critério explica a razão da agramaticalidade da sentença em (237b). Como o verbo *lavar* predica apenas dois argumentos, ele atribui apenas dois papéis temáticos, de modo que o NP *a casa* teria que receber o mesmo papel do NP *o carro*, o que não é possível e torna a sentença agramatical.

Essas duas premissas do Critério-Theta são obedecidas na proposta de papéis temáticos como propriedades semânticas de Cañado e Amaral (2016), quando as autoras propõem duas restrições que regulam a atribuição dessas propriedades pelos itens predicadores: Completude e Distinção. Cañado e Amaral (2016) baseiam-se em Dowty (1991) e propõem que a restrição da Completude prevê que “a todo argumento tem de ser atribuída, através da relação de acarretamento lexical, pelo menos uma das propriedades *desencadeador*, *afetado* ou *estativo*” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 112), o que garante o critério (i) acima. Por sua vez, a Distinção prevê que “todo argumento se distingue de outro por pelo menos uma propriedade acarretada” (CANÇADO; AMARAL, 2016, p.112), o que garante o critério em (ii). Tomemos como exemplo a sentença a seguir:

(238) O Ricardo tem um cachorro.

Nessa sentença tanto o NP *o Ricardo* quanto o NP *um cachorro* recebem do verbo *ter* a propriedade *estativo* e isso satisfaz a restrição da Completude. Evidenciamos a atribuição dessa propriedade através dos testes de acarretamento lexical.

(239) a. O Ricardo tem um cachorro.

b.  $\sim \vdash$  O Ricardo desencadeou/iniciou essa situação.

c.  $\sim \vdash$  O Ricardo foi afetado por essa situação.

d.  $\sim \vdash$  O cachorro desencadeou/iniciou essa situação.

e.  $\sim \vdash$  O cachorro foi afetado por essa situação.

O fato de as sentenças de (b) a (e) de (239) não serem acarretadas pela sentença (a) evidencia que tanto o NP *o Ricardo* quanto o NP *um cachorro* recebem a propriedade semântica *estativo*. Contudo, o NP *o Ricardo* recebe, combinada a essa propriedade, a propriedade *possuidor*, enquanto *um cachorro* recebe a propriedade *objeto de referência*.

- (240) a.  $\models$  *O Ricardo* tem um cachorro, mas ele não é o possuidor desse cachorro.  
 b.  $\models$  *O Ricardo* tem *um cachorro*, mas o cachorro não é objeto de referência que *o Ricardo* possui.

O fato de as sentenças em (240a, b) serem contraditórias mostra que os NPs *o Ricardo* e *um cachorro* recebem, respectivamente, as propriedades *possuidor* e *objeto de referência*. A combinação dessas propriedades à propriedade *estativo* satisfaz a restrição da Distinção, que prevê que os argumentos devem ter papéis temáticos distintos.

No fenômeno da fatoração de argumentos verbais, a forma fatorada das sentenças não fere nenhuma das premissas do Critério-Theta, reescrito nas restrições de Distinção e Completude da proposta de Cançado e Amaral (2016).

Como propusemos, os constituintes fatorados apresentam as propriedades atribuídas ao argumento complexo, na forma não fatorada das sentenças, distribuídas igualmente entre si. Retomemos um exemplo para lembrarmos.

- (241) a. Os alunos admiravam o brilhantismo do professor.  
 ↓  
 estativo/objeto motivador

b. Os alunos admiravam o professor pelo seu brilhantismo.

↓
↓  
 estativo/objeto motivador      estativo/objeto motivador

O fato de os NPs *o professor* e *seu brilhantismo*, em (241b), carregarem as mesmas propriedades semânticas não é problemático, como já aponta Brunson (1992), pois a atribuição do papel temático ocorre na estrutura básica da sentença, que é a forma não fatorada em (241a), e nessa forma, a premissa (i) do Critério-Theta se mantém: cada argumento tem que receber um e um só papel temático. Além disso, na forma fatorada em (241b), um mesmo argumento verbal distribui-se em duas posições sintáticas, ou seja, não há dois argumentos distintos recebendo as mesmas propriedades temáticas, o que, portanto, não fere a premissa (ii) do Critério-Theta: cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento.

Até este ponto, respondemos, então, às duas perguntas iniciais deste capítulo: os argumentos fatorados, de fato, formam dois constituintes sintáticos distintos e que essa divisão não representa um problema para o Critério-Theta. Passemos, então, para o último ponto sintático da nossa análise.

### 3.3 A fatoração do argumento complexo

Retomando a terceira questão da nossa investigação, temos a seguinte pergunta: por que os constituintes que denotam o possuidor (*o brilhantismo do professor*), o agente de um nome eventivo (*a atuação do artista*) ou o todo ao qual uma parte pertence (*a perna da menina*) é que ocupam posições sintaticamente mais altas que o

outro constituinte oriundo do argumento fatorado?<sup>23</sup> Uma primeira ideia é que isso está relacionado ao caráter referencial dos itens lexicais. Vejamos os exemplos a seguir:

(242) a. !Os alunos admiram o brilhantismo pelo seu professor.

b. !O público aplaudiu a atuação pelo artista.

(243) a. !A arrogância abalou os alunos com o professor.

b. !O discurso banalizou o trabalho doméstico com o presidente.

(244) !O cachorro mordeu a perna na menina.

(245) !A manga sujou a camisa.

As sentenças de (242) a (245) são malformadas semanticamente, pois os NPs extraídos do argumento complexo são os itens predicadores *o brilhantismo*, *a atuação*, *a arrogância*, *o discurso*, *a perna* e *a manga* e, portanto, são expressões que não tem o sentido saturado. Nas teorias referenciais, expressões insaturadas não apontam para um objeto, no sentido amplo do termo, como referente no mundo. Assim, para que a forma fatorada das sentenças seja gramatical, os itens predicadores precisam ancorar sua referência no próprio discurso, ou seja, em seus argumentos, que são nomes que apontam para objetos no mundo. Esse processo de ancoragem se dá através da relação anafórica (anáfora direta ou associativa) entre o NP referencial e o item predicador, que já explicamos no capítulo anterior.

---

<sup>23</sup> Em sintaxe gerativa, esse fato é genericamente conhecido como “posse externa”. A preocupação dos sintaticistas consiste em determinar qual é a estrutura sintática básica das sentenças. Foram levantadas duas hipóteses: a hipótese da ligação (*binding hypothesis*), defendida pelos trabalhos de Guéron (1985, 2006) e de Vergnaud e Zubizarreta (1992), dentre outros, e a hipótese do alçamento do possuidor (*possessor-raising*), apresentada em trabalhos como os de Keenan (1972), Perlmutter e Postal (1972), Landau (1999), Keenan e Ralalaoherivony (2001), Rodrigues (2010) e Munhoz e Naves (2012).

Sintaticamente, a relação anafórica existente entre os constituintes desmembrados do argumento complexo é explicada através do Princípio A da Ligação (CHOMSKY, 1981), que diz que uma anáfora deve estar ligada a um antecedente que a c-comanda. A noção de C-comando pode ser definida da seguinte maneira:

- C-comando: um nó A c-comanda um nó B se somente se:

(i) A não domina B e B não domina A;

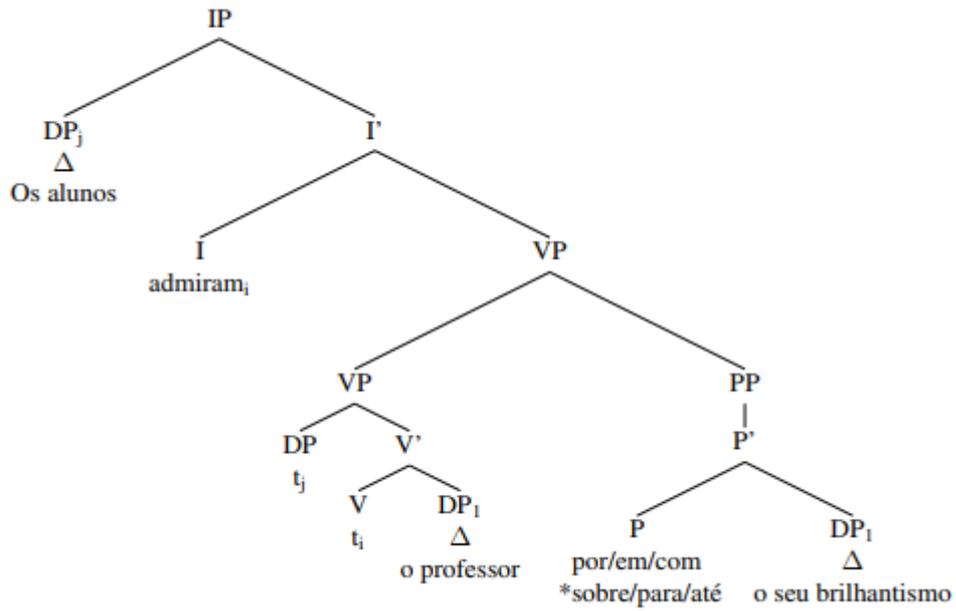
(ii) Qualquer nó ramificado que domine A domina B igualmente.

(RAPOSO, 1992, pgs 250 e 251)

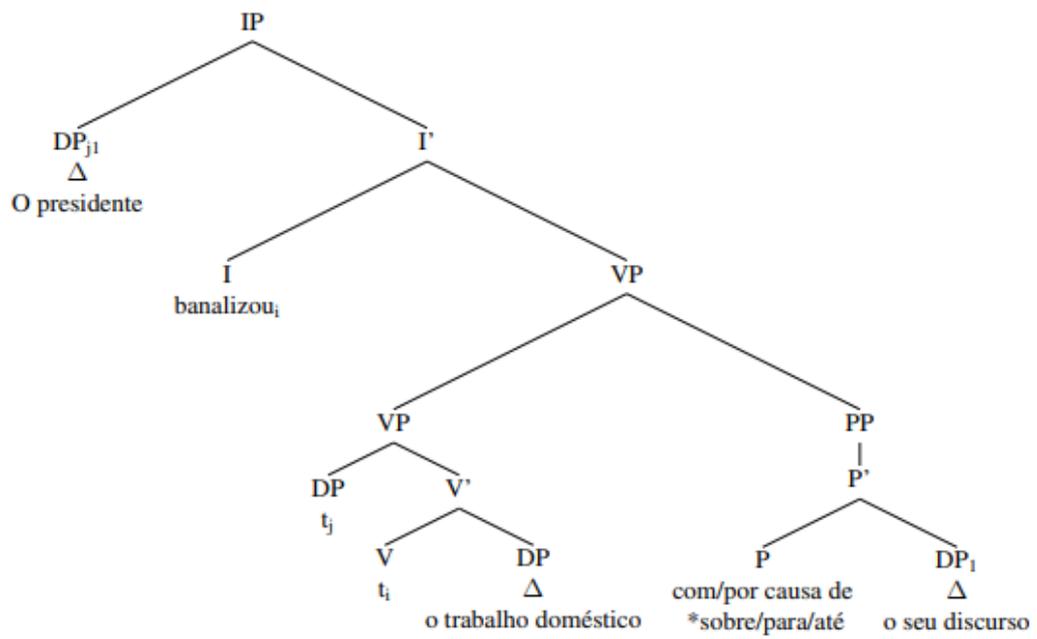
O C-comando envolve a noção de dominância que, grosso modo, pode ser tratada da seguinte maneira: o nó A domina o nó B se, na estrutura arbórea, A estiver mais alto que B e for possível traçar apenas uma linha descendente de A a B.

Neste ponto, retomemos as representações arbóreas da forma fatorada das sentenças que propusemos na seção 4.1 e vejamos se as anáforas obedecem ao Princípio da Ligação.

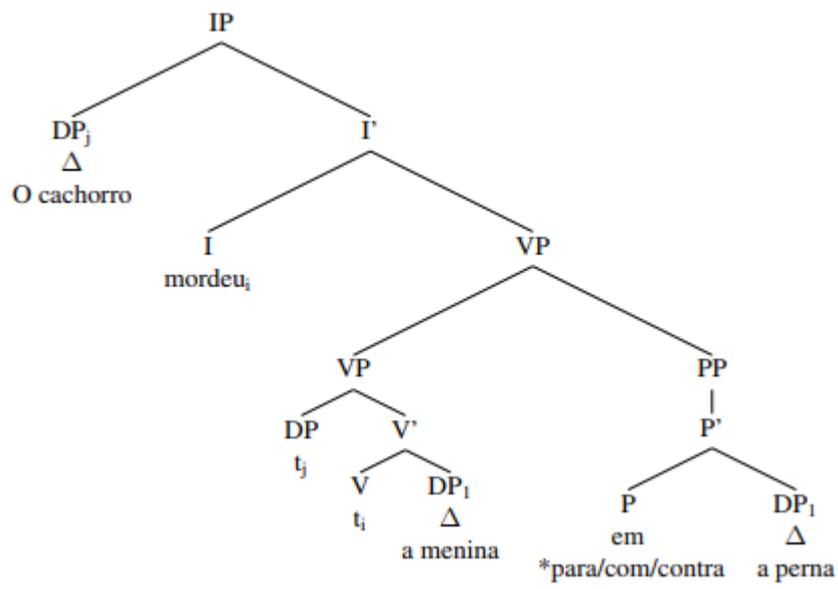
(246)



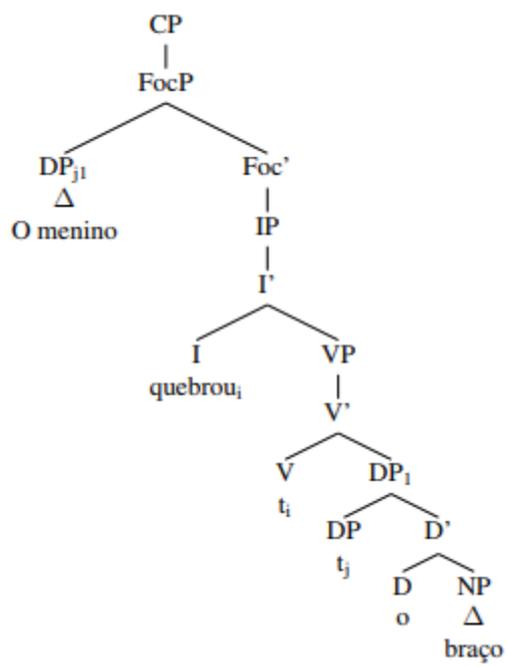
(247)



(248)



(249)



Em (246), o DP anafórico *o seu brilhantismo* está ligado ao seu DP antecedente *o professor*. Essa ligação é marcada na estrutura pelo índice 1, subscrito. O antecedente c-comanda a anáfora, pois nenhum dos DPs em questão se dominam. Além disso, o VP mais alto que domina o DP antecedente também domina o DP anafórico. O mesmo acontece em (248). O DP anafórico *a perna* está ligado ao seu DP antecedente *a menina* e esse antecedente c-comanda a anáfora.

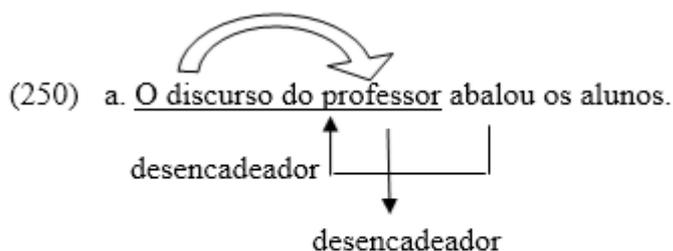
Já em (247), o DP anafórico *o seu discurso* está ligado ao seu DP antecedente *o presidente*. Esse antecedente c-comanda a anáfora, pois, embora esteja mais alto que o DP anafórico, não é possível traçar uma única linha descendente do DP antecedente ao anafórico, o que mostra que *o presidente* não domina o sintagma *o seu discurso*. Além disso, a projeção mais alta (IP) que domina o antecedente, também domina a anáfora.

Por fim, em (249), o DP anafórico *o braço* está ligado ao DP antecedente *o menino*. O antecedente c-comanda a anáfora pelo mesmo motivo explicado para o exemplo (247). Contudo, a projeção mais alta que domina tanto o antecedente quanto a anáfora não é IP, mas sim CP.

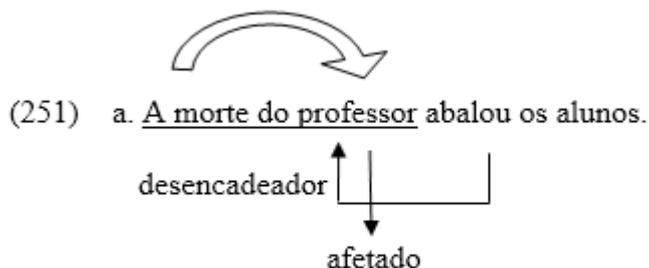
Entretanto, é importante ressaltar que o princípio sintático de ligação das anáforas explica as representações de (246) a (249), mas não explica o fato de as sentenças com os argumentos complexos, formados por um nome eventivo e um argumento, que é o paciente do evento expresso pelo nome, não exibirem a forma fatorada: *!o professor abalou os alunos com sua morte*. Nessa sentença, embora o DP *o professor*, que tem como referente um objeto no mundo, c-comande o DP anafórico *sua morte*, que é o predicador, assim como ocorre no exemplo em (247) para os sintagmas *o presidente* e *o seu discurso*, a sentença é malformada semanticamente. Isso quer dizer que a proposta referencial de o item que aponta para um objeto no mundo ser o antecedente, refletida sintaticamente no princípio de ligação das anáforas, não é

suficiente para explicar o motivo pelo qual NPs complexos que estabelecem uma relação de predicação com pacientes não são capazes de sofrer o processo sintático da fatoração de argumentos.

Uma possível explicação é a de que há uma interação entre o papel temático que o NP *o professor* recebe do nome eventivo e a propriedade que esse NP recebe do verbo. Verbos do tipo *abalar* e *banalizar* atribuem a propriedade *desencadeador* para o seu argumento que ocupa a posição de sujeito e, por isso, quando recebe a propriedade *afetado* do predicador *morte*, *o professor* passa a não poder ocupar a posição de sujeito do verbo *abalar*, o que gera o contraste entre as sentenças:



b. O professor abalou os alunos com o seu discurso.



b. !O professor abalou os alunos com sua morte.

Em (250a), o NP *o professor* recebe a propriedade *desencadeador* do nome eventivo *o discurso* e todo o argumento complexo recebe essa mesma propriedade do verbo *abalar*. Na forma fatorada da sentença em (250b), *o professor* pode ocupar a

posição de sujeito, pois o papel de *desencadeador* que recebe do nome eventivo é compatível com a atribuição dessa propriedade pelo verbo.

Já em (251a), o NP *o professor* recebe a propriedade *afetado* do nome eventivo *morte* enquanto o verbo *abalar* atribui a propriedade *desencadeador* para todo o argumento complexo. Na forma fatorada da sentença em (251b), *o professor* não pode ocupar a posição de sujeito, pois o papel de *afetado* que recebe do nome eventivo é incompatível com o do argumento exigido pelo verbo *abalar*, que deve ser um *desencadeador*, e, por isso, a sentença fica malformada semanticamente.

Cançado e Amaral (2016) propõem que um mesmo argumento pode receber, ao mesmo tempo, as propriedades *desencadeador* e *afetado*, como no exemplo *a menina sentou na cadeira* (CANÇADO; AMARAL, 2016, p. 123), em que o NP *a menina* recebe do verbo *sentar* essas duas propriedades simultaneamente. Contudo, talvez isso ocorra porque o argumento *a menina* recebe as propriedades *desencadeador* e *afetado* de um mesmo item predicador, de modo que, quando a atribuição é feita por itens predicadores distintos, como no exemplo em (251), a sentença fica malformada semanticamente.

Essa é uma possível explicação, mas temos de investigar essa questão em um maior número de exemplos envolvendo nomes eventivos processuais (*a morte do professor*). Como nosso trabalho se limitou aos verbos do VerboWeb, ainda não temos um número significativo para essa análise. Deixamos, portanto, essa questão em aberto para ser melhor explorada em trabalhos futuros.

Tendo mostrado que os argumentos complexos de um verbo, quando fatorados, formam dois constituintes distintos e que isso não viola a correspondência entre papéis semânticos e posições sintáticas, finalizamos esta tese. Acreditamos que nossa análise contribuiu para a corroboração da proposta de Cançado (2009) de que as relações de

complementação e adjunção são estritamente sintáticas, enquanto a noção de argumento é puramente semântica. Assim, argumentos verbais podem vir expressos sintaticamente como adjuntos. Além disso, mostramos uma aplicação da proposta de papéis temáticos como propriedades semânticas discretas de Caçado e Amaral (2016), provando que os papéis temáticos, nessa visão reformulada, mostram-se um bom arcabouço teórico para propor delimitações semânticas que regem o funcionamento sintático das línguas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos as considerações finais sobre nosso trabalho e, para tanto, retomamos o que foi feito ao longo desta tese.

No primeiro capítulo, introduzimos e definimos nosso objeto de estudo: a fatoração de argumentos verbais no PB. Propusemos que esse fenômeno linguístico ocorre quando um argumento verbal pode ser expresso de duas maneiras distintas na sentença: em um só constituinte sintático, constituindo o que denominamos de forma não fatorada da sentença, ou em dois constituintes distintos, formando a forma fatorada da sentença. Ainda propusemos que a fatoração de argumentos verbais caracteriza-se pela descontinuidade do papel temático atribuído ao argumento complexo e levantamos a hipótese de que a realização da forma fatorada das sentenças é restringida pela semântica dos verbos.

Com o intuito de testarmos nossa hipótese, elencamos quatro objetivos específicos, sendo eles: (i) mostrar os diferentes tipos de alternâncias que se originam da fatoração de um dos argumentos verbais em duas posições sintáticas; (ii) definir quais propriedades semânticas permitem a ocorrência das alternâncias específicas; (iii) verificar se essas propriedades semânticas são apenas de caráter verbal e; (iv) verificar se há alguma propriedade semântica em comum entre todas as alternâncias analisadas.

Para a realização do nosso primeiro objetivo, fizemos uma coleta, através do banco de dados VerboWeb e dos trabalhos de Cançado (1995), de Borba (1990) e de Cançado, Godoy e Amaral (2017), dos verbos que permitem a fatoração de um de seus argumentos, agrupando-os em quatro classes de acordo com o tipo de fatoração que eles realizam. Essas quatro classes foram fundidas em dois grupos, que denominamos de

“alternâncias que veiculam a noção de concomitância” e de “alternâncias parte-todo”, sendo que cada grupo conta com dois tipos de fatoração.

Com o intuito de alcançarmos nosso segundo objetivo, partimos do referencial teórico explicitado no capítulo 2. Para analisar os 4 tipos de fatoração de argumentos verbais, utilizamos a noção de argumento proposta no trabalho de Cançado (2009) e a proposta de papéis temáticos como propriedades semânticas discretas, revisada em Cançado e Amaral (2016). Também fizemos uso da noção de estrutura informacional do enunciado para motivar a existência da forma fatorada das sentenças.

Através desse referencial teórico, analisamos, uma a uma, as alternâncias oriundas da fatoração de um dos argumentos verbais. Começamos pelo grupo das alternâncias que veiculam a noção de concomitância. Essas são alternâncias que apresentam, na forma fatorada das sentenças, um indivíduo que participa da situação descrita pelo verbo concomitantemente a outro indivíduo como em: *José teme a força de Deus/ José teme Deus por sua força; o discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico/ o presidente banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.*

A alternância expressa pelo par de sentenças com o verbo *temer* foi chamada de “fatoração do argumento estativo”. Propusemos que os verbos que realizam essa fatoração são verbos da classe de *temer* e da classe de *aplaudir* que atribuem as propriedades *estativo* e *objeto motivador* para o seu argumento complexo que ocupa a posição sintática de objeto. Na forma fatorada das sentenças, essas propriedades são distribuídas na posição de objeto e de adjunto como um PP formado pela preposição *por* mais o NP que é uma parte desmembrada do argumento verbal.

Já a alternância expressa pelo par de sentenças com o verbo *banalizar* foi chamada de “fatoração do argumento desencadeador do evento”, pois ocorre com verbos que atribuem a propriedade *desencadeador* para o argumento complexo que

ocupa a posição de sujeito. Na forma fatorada, esse sintagma é distribuído por essa posição e pela posição de adjunto como um PP formado pela preposição *com* mais o NP que é parte do argumento verbal.

Após explicarmos a ocorrência dessas duas alternâncias, passamos para a análise das alternâncias parte-todo, que dizem respeito a pares de sentenças do seguinte tipo: *o cachorro mordeu a perna do menino/ o cachorro mordeu o menino na perna; o braço do menino quebrou/o menino quebrou o braço*. Denominamos o primeiro par de sentenças de “fatoração do argumento afetado com verbos de contato físico”. Esse tipo de fatoração ocorre com verbos pertencentes a diversas classes verbais que apresentam em comum o fato de os verbos atribuírem para o argumento complexo, que ocupa a posição de objeto, as propriedades semânticas *afetação* e *local de contato*. Na forma fatorada das sentenças, o argumento distribui-se pelas posições de objeto e de adjunto como um PP formado pela preposição *em* mais o NP que é parte do argumento verbal.

O par de sentenças com o verbo *quebrar* foi chamado de “fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos”. Essa alternância, como o próprio nome já diz, ocorre com verbos inacusativos, de um ou dois lugares, que atribuem a propriedade *afetado* para o seu argumento complexo. Propusemos que, na forma fatorada, a parte desmembrada do argumento verbal passa a ocupar a posição de foco (FocP), que se encontra na periferia esquerda da sentença.

Em cumprimento dos objetivos (iii) e (iv), propusemos que todos os tipos de fatoração de argumentos que descrevemos são determinados por restrições lexicais de dois níveis: uma delas no nível dos verbos e outra no nível do argumento complexo passível de ser fatorado.

A restrição verbal diz respeito às propriedades semânticas que os itens verbais atribuem aos seus argumentos complexos e que permitem, em cada caso, o agrupamento dos verbos em classes *coarse-grained*.

Já a restrição do argumento complexo, que é a restrição primeira para que a fatoração ocorra, está relacionada ao fato de o argumento verbal apresentar uma relação de predicação nominal estabelecida entre um atributo e seu possuidor (*a força de Deus*), entre um nome eventivo e seu argumento que denota o agente do evento expresso pelo nome (*o discurso do presidente*), ou entre sintagmas que denotam a relação entre o todo e uma parte (*a perna do menino e o braço do menino*).

Além disso, mostramos que todas as alternâncias oriundas da fatoração de um dos argumentos verbais são motivadas por questões pragmáticas relacionadas à organização da estrutura informacional dos enunciados. Propusemos que a forma fatorada das sentenças existe para focalizar a parte extraída do argumento complexo e evidenciamos nossa proposta mostrando que as formas fatorada e não fatorada das sentenças respondem a tipos diferentes de perguntas.

Nesse ponto de nossa análise, já havíamos cumprido os objetivos propostos no primeiro capítulo, mas resolvemos ir além e elaboramos uma proposta simples de mapeamento entre a estrutura semântica dos verbos e a forma fatorada das sentenças.

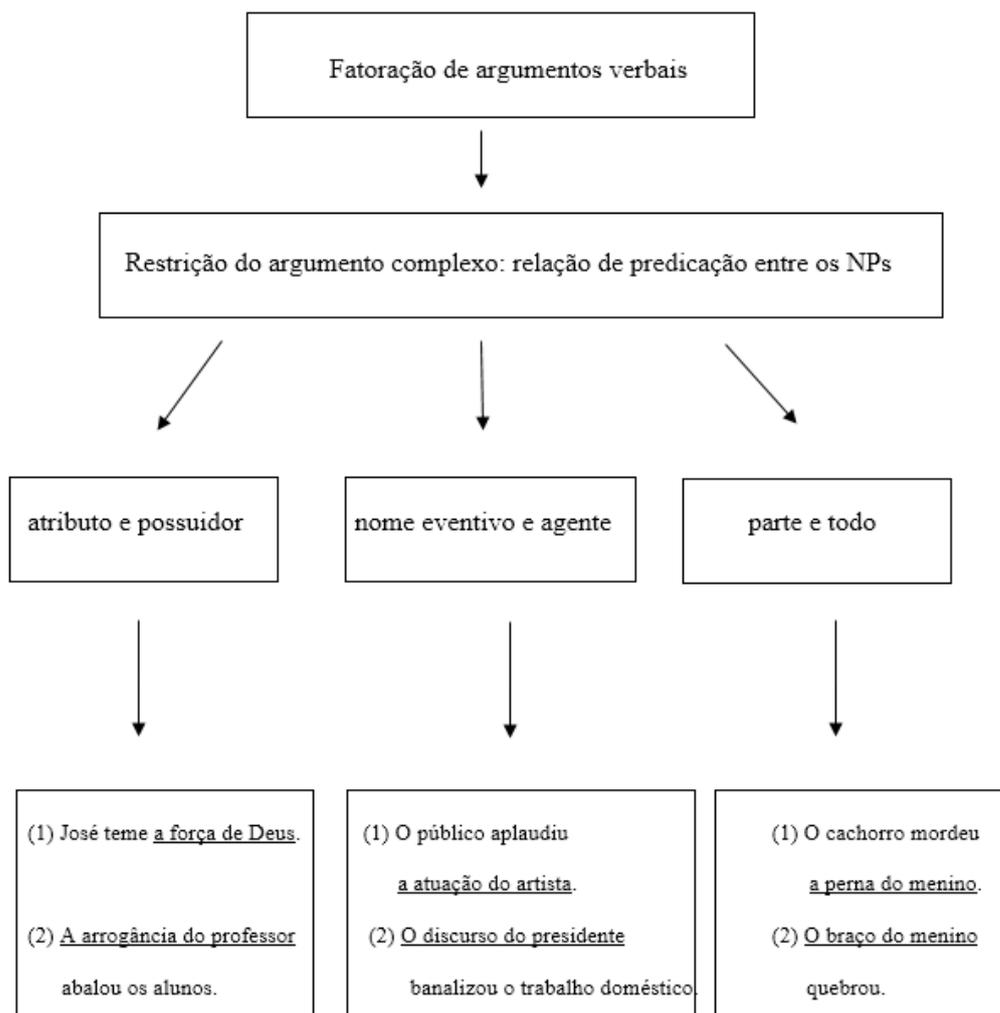
Através da aplicação de testes de constituência, mostramos que os argumentos fatorados, de fato, formam dois constituintes sintáticos distintos que carregam as mesmas propriedades temáticas. Isso não fere as restrições da Distinção e da Completude (CANÇADO; AMARAL, 2016), que correspondem ao conhecido Critério-Theta, pois, embora sejam dois constituintes distintos, os sintagmas correspondem a um só argumento verbal.

Ainda propusemos que, em todos os casos de fatoração de argumentos, os NPs que denotam um atributo, um evento ou a parte de um todo têm como antecedentes os sintagmas que correspondem, respectivamente, ao possuidor, ao agente do evento expresso pelo nome e ao todo ao qual a parte pertence. Isso ocorre por questões de referenciação, já que os NPs predicadores não possuem um objeto como referente no mundo. Assim sendo, eles devem estar ligados aos seus antecedentes, que são expressões referenciais que apontam para objetos no mundo. Essa ligação é dada via anáfora direta ou através de anáforas associativas. Em todos os casos o Princípio da Ligação (CHOMSKY, 1981) foi obedecido.

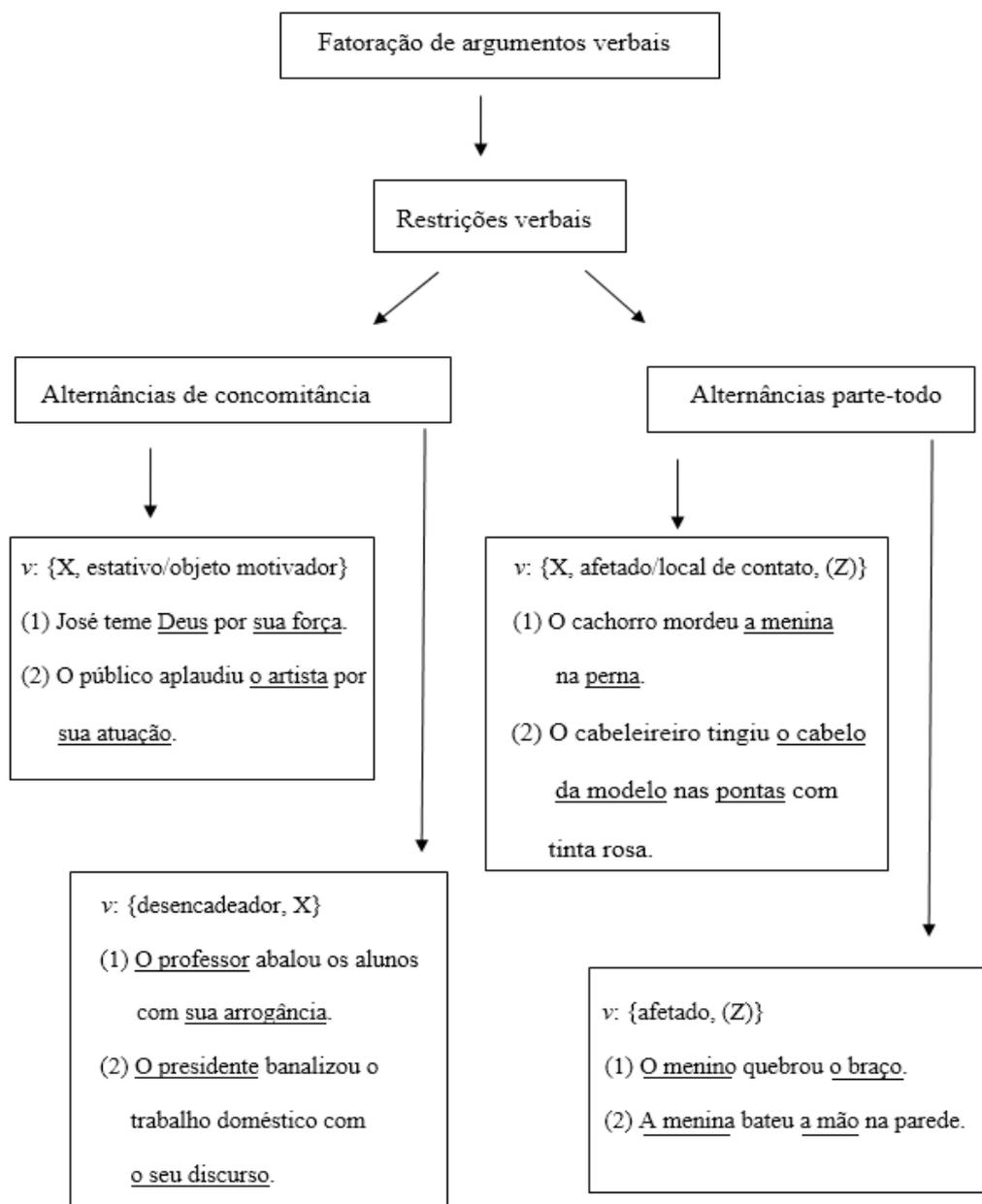
Por fim, ainda mostramos que há uma interação entre o papel temático atribuído na relação de predicação nominal com as propriedades semânticas atribuídas pelos verbos ao argumento complexo passível de ser fatorado. Isso explica a não ocorrência da fatoração em sentenças do tipo *a morte do professor abalou os alunos!*/*o professor abalou os alunos com sua morte*. Como propusemos, no fenômeno da fatoração de argumentos, os NPs complexos, formados por predicadores nominais que denotam eventos, tomam como argumento o agente do evento denotado pelo nome, como em *o discurso do presidente*, em que *o presidente* é quem faz o discurso. No sintagma *a morte do professor*, *o professor* não é o agente do processo de *morrer*, pelo contrário, ele sofre esse processo. Como verbos do tipo *abalar* atribuem a propriedade *desencadeador* para o seu argumento que ocupa a posição de sujeito, apenas argumentos de predicadores nominais que sejam compatíveis com essa propriedade (como é o caso de *o presidente* no NP complexo *o discurso do presidente*) podem ocupar a posição de sujeito de verbos do tipo *abalar*. Com essa última consideração, finalizamos nosso trabalho.

A seguir, apresentamos dois esquemas simples que resumem as principais restrições das alternâncias oriundas da fatoração de um dos argumentos verbais.

Esquema 1:



Esquema 2:



## REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A. Some notes on the structure of alienable and inalienable possessors. In COENE, M.; D'HULST, Y. (eds.). *From NP to DP: The expression of possession in noun phrases* (pp. 167-188). Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 167-188, 2003.

ALEXIADOU, A. SCHAFFER, F. Instrument subjects are Agents or Causers. In: BAUMER, D.; MONTERO, D.; SCANLO, M. *Proceedings of the 25<sup>th</sup> West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, p. 40-48, 2006.

AMARAL, L. *A alternância transitivo - intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Poslin, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2015.

BACH, E. The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy* 9, p. 5-16, 1986.

BEAVERS, J. The structure of lexical meaning: why semantics really matters. *Language*, v.86, n 4, p.821-864, 2010.

BECHIR, T. *Os verbos recíprocos intransitivos no português brasileiro*. 2016. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2016.

BERG, M. O Comportamento Semântico-Lexical das Preposições do PB. 2005. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2005.

BORBA, F. (Coord). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

BRUNSON, B. *Thematic Discontinuity*. Toronto working papers in linguistics, 1992.

BRUNSON, B. The instrumental role: argument or adjunct?. *Toronto Working Papers in Linguistics*, v 12, n. 1, p. 13-25, 1993.

BRUYN, B. L. Inalienable possession: the status of the definite article. In: GUEVARA, A.; BRUYN, B. L.; ZWARTS, J. (eds.). *Weak referentiality*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 311-334, 2014.

CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sobre a ótica de uma semântica representacional*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, M. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23- 56, 2005.

CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA*, v. 53, n. 1. 2009.

CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2010.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Contexto. 2013.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no PB. *Revista da Abralín*, v. 9, n. 2., p. 123-147, 2010.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: Papéis Temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2016.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. e colaboradores. *Banco de Dados Lexicais VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro*. UFMG. 2017. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/verboweb/>

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Vol I. Verbos de mudança, 2 ed. Edição Revisada Amazon. 2017.

CANÇADO, M.; GONÇALVES, A. Lexical Semantics: verb classes and alternations. In: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Willey/Blackwell, 2016.

CANN, R. *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton & Co., 1957.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS; ROSENBAUM (eds.). *Readings in English Transformational Grammar*, Ginn, Waltham, MA, 184-221., 1970.

CHOMSKY, N. On wh- movement. In: CULLICOVER; WASOW; AKMAJIAN (orgs). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CLARK, E. V.; CLARK, H. H. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, p. 767-811, 1979

CROFT, W. *Verbs: aspect and causal structure*. Oxford University Press. 2012.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

DEAL, A. R. External possession and possessor raising. In EVERAERT, M.; RIEMSDIJK, H (eds.). *The Companion to Syntax*, 2<sup>nd</sup> edition, Wiley-Blackwell, 2017.

DIXON, R. M. W. *A new approach to English grammar, on semantic principles*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991

FILLMORE, C. The case for case. In BACH, E.; HARMS, R. *Universals in linguistic theory*. New York, New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 1-90, 1968.

FILLMORE, C. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. *Form and meaning in language: papers on semantics roles*. Stanford: CSLI Publications, p. 123-139, 2003 [1970].

FONSECA, J. Verbos simétricos. *Boletim de filologia*, v. 2, p. 383-403, 1984.

FRANCHI, C. Predicação. In: CANÇADO, M. (org). *Predicação, Relações semânticas e papéis temáticos: anotações de Carlos Franchi*. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 11, n2, 2003 [1997].

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 11. n. 2. 2003 [1997].

GODOY, L. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008a.

GODOY, L. Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxese-semântica lexical. *Revista da Abralín*, João Pessoa, v.7, n.1, p.49-68, 2008b.

GODOY, L. Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. *ALFA*, v. 53, n. 1. 2009.

GODOY, L. A Semântica da dupla realização argumental dos verbos recíprocos. *Revista do GEL*, v. 7, n. 1. 2010.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

GRUBER, J. *Studies in Lexical Relations*. Tese de doutorado, MIT. Cambridge, 1965.

GUÉRON, J. Inalienable possession, PRO-inclusion and lexical chains. In: GUÉRON, J. HANS, G.; POLLOCK, J (eds.). *Grammatical representation*, Dordrecht: Foris, p.43-86, 1985.

GUÉRON, J. Inalienable possession. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. (eds.) *The Blackwell companion to syntax*. Malden, Mass: Blackwell, pg 589–638, 2006.

HAAG, C. R.; OTHERO, G. A. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 1, n. 1, 2003.

HARLEY, H; HAUGEN, J. Are there really two classes of instrumental denominal verbs in English? *Snippets* 16, p. 6-7, 2007.

HASPELMATH, M. More on typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, p. 87-120, 1993.

JACKENDOFF, R. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

KEENAN, E. L. Relative clause formation in Malagasy. In: PERANTEAU, P. M. et al. (eds). *The Chicago Which Hunt: Papers from the Relative Clause Festival*, Chicago Linguistic Society, pg 169–189, 1972.

KEENAN, E L.; RALALAOHERIVONY, B. Raising from NP in Malagasy. *Linguistica e Investigationes* n 23, pg1–44, 2001.

KIPARSKY, P. *Word formation and the lexicon*. In Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference, ed. F. Ingeman. University of Kansas, p. 3-29. 1982.

KLEIBER, G. The possessive via associative anaphor. In: COENE, M.; D'HULST, Y. (eds.). *From NP to DP*. Volume II: The expression of possession in noun phrases. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, Philadelphia, 2002.

LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LANDAU, I. Possessor raising and the structure of VP. *Lingua* n 107, p.1–37, 1999.

LAPORTE, É. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *Revista (Con)textos Lingüísticos*, v. 2, p. 26-51, 2008.

LEHMANN, C.; SHIN, Y. *The functional domain of concomitance: a typological study of instrumental and comitative relations*. 2005. Disponível em: <https://www.christianlehmann.eu/publ/Concomitance.pdf>

LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B. *What is the best grain- size for defining verb classes?* Conference on Word Classes: nature, Typology, Computational Representations, Second TRiPLE international Conference, Università Roma Tre, Rome, March 24–26. 2010.

LEVIN, B. Semantics and Pragmatics of Argument Alternations. *Annual Review of Linguistics* n1, p. 63-83, 2015.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. A Preliminary Analysis of Causative Verbs in English, *Lingua* 92, p. 35-77, 1994.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Lexical Conceptual Structure. In K. VON HEUSINGER; MAIENBORN; PORTNER, eds., *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning I*, Mouton de Gruyter, Berlin, 418-438, 2011.

LIMA, M.; FRANÇOZO, E. Indefinidos anafórico: uma nota sobre processamento da linguagem. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, v7, n1 e 2, 2003.

LOBATO, L. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil. In: SILVA, D. E. da (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cânone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, p. 54-86. 2006.

LUNGUINHO, M. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas. In: SILVA, D. E. da (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cânone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, p. 133-147. 2006.

MARANTZ, A. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita do português brasileiro. In: GÄRTNER, E et al. (editores). *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

McCAWLEY, J. The role of semantics in a grammar. In: BACH, E.; HARMS, R. (Eds.) *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart & Winston, p. 124-169, 1968.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. Os verbos instrumentais no português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, v 19, nº2, 2015.

MIOTO, C.; SILVA, M.; LOPES, R. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 3ed, 2007.

MORGAN, J. L. On Arguing about semantics. *Papers in linguistics*, v.1, p. 49-70, 1969.

MUNHOZ, A. T. M.; NAVES, R.R. Construções de tópico sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/1, p. 245-265, 2012.

NASCIMENTO, T. Os verbos beneficiários de contato no português brasileiro. Monografia de bacharelado em Linguística. Faculdade de Letras. UFMG. 2015.

NEGRI, L. Artigo definido: sintaxe ou pragmática ?. *Letras*, n 37, p.17-28, 1988.

OTHERO, G.A. *A anáfora e a tessitura do texto*. Copyright, 2003.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989

PERLMUTTER, D.; POSTAL, P. The relational succession law. In PERLMUTTER, D. (ed.). *Studies in relational grammar*. Chicago: University of Chicago Press, p. 30-80, 1983 [1972].

RAPPAPORT HOVAV, M.; LAUGHREN, M.; LEVIN, B. Levels of Lexical Representation. In: PUSTEJOVSKY (ed.). *Semantic and the lexicon*. Kluwer Academic Publishers, 1993.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. What To Do with Theta-Role. In: WILKINS, W. (Org.). *Syntax and Semantics 21 (Thematic Relations)*. New York: Academic Press, p.7-36, 1988.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building Verb Meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: Lexical and Syntactic Constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, p. 97-134, 1998.

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN (ed). *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer. p. 281–337. 1997.

ROISENBERG, G.; MENUZZI, S. *Estrutura Informacional*. Manuscrito. 2009.

Disponível em:

[https://msu.edu/~rodri445/gabriel/Papers,\\_etc.\\_files/roisenberg%20e%20menuzzi%2009%20estrutura%20informacional%204a-1-1.%20versao%20%28com%20cortes%29.pdf](https://msu.edu/~rodri445/gabriel/Papers,_etc._files/roisenberg%20e%20menuzzi%2009%20estrutura%20informacional%204a-1-1.%20versao%20%28com%20cortes%29.pdf)

RODRIGUES, C. Possessor raising through thematic positions. In: Norbert HORNSTEIN, N.; Polinsky, M. (eds). *Movement theory of Control*. Amsterdam: John Benjamins, pg 119–146, 2010.

ROSS, J. R. Adjectives as noun phrases. In: REIBEL, D.; SCHANE, S. *Modern studies in English*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1969.

SCHLESINGER, I. *Cognitive Space and linguistic case*. Cambridge University Press. 2ed. 2006.

SILONI, T. The syntax of reciprocal verbs: an overview. In: KÖNIG, E.; GAST, V. (Eds.) *Reciprocals and reflexives: cross-linguistics and theoretical explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

VAN OOSTEN, J. Subjects, Topics and Agents: Evidence from Property-factoring. *Proceedings of the Sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 479-494, 1980.

VERGNAUD, J.; ZUBIZARRETA, M. L. The definite determiner and the inalienable constructions in French and in English. *Linguistic Inquiry* n 23, p. 595–652, 1992.

WACHOWICZ, T. A *Alternância conativa no PB*. In: VI Congresso Internacional da Abralín, 2009, João Pessoa. VI Congresso Internacional da Abralín Anais. João Pessoa: Ideia, 2009.

WUNDERLICH, D. Lexical Decomposition in Grammar. In: WERNING, M.; HINZEN, W.; MACHERY, E. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, p. 307-327, 2012.

## APÊNDICE

### **Fatoração do argumento estativo – *v*: {X, estativo/objeto motivador}**

#### **Classe de *aplaudir*: {desencadeador/controle, estativo/objeto motivador}**

1. Abençoar
  - a. O padre abençoou a atitude do fiel.
  - b. O padre abençoou o fiel por sua atitude.
  
2. Advertir
  - a. A gerente advertiu a desatenção do funcionário.
  - b. A gerente advertiu o funcionário por sua desatenção.
  
3. Agradecer
  - a. A mulher agradeceu a disponibilidade do advogado.
  - b. A mulher agradeceu o advogado por sua disponibilidade.
  
4. Anistiar
  - a. Os parlamentares anistiarão o crime de corrupção do presidente.
  - b. Os parlamentares anistiarão o presidente por seu crime de corrupção.
  
5. Aplaudir
  - a. O público aplaudiu a atuação do artista.
  - b. O público aplaudiu o artista pela sua atuação.
  
6. Castigar
  - a. O professor castigou o comportamento inadequado dos estudantes.
  - b. O professor castigou os estudantes pelo comportamento inadequado.
  
7. Censurar
  - a. O diretor censurou as cenas de sexo explícito da novela.
  - b. O diretor censurou a novela pelas cenas de sexo explícito.

8. Compensar
  - a. Os pais compensaram o esforço do filho.
  - b. Os pais compensaram o filho pelo seu esforço.
  
9. Condenar
  - a. Os pais condenaram a atitude do filho.
  - b. Os pais condenaram o filho por sua atitude.
  
10. Coroar
  - a. A professora coroou o bom comportamento do aluno.
  - b. A professora coroou o aluno pelo seu bom comportamento.
  
11. Criticar
  - a. A inspetora criticou as carteiras desconfortáveis da escola.
  - b. A inspetora criticou a escola pelas suas carteiras desconfortáveis.
  
12. Dedurar
  - a. O menino dedurou a travessura do colega.
  - b. O menino dedurou o colega pela travessura.
  
13. Defender
  - a. O pai defendeu o comportamento honesto da filha.
  - b. O pai defendeu a filha pelo seu comportamento honesto.
  
14. Desculpar
  - a. A professora desculpou a falta de educação do aluno.
  - b. A professora desculpou o aluno pela sua falta de educação.
  
15. Desmerecer
  - a. O chefe desmereceu o trabalho mal feito do funcionário.
  - b. O chefe desmereceu o funcionário pelo trabalho mal feito.

16. Desmoralizar
  - a. O pesquisador desmoralizou as falácias do palestrante.
  - b. O pesquisador desmoralizou o palestrante por suas falácias.
  
17. Destacar
  - a. O júri destacou a beleza da modelo.
  - b. O júri destacou a modelo pela sua beleza.
  
18. Discordar
  - a. A banca examinadora discordou dos argumentos estapafúrdios do aluno.
  - b. A banca examinadora discordou do aluno pelos seus argumentos estapafúrdios.
  
19. Divergir
  - a. O pai diverge das opiniões radicais da filha.
  - b. O pai diverge da filha por suas opiniões radicais.
  
20. Elogiar
  - a. A professora elogiou o bom comportamento do aluno.
  - b. A professora elogiou o aluno pelo seu bom comportamento.
  
21. Enaltecer
  - a. A professora enalteceu a união dos alunos.
  - b. A professora enalteceu os alunos pela sua união.
  
22. Endeusar
  - a. O júri endeusou a beleza da modelo.
  - b. O júri endeusou a modelo pela sua beleza.
  
23. Engrandecer
  - a. O pai engrandeceu a atitude do filho.
  - b. O pai engrandeceu o filho por sua atitude.

24. Eternizar
- a. A Globo eternizou a obra de Manuel Carlos.
  - b. A Globo eternizou Manuel Carlos por sua obra.
25. Financiar
- a. O banco financiou os projetos inovadores da empresa.
  - b. O banco financiou a empresa por seus projetos inovadores.
26. Fomentar
- a. A empresa fomentou a pesquisa revolucionária do cientista.
  - b. A empresa fomentou o cientista por sua pesquisa revolucionária.
27. Homenagear
- a. Os sambistas homenagearam o bom governo do presidente.
  - b. Os sambistas homenagearam o presidente pelo seu bom governo.
28. Idolatrar
- a. Os fãs idolatram a simpatia da Ivete.
  - b. Os fãs idolatram a Ivete pela sua simpatia.
29. Julgar
- a. Os fãs julgaram o comportamento vulgar da atriz.
  - b. Os fãs julgaram a atriz pelo seu comportamento vulgar.
30. Ovacionar
- a. A multidão ovacionou o discurso do presidente.
  - b. A multidão ovacionou o presidente pelo seu discurso.
31. Perdoar
- a. A mãe perdoou a falta de educação da filha.
  - b. A mãe perdoou a filha pela falta de educação.

32. Protestar
- A população protestou contra as medidas econômicas do novo governante.
  - A população protestou contra o novo governante pelas suas medidas econômicas.
33. Realçar
- O júri realçou a beleza da modelo.
  - O júri realçou a modelo pela sua beleza.
34. Recompensar
- Os pais recompensaram o esforço do filho.
  - Os pais recompensaram o filho pelo esforço.
35. Vangloriar
- Os pais vangloriavam das notas altas do filho.
  - Os pais vangloriavam do filho pelas notas altas.
36. Vulgarizar
- A sociedade vulgarizou o comportamento da atriz.
  - A sociedade vulgarizou a atriz pelo seu comportamento.
37. Zombar
- Os colegas zombaram do cabelo do menino.
  - Os colegas zombaram do menino pelo seu cabelo.

**Fatoração do argumento desencadeador do evento – v: {desencadeador, X}**

**Verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos (*quebrar*): {desencadeador (controle), afetado}**

1. Abrandar
- A decisão dos senadores abrandou a lei.
  - Os senadores abrandaram a lei com sua decisão.

2. Abrasileirar
  - a. A entrada de artistas baianos abasileirou a peça.
  - b. Os artistas baianos abasileiraram a peça com sua entrada.
  
3. Abrilantar
  - a. A fala poética do palestrante abrilantou o discurso.
  - b. O palestrante abrilantou o discurso com sua fala poética.
  
4. Abrir
  - a. Os chutes ao acaso do menino abriram a porta de entrada.
  - b. O menino abriu a porta de entrada com os chutes ao acaso.
  
5. Agravar
  - a. O discurso do presidente agravou a revolta da população.
  - b. O presidente agravou a revolta da população com seu discurso.
  
6. Apaziguar
  - a. O discurso do presidente apaziguou a população.
  - b. O presidente apaziguou a população com o seu discurso.
  
7. Apassivar
  - a. Os carinhos do adestrador apassivaram o cachorro.
  - b. O adestrador apassivou o cachorro bravo com os seus carinhos.
  
8. Aplacar
  - a. A fala apaziguadora do presidente aplacou a revolta da população.
  - b. O presidente aplacou a revolta da população com sua fala apaziguadora.
  
9. Baratear
  - a. As novas medidas econômicas do governo baratearam o preço da gasolina.
  - b. O governo barateou o preço da gasolina com suas novas medidas econômicas.

10. Burocratizar
  - a. As novas exigências do governo burocratizaram a pós-graduação.
  - b. O governo burocratizou a pós-graduação com suas novas exigências.
  
11. Civilizar
  - a. A pregação dos padres civilizou os indígenas.
  - b. Os padres civilizaram os indígenas com suas pregações.
  
12. Domesticar
  - a. As técnicas inovadoras do domador domesticaram o leão.
  - b. O domador domesticou o leão com suas técnicas inovadoras.
  
13. Iluminar
  - a. Os raios reluzentes do sol iluminaram a sala.
  - b. O sol iluminou a sala com seus raios reluzentes.
  
14. Inflar
  - a. A declaração de amor do homem inflou o ego da mulher.
  - b. O homem inflou o ego da mulher com sua declaração de amor.
  
15. Intensificar
  - a. O discurso ditatorial do candidato intensificou a revolta da população.
  - b. O candidato intensificou a revolta da população com o seu discurso ditatorial.
  
16. Latinizar
  - a. As invasões dos Romanos latinizaram a Ibéria.
  - b. Os Romanos latinizaram a Ibéria com suas invasões.
  
17. Pacificar
  - a. A fala bondosa do pai pacificou os irmãos.
  - b. O pai pacificou os irmãos com sua fala bondosa.

18. Purificar
  - a. A benção do papa purificou os fiéis.
  - b. O papa purificou os fiéis com sua benção.
  
19. Quebrar
  - a. Os socos ao acaso do menino quebraram o vidro da janela.
  - b. O menino quebrou o vidro da janela com seus socos ao acaso.
  
20. Regulamentar
  - a. A decisão do governo regulamentou o novo projeto de lei.
  - b. O governo regulamentou o novo projeto de lei com sua decisão.
  
21. Valorizar
  - a. O discurso do presidente valorizou o trabalho doméstico.
  - b. O presidente valorizou o trabalho doméstico com o seu discurso.

**Fatoração do argumento afetado por contato físico – v: {X, afetado/local de contato, (Z)}**

**Verbos do tipo *morder*: {desencadeador/controle, afetado/local de contato}**

1. Abocanhar
  - a. O gato abocanhou o rabo do rato.
  - b. O gato abocanhou o rato no rabo.
  
2. Abraçar
  - a. O menino abraçou a perna do pai.
  - b. O menino abraçou o pai na perna.
  
3. Acalentar
  - a. A mãe acalentou a cabecinha do bebê.
  - b. A mãe acalentou o bebê na cabecinha.

4. Acariciar
  - a. A mãe acariciou a cabecinha do bebê.
  - b. A mãe acariciou o bebê na cabecinha.
  
5. Acarinhar
  - a. A mãe acarinhou a cabecinha do bebê.
  - b. A mãe acarinhou o bebê na cabecinha.
  
6. Aconchegar
  - a. A mãe aconchegou a cabecinha do bebê.
  - b. A mãe aconchegou o bebê na cabecinha.
  
7. Acotovelar
  - a. O menino acotovelou a barriga do colega.
  - b. O menino acotovelou o colega na barriga.
  
8. Afagar
  - a. A mãe afagou a cabecinha do bebê.
  - b. A mãe afagou o bebê na cabecinha.
  
9. Balançar
  - a. O menino balançou a beirada da cortina.
  - b. O menino balançou a cortina na beirada.
  
10. Beijar
  - a. O menino beijou a boca da menina.
  - b. O menino beijou a menina na boca.
  
11. Beijocar
  - a. O menino beijocou a bochecha da menina.
  - b. O menino beijocou a menina na bochecha.
  
12. Beliscar
  - a. A mãe beliscou o braço do filho.

- b. A mãe beliscou o filho no braço.
13. Bicar
- a. O passarinho bicou a cabeça do moço.  
b. O passarinho bicou o moço na cabeça.
14. Bolinar
- a. O homem bolinou os seios da mulher.  
b. O homem bolinou a mulher nos seios.
15. Chutar
- a. O menino chutou a lateral da cama.  
b. O menino chutou a cama na lateral.
16. Coçar
- a. A mãe coçou as costas da criança.  
b. A mãe coçou a criança nas costas.
17. Cutucar
- a. O menino cutucou as costas da menina.  
b. O menino cutucou a menina nas costas.
18. Esfregar
- a. A mãe esfregou o peito do bebê.  
b. A mãe esfregou o bebê no peito.
19. Golpear
- a. O lutador golpeou o queixo do adversário.  
b. O lutador golpeou o adversário no queixo.
20. Lamber
- a. O cachorro lambeu o rosto do menino.  
b. O cachorro lambeu o menino no rosto.

21. Massagear
  - a. A namorada massageou as costas do namorado.
  - b. A namorada massageou o namorado nas costas.
  
22. Morder
  - a. O cachorro mordeu a perna do menino.
  - b. O cachorro mordeu o menino na perna.
  
23. Mordiscar
  - a. A namorada mordiscou a bochecha do namorado.
  - b. A namorada mordiscou o namorado na bochecha.
  
24. Roer
  - a. O rato roeu a beirada do queijo.
  - b. O rato roeu o queijo na beirada.
  
25. Unhar
  - a. O gato unhou as costas do menino.
  - b. O gato unhou o menino nas costas.

**Verbos de mudança de estado (*quebrar*): {desencadeador/ (controle), afetado/ local de contato}**

1. Abrir
  - a. A menina abriu apenas a basculante da janela.
  - b. A menina abriu a janela apenas na basculante.
  
2. Achatar
  - a. O acidente achatou a traseira do carro.
  - b. O acidente achatou o carro na traseira.
  
3. Alisar
  - a. O cabeleireiro alisou a raiz do cabelo da modelo.
  - b. O cabeleireiro alisou o cabelo da modelo na raiz.

4. Aloirar
  - a. O cabeleireiro aloirou a raiz do cabelo da modelo.
  - b. O cabeleireiro aloirou o cabelo da modelo na raiz.
  
5. Alongar
  - a. O cabeleireiro alongou as pontas do cabelo da modelo.
  - b. O cabeleireiro alongou o cabelo da modelo nas pontas.
  
6. Amarrotar
  - a. A menina amarrotou a manga da camisa.
  - b. A menina amarrotou a camisa na manga.
  
7. Arranhar
  - a. O gato arranhou o rosto do menino.
  - b. O gato arranhou o menino no rosto.
  
8. Bronzear
  - a. A esteticista bronzeou apenas as pernas da atriz.
  - b. A esteticista bronzeou a atriz apenas nas pernas.
  
9. Clarear
  - a. O cabeleireiro clareou as pontas do cabelo da modelo.
  - b. O cabeleireiro clareou o cabelo da modelo nas pontas.
  
10. Deformar
  - a. O acidente deformou o rosto da modelo.
  - b. O acidente deformou a modelo no rosto.
  
11. Embaraçar
  - a. A ventania embaraçou as pontas do cabelo da modelo.
  - b. A ventania embaraçou o cabelo da modelo nas pontas.

12. Empoeirar
  - a. A ventania empoeirou apenas os cantos dos móveis.
  - b. A ventania empoeirou os móveis apenas nos cantos.
  
13. Encrespar
  - a. O tratamento encrespou a raiz do cabelo da cantora.
  - b. O tratamento encrespou o cabelo da cantora na raiz.
  
14. Endurecer
  - a. O tratamento endureceu as pontas do cabelo da atriz.
  - b. O tratamento endureceu o cabelo da atriz nas pontas.
  
15. Ensebar
  - a. O tratamento ensebou a raiz do cabelo da cantora.
  - b. O tratamento ensebou o cabelo da cantora na raiz.
  
16. Estragar
  - a. O tratamento estragou a raiz do cabelo da cantora.
  - b. O tratamento estragou o cabelo da cantora na raiz.
  
17. Ferir
  - a. O lutador de esgrima feriu a perna do adversário.
  - b. O lutador de esgrima feriu o adversário na perna.
  
18. Fortificar
  - a. O tratamento fortificou a raiz do cabelo da cantora.
  - b. O tratamento fortificou o cabelo da cantora na raiz.
  
19. Hidratar
  - a. O tratamento hidratou as pontas do cabelo da atriz.
  - b. O tratamento hidratou o cabelo da atriz nas pontas.
  
20. Machucar
  - a. O menino machucou a perna do colega.

- b. O menino machucou o colega na perna.
21. Modificar
- a. O tratamento modificou a raiz do cabelo da atriz.
- b. O tratamento hidratou o cabelo da atriz na raiz.
22. Poluir
- a. As fábricas poluíram a periferia da cidade.
- b. As fábricas poluíram a cidade na periferia.
23. Quebrar
- a. A queda quebrou a beirada da tela do celular.
- b. A queda quebrou a tela do celular na beirada.
24. Rachar
- a. A queda rachou a beirada do espelho.
- b. A queda rachou o espelho na beirada.
25. Rasgar
- a. A menina rasgou a manga da camisa.
- b. A menina rasgou a camisa na manga.
26. Riscar
- a. A criança riscou as beiradas da folha.
- b. A criança riscou as folhas na beirada.
27. Rabiscar
- a. A criança rabiscou as beiradas da folha.
- b. A criança rabiscou as folhas na beirada.
28. Torrar
- a. O churrasqueiro torrou a beirada da linguiça.
- b. O churrasqueiro torrou a linguiça na beirada.

29. Tostar
- O churrasqueiro tostou a beirada da linguiça.
  - O churrasqueiro tostou a linguiça na beirada.
30. Trincar
- A queda trincou a beirada da tela do celular.
  - A queda trincou a tela do celular na beirada.
31. Umedecer
- O cabeleireiro umedeceu as pontas do cabelo da atriz.
  - O cabeleireiro umedeceu o cabelo da atriz nas pontas.
32. Vitalizar
- O tratamento vitalizou as pontas do cabelo da atriz.
  - O tratamento vitalizou o cabelo da atriz nas pontas.

**Verbos instrumentais (*chicotear*): {desencadeador/controle, afetado/ local de contato}**

1. Açoitar
- O homem açoitou as costas do escravo.
  - O homem açoitou o escravo nas costas.
2. Alfinetar
- O menino alfinetou o braço do colega.
  - O menino alfinetou o colega no braço.
3. Anavalhar
- O bandido anavalhou a barriga da vítima.
  - O bandido anavalhou a vítima na barriga.
4. Apedrejar
- O assassino apedrejou a cabeça da vítima.

- b. O assassino apedrejou a vítima na cabeça.
5. Apunhalar
    - a. O bandido apunhalou a perna do policial.
    - b. O bandido apunhalou o policial na perna.
  6. Balear
    - a. O policial baleou a cabeça do traficante.
    - b. O policial baleou o traficante na cabeça.
  7. Bombardear
    - a. Os rebeldes bombardearam a torre do castelo.
    - b. Os rebeldes bombardearam o castelo na torre.
  8. Chibatar
    - a. O homem chibatou as costas do escravo.
    - b. O homem chibatou o escravo nas costas.
  9. Chicotear
    - a. O homem chicoteou as costas do escravo.
    - b. O homem chicoteou o escravo nas costas.
  10. Esfaquear
    - a. O bandido esfaqueou a barriga da vítima.
    - b. O bandido esfaqueou a vítima na barriga.
  11. Flechar
    - a. O índio flechou a calda do jacaré.
    - b. O índio flechou o jacaré na calda.
  12. Fuzilar
    - a. O policial fuzilou a cabeça do bandido.
    - b. O policial fuzilou o bandido na cabeça.

13. Lixar
  - a. O marceneiro lixou as laterais da peça de madeira.
  - b. O marceneiro lixou a peça de madeira nas laterais.
  
14. Marretar
  - a. O pedreiro marretou a lateral da viga de concreto.
  - b. O pedreiro marretou a viga de concreto na lateral.
  
15. Martelar
  - a. O pedreiro martelou o lado errado do prego.
  - b. O pedreiro martelou o prego no lado errado.
  
16. Metralhar
  - a. O policial metralhou a cabeça do bandido.
  - b. O policial metralhou o bandido na cabeça.
  
17. Navalhar
  - a. O barbeiro navalhou a barba do freguês.
  - b. O barbeiro navalhou o freguês na barba.
  
18. Pinçar
  - a. A esteticista pinçou a bochecha da moça (por engano).
  - b. A esteticista pinçou a moça na bochecha (por engano).
  
19. Pincelar
  - a. O artista pincelou a borda no quadro.
  - b. O artista pincelou o quadro na borda.
  
20. Serrar
  - a. O marceneiro serrou as laterais da peça de madeira.
  - b. O marceneiro serrou a peça de madeira nas laterais.
  
21. Vassourar
  - a. A faxineira vassourou os cantos da parede.

b. A faxineira vassourou a parede nos cantos.

**Verbos de mudança de estado agentivos (*lavar*): {desencadeador/controle, afetado/  
local de contato}**

1. Afiar
  - a. O lenhador afiou as laterais do machado.
  - b. O lenhador afiou o machado nas laterais.
  
2. Amolar
  - a. O lenhador amolou as laterais do machado.
  - b. O lenhador amolou o machado nas laterais.
  
3. Aparar
  - a. O jardineiro aparou o topo das árvores.
  - b. O jardineiro aparou as árvores no topo.
  
4. Apontar
  - a. O menino apontou o lado errado do lápis.
  - b. O menino apontou o lápis no lado errado.
  
5. Arar
  - a. O fazendeiro arou a parte de cima do campo.
  - b. O fazendeiro arou o campo na parte de cima.
  
6. Arear
  - a. A empregada areou somente o fundo da panela.
  - b. A empregada areou a panela somente no fundo.
  
7. Aspirar
  - a. A empregada aspirou somente os cantos da sala.
  - b. A empregada aspirou a sala somente nos cantos.

8.     **Barbear**
  - a. O barbeiro barbeou somente o queixo do freguês.
  - b. O barbeiro barbeou o freguês somente no queixo.
  
9.     **Capinar**
  - a. O fazendeiro capinou a parte de cima do campo.
  - b. O fazendeiro capinou o campo na parte de cima.
  
10.    **Ceifar**
  - a. O fazendeiro ceifou a parte de cima do campo.
  - b. O fazendeiro ceifou o campo na parte de cima.
  
11.    **Cortar**
  - a. O marceneiro cortou as beiradas da madeira.
  - b. O marceneiro cortou a madeira nas beiradas.
  
12.    **Creumar**
  - a. O homem louco cremou apenas as pernas da mulher.
  - b. O homem louco cremou a mulher apenas nas pernas.
  
13.    **Defumar**
  - a. O açougueiro defumou só as pontas da linguiça.
  - b. O açougueiro defumou a linguiça só nas pontas.
  
14.    **Depilar**
  - a. A esteticista depilou as pernas da cliente.
  - b. A esteticista depilou a cliente nas pernas.
  
15.    **Desinfetar**
  - a. A manicure desinfetou a ponta do alicate.
  - b. A manicure desinfetou o alicate na ponta.
  
16.    **Enxaguar**
  - a. A mãe enxaguou as costas do menino.

- b. A mãe enxaguou o menino nas costas.
17. Enxugar
- a. A mãe enxugou as costas do menino.
  - b. A mãe enxugou o menino nas costas.
18. Escavar
- a. O arqueólogo escavou a parte de baixo do terreno.
  - b. O arqueólogo escavou o terreno na parte de baixo.
19. Esfregar
- a. A mãe esfregou as costas do menino.
  - b. A mãe esfregou o menino nas costas.
20. Espanar
- a. A faxineira espanou apenas os cantos dos móveis.
  - b. A faxineira espanou os móveis apenas nos cantos.
21. Higienizar
- a. A manicure higienizou a ponta do alicate.
  - b. A manicure higienizou o alicate na ponta.
22. Irrigar
- a. O fazendeiro irrigou a parte de cima do campo.
  - b. O fazendeiro irrigou o campo na parte de cima.
23. Lapidar
- a. O joalheiro lapidou as laterais do diamante.
  - b. O joalheiro lapidou o diamante nas laterais.
24. Lavar
- a. A lavadeira lavou apenas a gola da camisa.
  - b. A lavadeira lavou a camisa apenas na gola.

25. Limpar
- a. A faxineira não limpou somente os cantos da sala.
  - b. A faxineira não limpou a sala somente nos cantos.
26. Lustrar
- a. A faxineira não lustrou os cantos dos móveis.
  - b. A faxineira não lustrou os móveis nos cantos.
27. Moer
- a. O açougueiro moeu apenas a ponta da linguiça.
  - b. O açougueiro moeu a linguiça apenas na ponta.
28. Passar
- a. A passadeira não passou a gola da camisa.
  - b. A passadeira não passou a camisa na gola.
29. Perfurar
- a. O escavador perfurou a parte de cima do terreno
  - b. O escavador perfurou o terreno na parte de cima.
30. Picar
- a. A cozinheira picou as pontinhas da hortelã.
  - b. A cozinheira picou a hortelã nas pontinhas.
31. Picotar
- a. A menina picotou as beiradas do papel.
  - b. A menina picotou o papel nas beiradas.
32. Podar
- a. O jardineiro podou o topo da árvore.
  - b. O jardineiro podou a árvore no topo.
33. Raspar
- a. A funcionária do petshop raspou as patinhas do poodle.

- b. A funcionária do petshop raspou o poodle nas patinhas.
34. Secar
- a. A cozinheira secou a beirada da pia.
- b. A cozinheira secou a pia na beirada.
35. Talhar
- a. O carpinteiro talhou as laterais da madeira de lei.
- b. O carpinteiro talhou a madeira de lei nas laterais.
36. Tosar
- a. A funcionária do petshop tosou as patinhas do poodle.
- b. A funcionária do petshop tosou o poodle nas patinhas.
37. Tosquiar
- a. O fazendeiro tosquiou as costas das ovelhas.
- b. O fazendeiro tosquiou as ovelhas nas costas.
38. Varrer
- a. A faxineira não varreu os cantos da casa.
- a. A faxineira não varreu a casa nos cantos.

**Verbos de mudança de posse (*acorrentar*): {desencadeador/controlado, afetado/ local de contato}**

1. Acarpetar
- a. A madame acarpetou somente o centro da sala.
- b. A madame acarpetou a sala somente no centro.
2. Acorrentar
- a. O policial acorrentou os pés do bandido.
- b. O policial acorrentou o bandido nos pés.

3. Adubar
  - a. A mulher adubou apenas a parte de cima do jardim.
  - b. A mulher adubou o jardim apenas na parte de cima.
  
4. Agasalhar
  - a. A mãe agasalhou as costas da filha.
  - b. A mãe agasalhou a filha nas costas.
  
5. Agrilhoar
  - a. O barão do café agrilhoou os pés dos escravos.
  - b. O barão do café agrilhoou os escravos nos pés.
  
6. Alfinetar
  - a. A costureira alfinetou as laterais do vestido.
  - b. A costureira alfinetou o vestido nas laterais.
  
7. Alinhavar
  - a. A costureira alinhavou as laterais do vestido.
  - b. A costureira alinhavou o vestido nas laterais.
  
8. Arborizar
  - a. O prefeito arborizou a periferia da cidade.
  - b. O prefeito arborizou a cidade na periferia.
  
9. Asfaltar

O prefeito asfaltou a periferia da cidade.

  - b. O prefeito asfaltou a cidade na periferia.
  
10. Assoalhar
  - a. A madame assoalhou apenas o canto da sala.
  - b. A madame assoalhou a sala apenas no canto.
  
11. Atapetar
  - a. A madame atapetou apenas o canto da sala.

- b. A madame atapetou a sala apenas no canto.
12. Atijolar
- a. O pedreiro atijolou apenas o canto da parede.
- b. O pedreiro atijolou a parede apenas no canto.
13. Azulejar
- a. O pedreiro azulejou apenas o canto da parede.
- b. O pedreiro azulejou a parede apenas no canto.
14. Cercar
- a. O pedreiro cercou as laterais do terreno.
- b. O pedreiro cercou o terreno nas laterais.
15. Cimentar
- a. O pedreiro cimentou apenas o canto da parede.
- b. O pedreiro cimentou a parede apenas no canto.
16. Concretar
- a. O pedreiro concretou apenas o canto da parede.
- b. O pedreiro concretou a parede apenas no canto.
17. Dedetizar
- a. A madame dedetizou apenas o lado de fora da casa.
- b. A madame dedetizou a casa apenas no lado de fora.
18. Ensaboar
- a. A mãe ensaboou as costas da criança.
- b. A mãe ensaboou a criança nas costas.
19. Engraxar
- a. O engraxate engraxou apenas o salto do sapato.

- b. O engraxate engraxou o sapato apenas no salto.
20. Envernizar
- a. O marceneiro envernizou apenas o centro da mesa.
- b. O marceneiro envernizou a mesa apenas no centro.
21. Murar
- a. O pedreiro murou a parte da frente do terreno.
- b. O pedreiro murou o terreno na parte da frente.
22. Perfumar
- a. A vendedora perfumou apenas a gola da camisa.
- b. A vendedora perfumou a camisa apenas na gola.

**Verbos de mudança de estado de posse (*cobrir*): {desencadeador/controlador, afetado/local de contato, Z}**

1. Cobrir
- a. A mãe cobriu as perninhas da criança com uma coberta de lã.
- b. A mãe cobriu a criança nas perninhas com uma coberta de lã.
2. Embrulhar
- a. A vendedora embrulhou apenas as pernas da boneca com um papel cinza.
- b. A vendedora embrulhou a boneca apenas nas pernas com um papel cinza.
3. Lambuzar
- a. O menino sapeca lambuzou a bochecha da menina com picolé.
- b. O menino sapeca lambuzou a menina na bochecha com picolé.
4. Molhar
- a. A moça molhou barra do vestido com suco.
- b. A moça molhou o vestido na barra com suco.
5. Tingir
- a. A cabeleireira tingiu as pontas do cabelo da modelo com uma tinta rosa.

- a. A cabeleireira tingiu o cabelo da modelo nas pontas com uma tinta rosa.

**Verbos de mudança de lugar (*embalar*): {desencadeador/controle, afetado/ local de contato}**

1. Desembalar

- a. A vendedora desembalou apenas a perna da boneca.
- b. A vendedora desembalou a boneca apenas na perna.

2. Embalar

- a. A vendedora embalou apenas a perna da boneca.
- b. A vendedora embalou a boneca apenas na perna.

**Fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos – v: {afetado, (Z)}**

**Verbos inacusativos de dois lugares (*bater*): {afetado, Z}**

1. Bater

- a. A mão da menina bateu na parede.
- b. A menina bateu a mão na parede.

## ANEXO

### **Fatoração do argumento estativo – $v$ : {X, estativo/objeto motivador}**

#### **Classe de *temer*: {estativo/condição mental, estativo/objeto motivador}**

Dados retirados de Cançado (1995)

1. Abominar
  - a. A mulher abominou a conduta do marido.
  - b. A mulher abominou o marido por sua conduta.
  
2. Admirar
  - a. O homem admira a beleza da esposa.
  - b. O homem admira a esposa por sua beleza.
  
3. Adorar
  - a. O pai adora as qualidades da filha.
  - b. O pai adora a filha pelas suas qualidades
  
4. Almejar
  - a. Todos almejam o bom salário do emprego.
  - b. Todos almejam o emprego pelo seu bom salário.
  
5. Amar
  - a. A mulher ama as qualidades do marido.
  - b. A mulher ama o marido por suas qualidades.
  
6. Ambicionar
  - a. O governo ambiciona o ouro da Serra Branca.
  - b. O governo ambiciona a Serra Branca pelo seu ouro.
  
7. Antipatizar
  - a. O menino antipatizou com as manias do colega.

- b. O menino rapaz antipatizou com o colega por suas manias.
8. Apreciar
- a. O marido aprecia a beleza da esposa.
  - b. O marido aprecia a esposa por sua beleza.
9. Cobiçar
- a. O Pedro cobiçava o salário do emprego.
  - b. O Pedro cobiça o emprego pelo salário.
10. Contemplar
- a. O público contemplava a beleza da bailarina.
  - b. O público contemplava a bailarina por sua beleza.
11. Curtir
- a. A Joana curtia o jeito carinhoso do namorado.
  - b. A Joana curtia o namorado pelo seu jeito carinhoso.
12. Depreciar
- a. O professor depreciou o trabalho porco da Maria.
  - b. O professor depreciou a Maria pelo seu trabalho porco.
13. Desapreciar
- a. O velho desaprecia o latido agudo dos cães.
  - b. O velho desaprecia os cães pelos seus latidos agudos.
14. Desprezar
- a. O menino desprezou o jeito bobo do colega.
  - b. O menino desprezou o colega pelo seu jeito meio bobo.
15. Detestar
- a. Maria detesta o ar seco dos dias de inverno.
  - b. Maria detesta os dias de inverno pelo ar seco.

16. Estranhar
  - a. A menina estranhou o comportamento agressivo do cachorro.
  - b. A menina estranhou o cachorro pelo seu comportamento agressivo.
  
17. Execrar
  - a. Alexandre execrava a fraqueza dos perdedores.
  - b. Alexandre execrava os perdedores por sua fraqueza.
  
18. Gostar
  - a. O rapaz gostava da beleza da namorada.
  - b. O rapaz gostava da namorada por sua beleza.
  
19. Louvar
  - a. Os fieis louvam as graças do senhor.
  - b. Os fieis louvam o senhor por suas graças.
  
20. Menosprezar
  - a. O professor menosprezava as perguntas fora de hora do aluno.
  - b. O professor menosprezava o aluno por suas perguntas fora de hora.
  
21. Odiar
  - a. Os pais odeiam o comportamento vulgar da filha.
  - b. Os pais odeiam a filha pelo seu comportamento vulgar.
  
22. Querer
  - a. A empresa queria a competência daquele funcionário.
  - b. A empresa queria aquele funcionário por sua competência.
  
23. Recear
  - a. A menina receava a agressividade dos irmãos.
  - b. A menina receava os irmãos por sua agressividade.

24. Repelir
- a. O aluno repeliu a sordidez da ideia do professor.
  - b. O aluno repeliu a ideia do professor por sua sordidez.
25. Repudiar
- a. O governante repudiou a imparcialidade do tratado.
  - b. O governante repudiou a imparcialidade do tratado.
26. Respeitar
- a. O neto respeita a idade da avó.
  - b. O neto respeita a avó por sua idade.
27. Reverenciar
- a. O povo reverenciava os feitos de JK.
  - b. O povo reverenciava JK pelos seus feitos.
28. Subestimar
- a. A mulher subestimou a aparência desleixada do advogado.
  - b. A mulher subestimou o advogado por sua aparência desleixada.
29. Superestimar
- a. O paciente superestimava a profissão do doutor.
  - b. O paciente superestimava o doutor por sua profissão.
30. Temer
- a. Os fiéis temem a força de Deus.
  - b. Os fiéis temem Deus por sua força.

**Fatoração do argumento desencadeador do evento – v: {desencadeador, X}**

Dados retirados do banco de dados VerboWeb

**Verbos de mudança de estado não volitivos (*empobrecer*): {desencadeador, afetado}** – 40 verbos no VerboWeb (acessado em 12/06/2018)

1. Banalizar
  - a. O discurso do presidente banalizou o trabalho doméstico.
  - b. O presidente banalizou o trabalho doméstico com o seu discurso.
  
2. Cansar
  - a. A brincadeira do menino cansou o cãozinho.
  - b. O menino cansou o cãozinho com sua brincadeira.
  
3. Congestionar
  - a. O protesto dos professores congestionou o trânsito.
  - b. Os professores congestionaram o trânsito com o protesto.
  
4. Empobrecer
  - a. As dívidas altíssimas da mulher empobreceram o marido.
  - b. A mulher empobreceu o marido com suas dívidas altíssimas.
  
5. Endividar
  - a. Os gastos excessivos do filho endividaram o pai.
  - b. O filho endividou o pai com seus gastos excessivos.
  
6. Enriquecer
  - a. O trabalho árduo da mulher enriqueceu a família.
  - b. A mulher enriqueceu a família com o seu trabalho árduo.
  
7. Fatigar
  - a. As exigências do guia fatigaram os turistas.
  - b. O guia fatigou os turistas com suas exigências.
  
8. Nausear
  - a. A gororoba do cozinheiro nauseou a tripulação.
  - b. O cozinheiro nauseou a tripulação com sua gororoba.

9. Ruborizar
  - a. A anedota do humorista ruborizou a moça.
  - b. O humorista ruborizou a moça com sua anedota.
  
10. Turvar
  - a. A sujeira das indústrias turvou a água do rio.
  - b. As indústrias turvaram a água do rio com sua sujeira.

**Verbos de mudança de estado psicológico (*preocupar*): {desencadeador, afetado/condição mental} – 168 verbos no VerboWeb (acessado em 12/06/2018)**

1. Abalar
  - a. A arrogância do professor abalou os alunos.
  - b. O professor abalou os alunos com sua arrogância.
  
2. Alegrar
  - a. O comentário do professor alegrou o estudante.
  - b. O professor alegrou o estudante com o seu comentário.
  
3. Azucrinar
  - a. As brincadeiras maldosas dos colegas azucrinaram a adolescente.
  - b. Os colegas azucrinaram a adolescente com suas brincadeiras maldosas.
  
4. Comover
  - a. O discurso do candidato comoveu o povo.
  - b. O candidato comoveu o povo com o seu discurso.
  
5. Confundir
  - a. A indecisão do noivo confundiu a jovem.
  - b. O noivo confundiu a jovem com sua indecisão.

6. Iludir
  - a. As mentiras do rapaz iludiram a menina.
  - b. O rapaz iludiu a menina com suas mentiras.
  
7. Magoar
  - a. A atitude da Fernanda magoou a Dona Maria.
  - b. A Fernanda magoou a Dona Maria com sua atitude.
  
8. Preocupar
  - a. A chegada da filha preocupou a mãe.
  - b. A filha preocupou a mãe com sua chegada.
  
9. Seduzir
  - a. As novas propostas dos políticos seduziram o povo.
  - b. Os políticos seduziram o povo com suas novas propostas.
  
10. Traumatizar
  - a. A ira do professor traumatizou o menino.
  - b. O professor traumatizou o menino com sua ira.

**Fatoração do argumento afetado com verbos inacusativos – v: {afetado, (Z)}**

Dados retirados do banco de dados VerboWeb

**Verbos incoativos: {afetado}** - 271 verbos de mudança de estado no VerboWeb  
(acessado em 14/06/2018)

1. Achatar
  - a. A lataria do carro achatou.
  - b. O carro achatou a lataria.
  
2. Amassar
  - a. A porta do carro amassou.
  - b. O carro amassou a porta.

3. Clarear
  - a. As pontas do cabelo da modelo clarearam.
  - b. O cabelo da modelo clareou as pontas.
4. Congelar
  - a. Os dedos do alpinista congelaram.
  - b. O alpinista congelou os dedos.
5. Deformar
  - a. O rosto do bandido deformou.
  - b. O bandido deformou o rosto.
6. Fechar
  - a. A porta do elevador fechou.
  - b. O elevador fechou a porta.
7. Rasgar
  - a. A manga da blusa rasgou.
  - b. A blusa rasgou a manga.
8. Ressecar
  - a. As pontas do cabelo da menina ressecaram.
  - b. O cabelo da menina ressecou as pontas.
9. Sujar
  - a. A manga da camisa sujou.
  - b. A camisa sujou a manga.
10. Trincar
  - a. O vidro do carro trincou.
  - b. O carro trincou o vidro.